

maio-junho de 2011 – ano 52 – n. 278



vida pastoral

REVISTA BIMESTRAL PARA SACERDOTES E AGENTES DE PASTORAL



PASTORAL EM NOVAS PERSPECTIVAS (I)

Liturgia e corporeidade — Pe. Silvio Sassi, ssp, p. 3

Revitalização das paróquias — Côn. Edson Oriolo, p. 5

A pastoral em novas perspectivas (I): Introdução ao tema — Pe. Nicolau João Bakker, svd, p. 8

Coleção Catequese Permanente: Entendendo a proposta — Pe. Orione Silva, Solange do Carmo p. 24

Roteiros homiléticos — Pe. Johan Konings, sj, p. 34

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

A partir desta edição, apresentaremos uma série de quatro edições de Vida Pastoral focadas no tema “Pastoral em novas perspectivas”, com artigos que interpretam a realidade atual, identificam desafios e obstáculos e indicam pistas de caminhos a serem assumidos pastoralmente. Dessa forma, procuramos ir ao encontro das prementes necessidades pastorais da Igreja. Tais edições serão, além desta, as de julho/agosto, novembro/dezembro e janeiro/fevereiro.

No decurso dos séculos, o mundo e a humanidade têm passado por profundas transformações; na atualidade, esses processos de mudança se aceleram, embalados pelo ritmo frenético das tecnologias e das descobertas científicas. Como pano de fundo das transformações históricas estão os grandes paradigmas de compreensão da realidade, chamados “cosmovisões”. Conhecemos, ao longo da história, três cosmovisões: a teológica, segundo a qual Deus ou as divindades são o centro de todas as coisas; a antropológica, na qual o ser humano e a razão humana, particularmente, são considerados o centro e a medida de tudo; e a nova cosmovisão, ecológica, que ganha contornos no presente, segundo a qual o todo da criação se encontra no centro, tudo está interligado e tudo depende de tudo.

Essas cosmovisões, como poderemos ver no artigo do pe. Nicolau Bakker, são geradoras de sentido, e todas as pessoas, consciente ou inconscientemente, deixam-se guiar por elas. Embora as cosmovisões se mesquem, em cada época há uma que é predominante, a qual afeta profundamente a ação pastoral da Igreja. Ter como princípio norteador das pregações, da

pastoral, da moral e da eclesiologia cosmovisões ultrapassadas em um mundo que evoluiu leva a ação evangelizadora a baixos resultados.

Deus é absoluto e eterno, a plenitude de sua revelação cumpriu-se em Jesus Cristo. Mas a compreensão humana dele e do que ele revelou não é absoluta, nem eterna, nem imutável. Nenhuma época esgota o conhecimento de Deus e da realidade. A revelação de Deus se realiza na história, e a compreensão dela se transforma à medida que a humanidade adquire novos conhecimentos e passa por novas experiências.

Dessa forma, o que propomos com as edições sobre “pastoral em novas perspectivas” é conhecer mais as mudanças pelas quais o mundo passou e passa, para que a pastoral possa dialogar com elas. Assim se podem aproveitar as oportunidades oferecidas pela cosmovisão ecológica para compreender a Deus e falar dele de maneira renovada, com novas práticas pastorais em sintonia com a humanidade de hoje.

Talvez alguns leitores venham a pensar que os artigos do pe. Nicolau Bakker, nesta e nas próximas edições, trazem muitos dados científicos, da física, da biologia, da química, e que o público da paróquia, do grupo ou da pastoral pouco ou nada tem a ver com isso. Não podemos nos acomodar com esse tipo de “crença”, pois, embora boa parte da população não conheça a fundo a ciência e os dados científicos, a mentalidade gerada pelos avanços científicos se populariza de diversas maneiras e, mais cedo ou mais tarde, chega à grande maioria. Isso tem muitas implicações para a pastoral.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Diretor Pe. Zolferino Tonon

Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP

Equipe de redação Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin,
Pe. Valdéz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia,
Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta

Editoração PAULUS

ASSINATURAS assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789.4000 • FAX: 3789.4004
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS - São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br

12570-000 - APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros - Lojas 44,45,78,79
T.: (12) 3104.1145 • aparecida@paulus.com.br

49010-000 - ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 • T.: (79) 3211.2927
aracaju@paulus.com.br

66019-100 - BELÉM/PA
Rua 28 de setembro, 61 - Campina • T.: (91) 3212.1195
belem@paulus.com.br

30160-906 - BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1136 - Ed. Arcângelo Maleta
T.: (31) 3274.3299 • bh@paulus.com.br

70304-900 - BRASÍLIA/DF
SCS - Q.1 - Bloco I - Edifício Central - Loja 15 - Asa Sul
T.: (61) 3225.9847 • brasilia@paulus.com.br

13015-002 - CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguará, 1163 • T.: (19) 3231.5866
campinas@paulus.com.br

79002-205 - CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 - Centro • T.: (67) 3382.3251
campogrande@paulus.com.br

95010-005 - CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilho, 2029 • T.: (54) 3221.7797
caxias@paulus.com.br

78005-420 - CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180 • T.: (65) 3623.0207
cuiaba@paulus.com.br

80010-030 - CURITIBA/PR
Pça. Rui Barbosa, 599 • T.: (41) 3223.6652
curitiba@paulus.com.br

88010-030 - FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 • T.: (48) 3223.6567
florianopolis@paulus.com.br

60025-130 - FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523 • T.: (85) 3252.4201
fortaleza@paulus.com.br

74023-030 - GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 - Centro • T.: (62) 3223.6860
goiania@paulus.com.br

58010-670 - JOÃO PESSOA/PB
Praça Dom Adauto, S/N - Junto à Cúria - Centro
T.: (83) 3221.5108 • joaopessoa@paulus.com.br

36016-311 - JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 • T.: (32) 3215.2160
juizdefora@paulus.com.br

69010-210 - MANAUS/AM
Rua Itamaracá, 21, Centro • T.: (92) 3622.7110
manaus@paulus.com.br

59025-260 - NATAL/RN
Rua Cel. Cascudo, 333 - Cidade Alta • T.: (84) 3211.7514
natal@paulus.com.br

90010-090 - PORTO ALEGRE/RS
Rua Dr. José Montauri, 155 - Centro • T.: (51) 3227.7313
portoalegre@paulus.com.br

50020-000 - RECIFE/PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B • T.: (81) 3224.9637
recife@paulus.com.br

14015-040 - RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 • T.: (16) 3610.9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

20031-145 - RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B • T.: (21) 2240.1303
riodejaneiro@paulus.com.br

40060-001 - SALVADOR/BA
Av. 7 de Setembro, 80 - Rel. de S. Pedro • T.: (71) 3321.4446
salvador@paulus.com.br

09015-200 - SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 • T.: (11) 4992.0623
stoandre@paulus.com.br

65015-370 - SÃO LUÍS/MA
Rua do Passeio, 229 - Centro - T.: (98) 3231.2665
saoluís@paulus.com.br

15015-110 - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua XV de Novembro, 2826 • T.: (17) 3233.5188
riopreto@paulus.com.br

29010-120 - VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 • T.: (27) 3323.0116
vitoria@paulus.com.br

PAULUS EM SÃO PAULO

01001-001 - PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180 • T.: (11) 3105.0030
pracase@paulus.com.br

05576-200 - RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5 • T.: (11) 3789.4005
raposotavares@paulus.com.br

01060-970 - ASSINATURAS / DISTRIBUIÇÃO
Via Raposo Tavares, Km 18,5
caixa postal 2534 • São Paulo/SP
T.: (11) 3789.4000 • Fax: 3789.4004 • assinaturas@paulus.com.br

04117-040 - VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207 - Metrô Vila Mariana
T.: (11) 5549.1582 • vilamariana@paulus.com.br

LITURGIA E CORPOREIDADE

Pe. Silvio Sassi, ssp*

Em que medida os cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato) são envolvidos nas formas celebrativas da fé? Quais sentidos do corpo são, de fato, privilegiados na liturgia dos sacramentos e, de modo particular, na celebração eucarística? É verdade que nas celebrações litúrgicas do Ocidente prevaleceu o verbalismo e o intelectualismo em detrimento da corporeidade?

Essa série de interrogações deixa clara a necessidade de interpretação dos fenômenos que podem ser observados, com acentos variados, nas celebrações em nossas paróquias. Uma maior participação, às vezes mais perceptível em alguns momentos do ano litúrgico, pode encontrar uma motivação a mais também num maior envolvimento do corpo na celebração. A procura pelo ramo bento (domingo de Ramos) e a cinza na cabeça (início da Quaresma) pedem uma expressão mais concreta da fé e um empenho de conversão.

A valorização do corpo pode ser encontrada no hábito de levar flores a Nossa Senhora ou a um santo de devoção; no gesto de acender uma vela em pagamento a uma promessa; no tocar ou beijar uma imagem; na busca pelo pão de santo Antônio ou de uma gota de água benta durante uma bênção; na devoção a um santo popular (são Judas, santo Expedito, santo Antônio, santa Edviges etc.).

Embora não seja a motivação principal, também a necessidade de dar atenção a verdadeiros ou pretensos milagres ou aparições pode estar ligada à exaltação da sensibilidade cor-

pórea, mediação indispensável da vida de fé. Descartando a solução fácil, mas superficial, de justificar a maior participação corpórea como efeito das exigências da piedade popular, deve-se ver o complexo fenômeno do corpo na liturgia além da perspectiva da comunicação: o corpo é, antes de tudo, um conjunto de canais receptores.

Os estudos da fisiologia aperfeiçoaram o conhecimento do corpo, considerado como um conjunto de células sensitivas especializadas na percepção da luz, do som, do sabor, do contato, do odor e coligadas com uma complexa rede de nervos que continuamente transmitem dados à atividade cerebral, que por sua vez funciona como um centro de elaboração das informações recebidas. Toda pessoa, no momento de seu nascimento, salvo os casos de deficiência, encontra-se dotada dos cinco sentidos como instrumento de ligação com seu interior e com tudo o que está fora de si. Essas potencialidades iniciais, iguais para todos, condicionadas, desde os primeiros momentos da existência, pelo ambiente e pela educação, terão um desenvolvimento diversificado.

A antropologia atual desmistifica toda tentativa que leve a acreditar em uma universalidade da percepção sensorial e alerta contra o desejo de uma única cultura hegemônica de fazer do próprio modelo cultural perceptivo

* Superior-geral dos Paulinos e membro do Pontifício Conselho para as Comunicações; é especialista em Comunicação pela Sorbonne. Tradução: Ir. Teresa Boschetto, ap, e Ir. Clotilde Prates, ap.

a única possibilidade para os sentidos. A diversidade não pode ser atribuída somente ao suposto grau de civilidade “primitiva” ou “moderna”: as experiências de ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar assumem diversos significados de cultura para cultura também hoje.

O uso dos sentidos na liturgia é submetido a uma escolha preliminar: deve-se valorizar a educação perceptiva em ato em determinada cultura ou a liturgia tem uma autonomia perceptiva que vai além de todas as culturas e é, portanto, transplantável sem nenhum problema? Se, de fato, a celebração litúrgica quisesse uma utilização “completamente diferente” dos sentidos, deveria ter uma educação paralela, com o risco de sair da história concreta para terminar em conflitos irredutíveis ou na não comunicação. Por outro lado, a valorização da percepção já adquirida, mesmo se submetida à adequação e às potencialidades, permite um processo de inculturação que leva em conta a globalidade da pessoa que comunica na liturgia.

Toda reflexão sobre a valorização dos sentidos do corpo na liturgia pede a vinculação do específico religioso à socialização corpórea já formada.

Detendo-nos em nossa experiência cultural, podemos constatar que o fiel traz consigo uma educação perceptiva com algumas acentuações. A hierarquia que parece estar instalada, também por meio das tecnologias da comunicação, enumera em ordem decrescente: visão, audição, tato, paladar e olfato. A cultura leva a privilegiar a junção audiovisual, mais coligada à imagem que à língua, mais para um envolvimento dinâmico do que para uma segurança estática.

Dispondo do uso dos sentidos na celebração eucarística, o fiel sabe antecipadamente, pelo conhecimento das regras do rito, qual dos sentidos será mais solicitado e de que forma: escutará os textos da Sagrada Escritura, a homilia, as orações, os cantos, a música; verá uma arquitetura conhecida, uma decoração, uma disposição dos objetos e das pessoas no espaço celebrativo; saboreará o pão e o vinho

consagrados; apertará a mão do vizinho no momento da paz; sentirá o perfume do incenso, das velas, das flores. As expectativas presentes no fiel estão centradas mais na segurança de um papel a ser repetido, mesmo com as devidas originalidades, do que numa ação a ser inventada: a porcentagem de expectativa do novo por meio do uso de seus sentidos é baixa em relação ao uso habitual.

A situação inicial de comunicação protegida do imprevisto, com o passar do tempo, pode degenerar em simples “repetição de um rito”, que tranquiliza, mas com dificuldade torna-se oração.

A diversidade de uso dos sentidos na celebração eucarística não deve ser considerada somente em relação a uma educação anterior na cultura local, mas também em relação ao significado que o sensível assume na fé celebrada: “Os sentidos mais acurados não podem, sozinhos, captar o valor da água benta”. Se é verdade que a palavra deve conduzir a um significado litúrgico, contudo não é improvável que exista um desvio progressivo rumo a um logocentrismo onipresente. A dimensão de sinal e símbolo dos quais se nutre a celebração litúrgica, quando ligada às possibilidades perceptivas do corpo, encontra material para a reflexão sobre o empobrecimento dos sinais, sobre a construção sofisticada dos símbolos, e, dessa forma, propõe novamente a necessidade de desvelar também os próprios postulados sobre o corpo. A comunicação na liturgia não pode fundar-se nem sobre a corporeidade apenas nem sobre a negação do corpo.

FOLHETO O DOMINGO
CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Trata-se de um excelente subsídio para as celebrações litúrgicas nas comunidades sem padres. O folheto auxilia na preparação e na animação das celebrações da Palavra, trazendo as leituras, orações, comentários e dicas para a reflexão sobre as leituras, além de artigos para o enriquecimento catequético-pastoral e espiritual.

Assinaturas: (11) 3789-4000
ou pelo e-mail: assinaturas@paulus.com.br
Criação PAULUS / Imagens meramente ilustrativas.



REVITALIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS

Côn. Edson Oriolo*

A Igreja tem a missão de evangelizar. Desde seu início, ela sabe da necessidade de anunciar a boa-nova, segundo a ordem de Jesus: “Ide por todo o mundo, proclamai o evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

A Igreja sempre se preocupou em responder a essa nobilíssima vocação de ser portadora da boa-nova e sacramento universal de salvação (LG 48). Para tanto, no decorrer do tempo, criou estruturas, uma das quais é a paróquia.

No início da era cristã, o império romano abrangia grandes metrópoles como Roma, Alexandria e Antioquia da Síria, ligadas entre si pelas vias romanas. Com a expansão do cristianismo, em Roma e Alexandria, os presbíteros começaram a presidir assembleias cristãs, dispersas pelas cidades, mas as grandes celebrações do batismo e da eucaristia eram reservadas aos bispos.

A Igreja, sob a presidência do bispo, com seus presbíteros e diáconos, desenvolveu-se até o século V com base nas comunidades estabelecidas nas cidades.

Com a queda do império romano, as cidades perderam a importância e houve o predomínio rural, acarretando enorme perturbação na organização da Igreja. Surgiram vários lugares de culto, espalhados pelos campos, e foi implementado o sistema paroquial, no qual o bispo concedia ao pároco poderes para celebrar localmente a eucaristia nas festas mais solenes.

Assim sendo, a partir do século VI, multiplicaram-se as Igrejas rurais menores, isto

é, as paróquias, à frente das quais estava um presbítero diocesano ou um presbítero paroquial, que imitavam toda ação do bispo para responder às necessidades dos fiéis.

Com a Renascença, a Reforma Protestante e os concílios dos séculos XVII e XVIII, foi se estruturando o sistema paroquial. A preocupação recaía mais sobre a boa organização, sobre os registros, sobre a contabilidade e as festas populares do que sobre a santidade manifestada no testemunho cristão da consciência e sobre a obrigação missionária da Igreja Católica (cf. LG 42 a 49).

Historicamente, a estrutura paroquial foi ganhando forças principalmente com os padres conciliares no Vaticano II, que analisaram a evolução do sistema paroquial como uma condição histórica do cumprimento do mandato de Jesus. Basta percorrermos os documentos conciliares, o Código de Direito Canônico e o Catecismo da Igreja Católica.¹

Porém, nos tempos subsequentes, pela década de 70 e 90, por conta do progresso e da urbanização, a instituição paroquial passou a ser objeto de grandes interrogações e reflexões. Poderíamos dizer: uma instituição vetusta?

O documento *Catechesi Tradendae*, fruto do Sínodo de 1977 sobre catequese, afirmou: “A paróquia foi profundamente abalada pelo

* Mestre em Filosofia Social, especialista em Marketing, pós-graduado em Gestão Estratégica de Pessoas, pároco da Catedral Metropolitana de Pouso Alegre.

fenômeno da urbanização. Alguns chegaram mesmo a admitir com demasiada facilidade que a paróquia estava ultrapassada, se não mesmo voltada ao desaparecimento, em favor de pequenas comunidades mais adaptadas e mais eficazes” (n. 67).

No entanto, o mundo urbano nos apresenta novas questões e pede novas respostas. Não podemos descansar num cristianismo tradicional, baseado em ritos e tradições culturais. Temos de ser visionários em relação à instituição paroquial.

Foi a partir da década de 80 que a instituição paroquial ganhou maior renovação na linha eclesiológica, sendo progressivamente reconhecida e revalorizada. No final do ano de 1988, na exortação apostólica pós-sinodal *Christifidelis Laici*, sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, o papa João Paulo II afirmou que as paróquias vivem numa fase nova e prometedora: “A paróquia não é uma estrutura, um território, um edifício, mas é a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade; é uma casa de família, fraterna e acolhedora, é a comunidade dos fiéis” (n. 26).

Com efeito, cada paróquia está fundada sobre uma realidade teológica, pois é comunidade eucarística. Isso significa que é comunidade idônea para celebrar a eucaristia, na qual se situam a raiz viva do seu edificar-se e o vínculo sacramental do seu estar em plena comunhão com toda a Igreja. Essa idoneidade repousa no fato de a paróquia ser uma comunidade de fé e orgânica, isto é, constituída pelos ministros ordenados e pelos outros cristãos, na qual o pároco, que representa o bispo diocesano, é o vínculo hierárquico com toda a Igreja particular (Congregação para o Clero, *O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*, 2002, n. 18).

Com o passar do tempo e, recentemente, com os processos de urbanização, reurbanização e conurbação, a estrutura paroquial ainda continua objeto de discussão e questionamento.

O âmbito desse questionamento é muito variado: uns comentam a abolição desse

modelo, pois o consideram sem perspectiva; alguns dizem que é algo medieval e rural; outros afirmam, ainda, que é uma realidade totalmente voltada para si mesma, uma instituição eclesial que ignora o crescimento e o desenvolvimento do mundo.

O surgimento da civilização urbana transforma os modos de viver, as estruturas habituais da existência e os relacionamentos na família, na vizinhança, modificando os próprios moldes da comunidade eclesial.

Assim, cada atividade paroquial precisa ser fecundada pelo amor, para que seja mediação efetiva de encontro com Deus. Para tanto, fazem-se necessários três paradigmas: a) identificar a finalidade da paróquia; b) estreitar os vínculos entre os paroquianos; c) selecionar os melhores processos de interação com outras paróquias.

a) Identificar a finalidade da paróquia

Para que a paróquia seja revitalizada, é necessário redimensionar, identificar e explicitar sua finalidade no mundo contemporâneo. Para tanto, convém retomar a exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*, de João Paulo II, a qual, no número 41, deixa bem clara a missão paroquial.

Para que atinja sua finalidade, a paróquia deve ser: acolhedora e solidária; lugar da iniciação cristã, da educação e da celebração da fé; aberta à variedade de carismas, serviços e ministérios; comprometida com os movimentos de apostolado e atenta às distintas culturas dos habitantes.

O *Documento de Aparecida* vem se somar e tornar-se também uma bússola para resgatar e revalorizar a instituição paróquia, principalmente quando descreve sua natureza e sua missão, incentivando “uma corajosa ação renovadora” (n. 170). Nos números 170-177, faz duas grandes abordagens sobre a paróquia: a identidade e a organização da vida paroquial.

Em relação à missão, o documento diz ser um lugar privilegiado onde a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo, pois

Jesus, antes de pregar, viveu no meio de nós, conheceu a nossa condição, foi ao encontro das pessoas, foi presença. Assim também que as paróquias sejam casas e escolas de comunhão eclesial (cf. *ibid.*, n. 170). A paróquia, presente no meio das casas dos seus filhos, tem a missão de ser casa de família, fraterna e acolhedora (cf. *Christifidelis Laici*, n. 26).

b) Estreitar os vínculos entre os paroquianos

Em consequência do item anterior, a comunidade paroquial se reúne para partir o pão da Palavra e da eucaristia e perseverar na catequese, na vida sacramental e na prática da caridade “para que todos os discípulos missionários possam, nos sacramentos, dar frutos permanentes de caridade, reconciliação e justiça para a vida do mundo” (*Documento de Aparecida*, n. 175). A estrutura paroquial deve estar a serviço do apostolado comunitário, mantendo a interação entre os paroquianos, auxiliando toda iniciativa apostólica e missionária da comunidade eclesial. Concorre para isso uma evangelização mais personalizada, aumentando as relações positivas entre as pessoas. O trabalho de gestão, indispensável em qualquer organização, facilita a interação entre paroquianos e possibilita atividades que os envolvam em seus diversos grupos, pastorais, movimentos e serviços. Uma cultura organizacional permite não somente cadastrar os paroquianos, os coordenadores, os agentes de pastoral, as comunidades, as pastorais e movimentos, mas também informá-los sobre o andamento da paróquia, se possível com o uso de mala direta.

Em meio a um processo acelerado de urbanização, as paróquias, especialmente as situadas em grandes centros, necessitam lançar mão de todos os meios que aproximem as pessoas e as mantenham bem informadas.

A paróquia, convocando e formando leigos missionários a serviço do mundo (cf. *ibid.*, n. 171), necessita reformular suas estruturas para que seja uma rede de comunidades e grupos capazes de se articular, conseguindo que seus

membros sintam-se realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão (cf. *ibid.*, n. 172).

c) Selecionar os melhores processos de interação

O decreto *Apostolicam Actuositatem* oferece orientações para que a paróquia possa responder às necessidades das cidades e das regiões rurais que já sofrem a influência da cultura urbana: não confinar sua ação dentro dos próprios limites ou da diocese, mas esforçar-se por estendê-la aos campos interparoquial, interdiocesano, nacional ou internacional.

O projeto de evangelização interparoquial é excelente meio para que as paróquias urbanas atinjam seus fiéis, não definindo limites, mas somando forças. Os encontros interparoquiais (várias paróquias na mesma cidade) oferecem possibilidade de uma evangelização mais pertinente, pois ajudam a conhecer novas realidades, a detectar avanços, acertos e erros comuns. Também neles se elaboram propostas práticas e ações úteis nas soluções de problemas da ação missionária, além de favorecerem maior grau de envolvimento das paróquias, colaborando efetivamente para uma ação evangelizadora no meio urbano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CELAM. *Documento de Aparecida*. 2. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas: Paulus, 2007.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Instrução O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*. 14 ago. 2002.
- IGREJA CATÓLICA. *Catecismo da Igreja Católica*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Código de Direito Canônico*. Trad. oficial da CNBB, com notas e comentários de Jesus Hortal, sj. São Paulo: Loyola, 1983.
- JOÃO PAULO II. *Ecclesia in America*. 22 fev. 1999.

Nota:

1. SC 24 e 42; LG 20 e 26; CD 28-32, 35, 44; OT 2, 22; AA 10, 26, 30; AG 37; PO 19-22. CDC cânones 374§1, 515-552, 1740-1752 e ainda 89, 107, 233, 510§2, 757, 776, 800, 833, 877, 911, 958, 968, 1079, 1110, 1272. CIC 2579 e 2226.

A PASTORAL EM NOVAS PERSPECTIVAS (I): INTRODUÇÃO AO TEMA¹

Pe. Nicolau João Bakker, svd*

1. INTRODUÇÃO

1.1. O alerta de Aparecida

O *Documento de Aparecida* apela a uma autêntica “conversão pastoral” (n. 366) e insiste em “reformas espirituais, pastorais e também institucionais” (n. 367). Com certeza os bispos da América Latina e do Caribe não pensaram apenas em mudanças cosméticas. Intuíram a necessidade de mudanças mais profundas. Em amplos setores da Igreja, especialmente entre os teólogos do continente, existe um sentimento generalizado de que “algo não vai bem” na práxis pastoral da Igreja, e isso não apenas pela “perda” – no Brasil somente! – de 1 milhão de católicos por ano. As estatísticas oficiais indicam que isso ocorreu em cada um dos últimos dez anos e tudo leva a crer que continuará sendo assim também nos próximos dez anos. Existe um problema de fundo. Muitos afirmam que a Igreja Católica está perdendo o trem da história. Outros, que falta uma bússola para indicar o rumo. Todos nos perguntamos: o que está acontecendo?

1.2. É hora de repensar a pastoral

Precisamos repensar nossa pastoral não apenas porque nosso mundo mudou e, querendo ou não, devemos nos adaptar a ele. Ocorre que a modernidade, ou pós-modernidade, como muitos preferem dizer, trouxe também consigo nova “cosmovisão”, e é esta que põe tudo de pernas para o ar. Poderíamos definir cosmovisão como “determinado modo de conceber Deus, o mundo e a própria existên-

cia individual e coletiva”. Ela é a geradora de sentido, e todas as pessoas, consciente ou inconscientemente, deixam-se guiar por ela. A cosmovisão é o chão do qual se alimentam nossas raízes mais profundas. Por isso, quando uma cosmovisão vai sendo substituída por outra, as pessoas entram em crise. Frequentemente, ouvimos dizer então: “Perdi meu eixo”; “Estamos sem rumo”; “O chão fugiu debaixo dos nossos pés”. Vivemos atualmente um momento desses. Momento que pode durar décadas. Após milênios de cosmovisão teológica e séculos de cosmovisão antropológica – já, já explicitaremos os termos –, estamos hoje acordando para uma nova cosmovisão: a ecológica.

1.3. Pastoral e centralidade da cosmovisão

Não há nada que mais diretamente afete a ação pastoral da Igreja do que a cosmovisão da época, e isso porque cada cosmovisão tem sua própria lógica. Analisando a história da humanidade – particularmente a história do mundo ocidental que definiu o modo de ser da Igreja –, podemos observar que ela se guiou,

* Missionário do Verbo Divino, svd, sacerdote, formado em Filosofia, Teologia e Ciências Sociais. Atuou sempre na pastoral prática: na pastoral rural; na pastoral urbana em São Paulo; como educador no Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo-SP, coordenando o programa de formação de lideranças eclesiais e o de combate à violência urbana. Lecionou Teologia Pastoral no Itesp (Instituto de Teologia/SP). De 2000 a 2008, foi auxiliar na pastoral e vereador, pelo PT, no município de Holambra/SP. Representa a CRB no Conselho Estadual de Proteção a Testemunhas (Provita/SP). Atualmente, atua na pastoral paroquial de Diadema/SP. Além de cartilhas populares, publicou diversos artigos na REB.

sucessivamente, por três lógicas distintas: a *teo*-lógica, a *antropo*-lógica e a *eco*-lógica. Não que a lógica de determinada fase esteja inteiramente excluída das outras. Elas se mesclam, mas o foco central da cosmovisão na primeira fase é Deus ou as divindades, na segunda é o próprio ser humano, especialmente a razão humana, e na terceira é o todo da “criação”.

1.4. As três fontes da ação pastoral

A pastoral, como ação concreta da Igreja, não surge do nada. Ela se alimenta, essencialmente, de três fontes, todas elas interligadas. Uma primeira fonte é a cosmovisão da época, e essa é básica, como já assinalamos.

Uma segunda fonte é a espiritualidade. Ninguém deixa de tê-la, ainda que seja o mais convicto dos ateus. Toda cosmovisão desperta, no mais íntimo das pessoas, algumas convicções fundamentais tidas como sagradas e inegociáveis. Ninguém deixa de ter seu pequeno “sacrário pessoal” a partir do qual constrói seus valores e seus julgamentos acerca do bem e do mal. Julgar e valorizar adequadamente essa espiritualidade nos parece da maior importância para reorientar nossa ação pastoral.

Uma terceira fonte que influi fortemente sobre a ação da Igreja é a perspectiva política. Tanto a cosmovisão que as pessoas têm quanto a espiritualidade que elas adotam definem, em boa parte, a sua visão de futuro. É inerente ao próprio ser humano buscar um futuro melhor. Ainda neste artigo veremos que essa busca por melhor qualidade de vida não é nem sequer monopólio do ser humano, pois se trata de característica intrínseca à própria vida. Especialmente nas religiões monoteístas, a profunda crença humana num futuro melhor a ser conquistado desenvolveu poderoso profetismo, sempre pronto a superar barreiras históricas e apontar para novos horizontes. Jesus, a seu modo e numa linguagem adaptada à sua época, falou do reino de Deus sempre presente e sempre a conquistar. A teologia da libertação, do lado de cá dos grandes oceanos, e a teologia política, do lado de lá, gastaram

*Enxergue a
beleza da vida
e a alegria que
ela tem para
nos oferecer!*



Um novo caminho para ser feliz

Guilherme Gândara

Os dez capítulos deste livro nos orientam a caminhar em direção à paz de espírito, a buscar força no seio familiar e a renovar os princípios cristãos para uma sadia compreensão da vida. Pistas de reflexão também são propostas pelo autor ao final de cada capítulo.

Vendas: (11) 3789.4000

SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

rios de tinta para ressaltar, numa linguagem mais adaptada ao mundo secularizado, o compromisso político de cada cristão e cada cristã. É simplesmente impossível readequar a ação pastoral da Igreja sem levar em conta essa perspectiva política, tão essencial ao próprio cristianismo.

1.5. Sobre pastoral e caixa de marimbo

Falar de pastoral é empreendimento arriscado. Na verdade, significa colocar a mão dentro de uma caixa de marimbo. As pessoas aceitam mais facilmente mudar de ideia do que mudar de prática, especialmente quando essa prática tem a ver com o sacrário pessoal acima lembrado. Não raro encontramos pessoas com ideias novas e práticas antigas. Não é impossível a teologia renovar-se durante décadas e a prática pastoral, assim mesmo, temporariamente, dar marcha à ré. Não que seja possível impedir o avanço da história, mas é preciso compreender que a ação pastoral concreta tem a ver com raízes culturais profundas que – exatamente por causa de sua preciosidade – tardam a mudar. Algumas mudanças podem levar décadas, outras levarão séculos ou até milênios. Mais adiante, veremos um pouco melhor por que isso acontece.

Neste primeiro artigo, por falta de espaço, não vamos poder entrar muito no campo prático da ação pastoral. Vamos fazê-lo com muito carinho em artigos posteriores.² Antes disso, é indispensável termos uma imagem mais nítida da cosmovisão ecológica, que hoje vem se impondo com força crescente. Esse objetivo, por sua vez, não é possível alcançar sem confrontá-la com as cosmovisões teológica e antropológica, que, em parte, ainda nos dominam e, em certo sentido, estão sendo atropeladas por ela. Vejamos isso mais de perto.

2. A COSMOVISÃO TEOLÓGICA

2.1. Como entendê-la?

Podemos definir a cosmovisão teológica como a “concepção segundo a qual Deus, ou o mundo das divindades, é a explicação de todas as coisas e de todos os eventos”. Deus

não está apenas na origem da matéria, mas permeia a matéria, e, de uma maneira ou de outra, é esse mundo do sagrado que determina a sorte e o destino do ser humano. Como nada escapa a esse modo de pensar, podemos dizer que, nessa cosmovisão, a única lógica existente é a teológica.

2.2. A longa fase teo-lógica

A cosmovisão teológica é comum a quase todas as culturas humanas não ou pouco escolarizadas. Ela acompanha o *Homo sapiens* desde a sua origem, há mais de cem mil anos. Vemo-la claramente presente quando se desenvolve, no nosso mundo ocidental, a tradição filosófica grega, seis séculos antes de Cristo. Especialmente na assim chamada “fase pré-socrática”, o mundo material é visto como que impregnado de forças espirituais.

Com os filósofos gregos pós-socráticos, essa mesma concepção teológica adquire feição inteiramente nova e surge uma separação radical entre o mundo do sagrado e o mundo do profano. O mundo do sagrado não é material, mas espiritual. É o mundo da perfeição, indivisível, eterno, indeterminado. O mundo do profano é o mundo material, imperfeito, corruptível, divisível, passageiro e determinado. O ser humano passa a ser definido como um “ser racional”, com a razão fazendo parte do mundo espiritual. Assim como as esferas celestes governam as esferas terrestres, assim também uma alma imortal governa agora um corpo mortal. Por sua condição divina, a razão humana será idolatrada pelos gregos, e apenas uma minoria com suficiente liberdade para cultivá-la fará parte da tão propalada, mas falsamente denominada, democracia dos “cidadãos de Atenas”.

A cosmovisão teo-lógica criará raízes imensamente profundas no cristianismo, particularmente no cristianismo ocidental. Jesus, provavelmente, não teve contato com a filosofia grega, mas nem por isso sua proposta é menos teo-lógica. Em oposição à interpretação legalista, sacrificial/sacerdotal, muito forte no judaísmo de sua época, Jesus reassume a experiência religiosa original dos judeus, a

linha profética em que reina, efetivamente, o Deus da libertação e da justiça, o Deus-Javé dos pobres, que “vê a opressão de seu povo” (Ex 3,7). Reino realizável apenas mediante a prática incondicional de um “amor samaritano” que supera qualquer barreira religiosa, institucional, étnica ou de classes.

As primeiras comunidades cristãs – sobretudo depois de sua expulsão das sinagogas – codificam a mensagem e o movimento de Jesus numa linguagem que, forçosamente, mistura a herança judaica com o ideário greco-romano. À grande pergunta de sempre: “Quem era esse Jesus?”, os Concílios de Éfeso (431) e Calcedônia (451) respondem, dando destaque à sua divindade, em Éfeso, e à sua humanidade, em Calcedônia. A linguagem típica da filosofia grega – abstrata, essencialista, universalista e dogmática – aí se impõe claramente, e o Jesus real da história fica na penumbra. Surgem duas naturezas numa única pessoa, uma divina e outra humana, uma dualidade estranha que a teologia, por mais importante que tenha sido na época, levará quase 2 mil anos para superar.

Na segunda fase do cristianismo, a prática cristã é profundamente marcada por santo Agostinho (†430). Unindo a cosmovisão *teo*-lógica grega com a proposta de Jesus do reino de Deus, enxerga a “Cidade de Deus” governando a “Cidade dos Homens”. Na Cidade dos Homens vive um ser humano “decaído”, uma vez que o pecado de Adão é transmitido hereditariamente de geração em geração. Essa ideia de um pecado original hereditário e de um ser humano decaído, material e corruptível, recuperável apenas pela graça do batismo, que lhe devolve uma alma redimida, não material, destinada à Cidade de Deus, vai impregnar amplamente a linguagem, a espiritualidade e o imaginário cristão até os nossos dias. Jesus, sem dúvida, partilhava a esperança messiânica na vinda do reino, mas jamais o viu ou definiu nessa forma radicalmente dualista da filosofia grega.

A invasão bárbara pôs fim a um império romano já em fase de decomposição. No tumulto generalizado, as glórias do império

se reduzem a ruínas e apagam-se também as luzes da filosofia grega. Não sobram nem sequer os poucos textos escritos. Sobrevive, como instituição mais forte, a Igreja. Do império – após séculos de apoio público – herda sua estrutura organizativa e legislativa; dos gregos, seu amor à doutrina e ao dogma. Não ganha a batalha política. Apesar das tentativas de fazer valer certa “teologia das duas espadas” e conquistar territórios para Deus, politicamente são os príncipes e reis que acabam predominando sobre a Igreja. Mas, em contrapartida, a Igreja ganha a batalha espiritual: a força da espiritualidade cristã consegue absorver e seduzir as tradições religiosas dos povos bárbaros e surgirá a irresistível síntese da cristandade medieval. Com ela, a cosmovisão *teo*-lógica chega a seu auge. Na cosmovisão medieval, apenas Deus tem importância. A vida na terra, profana e corruptível, é mera passagem para o que realmente interessa: a vida após a morte. Com base nessa profunda e onipresente religiosidade popular, com sua valorização extrema do transcendente, a Igreja-instituição consegue, politicamente, dar a volta por cima. A Idade Média termina com os papas dando as cartas no mundo ocidental.

3. A COSMOVISÃO ANTROPOLÓGICA

3.1. Como entendê-la?

A cosmovisão *antropo*-lógica toma o lugar da *teo*-lógica quando o próprio ser humano, especialmente a razão humana, se transforma no argumento central do crer e do agir. Deus, em regra, não é negado nem descartado. É simplesmente posto de lado. Não é mais a causa explicativa de todas as coisas e de todos os eventos. A partir dessa nova lógica, o ser humano com sua racionalidade será sempre ponto de partida e ponto de chegada.

3.2. A cosmovisão *antropo*-lógica da modernidade

Apesar do apagão filosófico no Ocidente, a civilização grega deixou uma herança significativa. O culto grego à razão funcionou, de fato, como uma espécie de bomba de efeito

retardado. Quando, lentamente, se fortalece a nova economia dos artesãos, com forte empurrão vindo dos mosteiros, e o ainda esfacelado continente europeu se cobre de pequenas cidades, com relações comerciais se estendendo cada vez mais, os escritos gregos são redescobertos e avidamente digeridos. São os monges que os copiam, inicialmente. Não levará muito tempo e santo Tomás de Aquino (†1274) dará à luz sua *Suma teológica*, uma síntese entre a fé cristã e a razão aristotélica. Para santo Tomás – e sua *fides ex ratio*, ou “crer com a razão” –, a ciência não substitui a fé, mas apenas a justifica e a torna mais crível. Dentro dos limites eclesiásticos, essa “teologia escolástica” será, por séculos, a norma básica para todos os ministros da Igreja. Fora desses limites, porém, a razão toma outro rumo. Com o estabelecimento dos Estados soberanos, suas recém-criadas universidades adquirem autonomia crescente. Lenta, mas inexoravelmente, a fé deixará de ser, para a ciência, argumento de validação.

O que caracteriza a modernidade é a *antropo*-lógica. A teologia atual costuma lembrar a grande “virada copernicana”. Quando Copérnico (†1543) e depois Galilei (†1642) demonstraram que a Terra não era o centro do cosmos – como se defendia desde o grego Ptolomeu –, mas apenas um humilde planeta girando em torno de um magnífico Sol, a cosmovisão da época, de fato, começou a mudar. A incipiente ciência ocidental abriu uma primeira grande brecha nas verdades da Igreja, tidas como absolutas, não apenas por causa da fé inquestionável num Deus criador do céu e da terra, mas também por causa da fé incontestada no Deus da Revelação, uma vez que a Bíblia atestava com todas as letras que Josué “fez o sol parar sobre Gabaon” (Js 10,13).

O que caracteriza a modernidade, desde seu início no séc. XVI, é a fé na ciência. Galileu Galilei não renegou a fé cristã, mas, duramente perseguido pela Igreja, morreu acreditando que o ser humano erra, a matemática não. Francis Bacon (†1626) acreditava que o ser humano, por meio do método

indutivo, da experimentação, podia alcançar uma compreensão generalizada da natureza. A grandeza humana estaria completa com a total escravização do mundo natural. René Descartes (†1650) viu a realidade como o grande império das causalidades, governadas por leis matemáticas perfeitas. De acordo com seu “dualismo metafísico radical”, apenas a razão humana – por seu caráter imaterial – poderia compreender, objetivamente, toda a realidade, principalmente dividindo e subdividindo-a em partes para assim, pelo método analítico-dedutivo, chegar à compreensão da totalidade. Desde o Renascimento até o pleno desabrochar do Iluminismo, a ciência fará, em todos os campos do saber, avanços considerados inimagináveis. Isaac Newton (†1727) fará a grande síntese, tornando-se um semideus nos grandes centros da intelectualidade ocidental, e ela vai levando de roldão também outros continentes, culturas e corações.

Newton “comprovará” que o espaço é absoluto e imóvel e que também o tempo é absoluto, fluindo infinita e autonomamente. “Mostrará” que toda a matéria, em última análise, é feita de pequenos átomos que interagem pela lei da gravidade. Dirá, enfim, que todo o universo é como uma máquina ou um relógio cujas peças se encaixam perfeitamente, governado por leis causais determinadas e inteligíveis. Tudo o que segue é consequência. Auguste Comte (†1857) cria uma “sociologia científica”, dando à luz o positivismo. Darwin (†1882), temendo a reação da Igreja, titubeou muito antes de publicar sua teoria da evolução, mas seu amor à ciência venceu. Karl Marx (†1883) se debruça sobre os modos de produção, sobre a economia humana, propondo um “materialismo científico”. Freud (†1939) tentará submeter também a psicologia aos novos parâmetros científicos, e assim por diante. Em todos os campos do saber, a verdade, ou é científica, ou não é. Quem quiser crer, que creia. Quem quiser conhecer a realidade, que pesquise. Na cosmovisão *antropo*-lógica da modernidade, a razão humana é o critério último do saber e do agir.

4. A COSMOVISÃO ECOLÓGICA

4.1. Como entendê-la?

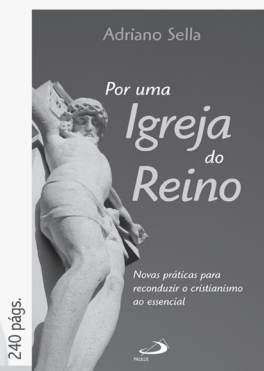
Na cosmovisão ecológica, o critério último do saber e do agir não é Deus, como na cosmovisão teológica, nem a razão humana, como na cosmovisão antropológica. Simplificando ao máximo, poderíamos dizer que, na cosmovisão ecológica, o critério último do saber e do agir é “o todo” da criação ou – deixando a fé de lado – “o todo” da realidade. Na realidade, reina uma espécie de “lei da coerência”. No mundo que nos envolve, da mais distante estrela ao que está mais próximo de nós, tudo está interligado e tudo depende de tudo. Não é a soma das partes que explica o todo da realidade, mas é o todo da realidade que explica as partes ou lhes dá significado.

4.2. A eco-lógica de uma nova cosmovisão

O séc. XX representou o lento desmonte da cosmovisão antropológica e a montagem concomitante de nova cosmovisão ainda em ascensão, a ecológica. Exatamente no ano 1900, o físico Max Planck (†1947), estudando o comportamento dos elétrons em volta do núcleo do átomo, constatou os “saltos quânticos”: recebendo ou cedendo energia, os elétrons, com total desprezo pelos níveis intermediários, invariavelmente “pulam” de uma órbita a outra, seguindo determinado *quantum*. Nasceu assim a física quântica, que jogaria por terra inúmeras das tradicionais certezas científicas. Esperamos poder demonstrar, em outra oportunidade, quanto a física quântica é importante para a abertura de novas perspectivas pastorais.

Igualmente importantes, no sentido de exigir uma reorganização pastoral, foram os enormes avanços do século passado na área da biologia evolutiva, molecular e genética. Na metade do século, os Nobéis de 1962 James Watson e Francis Crick (†2004) espantaram o mundo com o que afirmavam ser o “dogma central” da vida, a lindíssima dupla hélice de ácido desoxirribonucleico (DNA), composta de genes que contêm o segredo da vida: os genes produzem as enzimas, que por sua vez produzem as proteínas, que por sua vez ga-

Igreja atuante é Igreja em comunhão com Deus e com os mais necessitados



240 págs.

Por uma Igreja do Reino Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial Adriano Sella

"Menos mestres, mais testemunhas; menos livros religiosos, mais Bíblia." Eis algumas pistas que o autor deste livro sugere. Das reflexões aqui presentes nasceu um percurso em que o leitor, passo a passo, é colocado diante da realidade eclesial de hoje, sentindo-se estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.



200 págs.

Deus em nós O reinado que acontece no amor solidário aos pobres Hugo Assmann e Jung Mo Sung

O livro propõe reflexões acerca da teologia e da justiça social e incentiva debates sobre formas inéditas de ver e entender a realidade humana, além de promover análises e reflexões sobre a definição do critério que os simpatizantes do cristianismo de libertação utilizam para diferenciar ou classificar uma ação ou política social como assistencialista, reformista ou libertadora.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

ranterem o funcionamento da vida celular de todo e qualquer organismo vivo. Brincavam os biólogos entre si, dizendo: “O DNA faz o RNA, o RNA faz as proteínas e as proteínas fazem a gente”. Posteriormente se via que essa visão determinista, própria da época, de uma cadeia causal linear haveria de ser revista, mas o grande susto estava dado. Os dados do laboratório eram suficientemente robustos para banir de modo definitivo um dos mais arraigados dogmas religiosos. Para as pessoas bem informadas, manter a fé num Deus que, a cada momento, cria a vida com alma imortal tornou-se cada vez mais difícil.

Um terceiro avanço científico que veio desafiando profundamente nossa ação pastoral é o da consciência humana. Veremos logo mais quanto ele tem a ver com a lógica da cosmovisão ecológica que, sorrateiramente, vem se impondo. São essas, a nosso ver, as três áreas das ciências naturais que mais nos obrigam a repensar a ação pastoral. A teologia atual faz uso crescente desses fundamentos mais “antropológicos”, mas quase sempre o faz para melhor equacionar o nosso modo de pensar e não o nosso modo de agir. Abrir perspectivas pastorais é o nosso objetivo. Finalizada esta introdução ao tema, é delas que vamos falar mais. Olhemos, por ora, mais atentamente para cada uma dessas três áreas.

A) *A mensagem surpreendente da física quântica*

Quem nunca se debruçou seriamente sobre a profunda mudança que ocorreu no campo da física, passando da concepção mecânico-clássica para a nova concepção quântica, decerto terá dificuldade em compreender e aceitar o processo evolutivo que ocorre tanto no pensar filosófico-teológico quanto nas ciências naturais. Uma primeira surpresa que a física quântica nos traz é que algo pode ser e não ser ao mesmo tempo. Para a concepção mecânica de Isaac Newton, solidamente ancorada na tradição grega, todas as coisas, na sua essência, são sempre iguais. A concepção é “ontológica”, quer dizer, uma pedra, uma planta ou um ser humano serão sempre pedra,

planta ou ser humano. Podem variar muito as aparências, mas é só abstrair delas e aparecerá, universalmente, a mesma essência. Já dissemos acima que a linguagem da filosofia grega é abstrata, essencialista, universalista e dogmática. Mas o físico dinamarquês Niels Bohr (†1962), ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1922 por seus esclarecimentos sobre a estrutura do átomo, afirmará que, no nível subatômico, reina o “princípio da complementaridade”, quer dizer, a matéria, em última instância, é ao mesmo tempo onda e partícula, mas apenas a junção dessas duas formas de ser definirá o que a matéria realmente é. Werner Heisenberg (†1976), ganhador do Prêmio Nobel de Física em 1923, explicitará que, além do princípio de complementaridade, existe o “princípio da incerteza”, isto é, a impossibilidade de observar a onda e a partícula ao mesmo tempo. Ou se observará a exata posição da partícula ou o exato *momentum* da onda, mas nunca os dois simultaneamente. Observar a dualidade escapa a qualquer medição ou observação. Talvez mais desafiador ainda para nossas arraigadas concepções mecânicas seja o “princípio da não localidade” ressaltado por David Bohm (†1992): as partículas atômicas – sobretudo no seu estado onda – relacionam-se mutuamente sem obedecer a critérios de espaço e de tempo. Como ficou comprovado muitas vezes, um par correlato de fótons – fótons são partículas de luz – executa, instantaneamente, autêntica “dança sincronizada”, independentemente de sua distância espacial, seja esta de poucos centímetros ou de diversas galáxias.

A mecânica do mundo físico, dizia Newton, é “determinada”. Tudo está relacionado à lei de causa e efeito. Na mecânica do mundo microfísico, dizem os físicos quânticos, nada é determinado. Tudo é apenas “probabilidade”. O elétron, antes de mudar de órbita, por assim dizer sonda ou “visita”, ao mesmo tempo, uma infinidade de possibilidades – as chamadas “transições virtuais” –, sendo sua transição real apenas uma probabilidade. Embora uma probabilidade seja maior que a outra, não há nada que determine a transição real. Mudando de posição, o elétron também

não desliza pelo espaço, como imaginamos. Não é um movimento mecânico. É como se espaço e tempo não existissem. Nem sequer podemos atribuir ao elétron uma espécie de individualidade desligada de seu contexto. Os “indivíduos” quânticos se comportam sempre como relacionados a um todo maior, e suas existências “individuais” ganham definição e sentido apenas por meio de sua relação com esse todo.

Não basta “tomar conhecimento” da física quântica. É preciso interiorizá-la na mente, ou melhor, “meditá-la” no coração. Sem isso, é inútil pensar em novas perspectivas pastorais. Se a lógica da cosmovisão ecológica consiste basicamente na percepção das inter-relações dentro do todo e da coerência interna do sistema, não há nada mais *eco*-lógico do que as realidades quânticas. Infelizmente, nosso olhar não capta a dimensão microfísica da matéria. Mas ela é maravilhosa e, em certo sentido, está cheia de vida. Veremos em outra oportunidade quanto o caminho concreto da nossa espiritualidade cristã nos fez despreparados para perceber os sinais do tempo escondidos na natureza. A matéria, muito além de “coisa morta”, é fonte da própria vida, como veremos logo mais, e essa compreensão levantará pistas pastorais ainda mais promissoras.

B) A teia da vida

O mais fervoroso militante do ateísmo na atualidade é Richard Dawkins. Neste momento, ele se ocupa em afixar cartazes nos metrô e ônibus de Londres, afirmando: “Deus, provavelmente, não existe”. Um dos mais destacados especialistas mundiais em teoria da evolução, considera um absurdo e um desserviço à ciência continuar acreditando num Deus criador. Critica asperamente a verdade absoluta da Igreja e estabelece em seu lugar a verdade absoluta da ciência. A inclusão nos cartazes da palavra “provavelmente” se deve ao fato de ele reconhecer que a inexistência de Deus, na verdade, também não pode ser provada. O papa João Paulo II, em 1996, deu aval à teoria darwiniana da seleção natural, mas isso não significa que, para Roma, a ques-

tão seja tranquila. Existe um debate mundial. Muitas escolas americanas – especialmente do lado evangélico – fazem questão de introduzir nos livros didáticos o “criacionismo”, algo muito próximo de uma interpretação literal da Bíblia. Em geral, porém, as lideranças das Igrejas cristãs absorveram o evolucionismo, ainda que o povo cristão fique com certo “pé atrás”.

Hoje, falar de evolucionismo é algo muito mais abrangente – e muito mais profundo – do que no tempo de Charles Darwin. O que Darwin expôs em seu livro *Sobre a origem das espécies* (1859) é que a vida na Terra evoluiu lentamente por “mutações ao acaso” ou, como se dirá depois, por “mutações aleatórias”, sobrevivendo as espécies mais adaptadas ao meio ambiente – portanto, por meio de “seleção natural”. Posteriormente, com a descoberta da estabilidade das “unidades de hereditariedade” pelo monge botânico Gregor Mendel (†1884) e com o nascimento da ciência “genética”, palavra cunhada pelo biólogo William Bateson (†1926) no início do séc. XX, o mecanismo da transmissão genética de pais para filhos foi mais bem elucidado e é esse “neodarwinismo” que ainda predomina nas escolas e nas mentes da população em geral. Infelizmente, o imaginário popular – e o de muitos agentes de pastoral – ficou muito preso à ideia tradicional de que “o ser humano não foi criado por Deus, mas veio do macaco”. A nova concepção ecológica supera em muito a estreiteza dessa visão.

Da mesma forma, se a microfísica revelou o lado quântico da matéria, inteiramente surpreendente para quem apenas contava com as leis da macrofísica dedutíveis da observação comum, também a microbiologia das últimas décadas revelou surpresas inimagináveis sobre o que é “vida”, com consequências importantíssimas para a ação pastoral da Igreja. Por sua vital importância, gostaríamos de dar a esse ponto um destaque maior. Em primeiro lugar, consolidou-se um consenso: a vida não é fruto de um “momento sobrenatural”, de intervenção divina, mas de um “processo natural” em que, como na microfísica da qual nasceu, tudo

é inter-relacionado e interdependente. A natureza da nossa casa comum, a “*oikos-Terra*”, é radicalmente comunitária. Impõe-se a *ecológica*. Tudo o que tem vida sobre a Terra tem a mesma origem, a mesma “alma” e o mesmo destino: cooperar para maior plenitude. Talvez não na direção “crística” imaginada por Teilhard de Chardin (†1955). A maioria dos cientistas parece opor-se a essa posição teleológica que vê a evolução da vida obedecendo a determinado “propósito”, possivelmente divino. Mas a vida manifesta a inegável tendência para uma complexidade crescente, com criatividade espantosa.

Quem hoje se preocupa com a pastoral não deveria deixar de meditar frequentemente sobre o imponente “metabolismo da célula”, seja ela do reino animal, seja do reino das plantas, dos fungos, dos protistas ou das bactérias. É preciso colocar a célula debaixo do microscópio eletrônico e, simplesmente, contemplar. Ainda em 2009, os cientistas Ada Yonath, Venkatraman Ramakrishnan e Thomaz Steitz ganharam o Prêmio Nobel da Bioquímica por terem esclarecido melhor a estrutura e o funcionamento dos ribossomos, as “fábricas de proteínas” das células. O código genético do DNA constitui o grande “livro de instruções” que diz quais proteínas os ribossomos – aproximadamente 500 mil em cada célula! – devem fabricar. Em cada cordão da escadinha enrolada do DNA há um encadeamento alternado de moléculas de fosfato e de açúcar. As barras transversais ligam as moléculas de açúcar de um lado a outro. Cada lado das barras transversais é feito de uma substância específica: se um lado é de uma molécula de timina, o outro é de adenina; ou então, se um lado é de guanina, o outro é de citosina. São como as quatro “letras” do livro de instruções ou do alfabeto genético.

O segredo do cofre está na combinação dos milhares de barras, que têm sequências tão variadas quanto os indivíduos. O DNA produz a molécula do RNA-mensageiro, chamado assim porque leva as instruções do livro até os ribossomos. Outro tipo de RNA, chamado RNA-transportador – esta a contribuição dos

cientistas acima mencionados –, capta os aminoácidos presentes no citoplasma ou líquido da célula e, dentro do ribossomo, encaixa-se ao RNA-mensageiro, liberando o aminoácido que carregava. Um repertório de cerca de 20 aminoácidos apenas, ligados em cadeias que variam de algumas dezenas a várias centenas, compõe, dessa forma, as proteínas de todos os organismos conhecidos na Terra. Determinada sequência nucleotídica do código genético vai traduzir-se na mesma sequência de aminoácidos. A sequência de aminoácidos vai determinar a forma da proteína, e a forma da proteína determina a sua função. As diversas funções, em seu conjunto, formarão o órgão, e os órgãos, interconectados, constituirão finalmente o organismo vivo.

O metabolismo da célula não se limita, no entanto, à inter-relação entre o código genético e os ribossomos. Dentro do próprio núcleo, existe outro “mininúcleo” onde os ribossomos são fabricados, e dentro do fluido celular existem outras organelas, todas elas interligadas e igualmente indispensáveis à manutenção da vida. Uma delas é a mitocôndria ou “casa de força”. Ela realiza a respiração celular, usando a energia proveniente do oxigênio para quebrar as moléculas de açúcar e, dessa forma, produzir as importantíssimas moléculas de adenosina trifosfato (ATP), os “transportadores de energia” que possibilitam todas as funções do metabolismo celular. As indispensáveis moléculas de açúcar são produzidas em mais outra organela, o cloroplasto, também conhecido como “usina solar” por captar a energia da luz do sol para, com a ajuda do dióxido de carbono do ar e da água da terra, formar açúcares, devolvendo para o ar o precioso oxigênio. Trata-se do conhecido processo da fotossíntese, em que energia solar é transformada em energia química, algo vital para praticamente todas as formas de vida no planeta Terra. Pelo fato de os cloroplastos – de cor verde – existirem apenas nas células vegetais e não nas do nosso reino animal, temos aí o elo que nos une ao mundo verde. Ou o protegemos, ou são nulas as nossas chances de sobrevivência. Por fim, encontramos ainda no citoplasma as organelas dos complexos de

Golgi ou “bolsas de armazenamento”, onde os diversos produtos celulares são armazenados e acondicionados antes de serem enviados aos seus destinatários, e ainda, vejam só, as “usinas de reciclagem”, onde enzimas especializadas tratam dos componentes celulares danificados ou não usados, reciclando-os para novas utilidades.

Os importantes avanços na área da bioquímica demonstraram que, da mesma forma que no microcosmo da matéria, no átomo, tudo é interdependente e inter-relacionado, na célula, no microcosmo da vida, tudo está interligado. O padrão de rede é onipresente. A consequência pastoral é incontornável. Descartes nos desculpe, mas, para conhecer a totalidade, não basta conhecer as partes. Mais importante do que observar as partes é perceber o todo da “teia da vida”. Separando uma parte, ela morre.

Por muito tempo, as pessoas de boa-fé se perguntaram: se a vida é fruto de evolução, como explicar o início da vida, já que a mais simples bactéria mostra uma complexidade celular tão impressionante? Se a evolução existe, não é Deus, assim mesmo, em última instância, o autor da vida? Pergunta mais do que justa. Mas com razão a teologia atual desconfia do “Deus das lacunas”. Deus é uma questão de fé, não de ciência. Na concepção *teo-lógica*, Deus intervém a cada momento no curso da história e na vida das pessoas. Na concepção *antropo-lógica*, Deus é posto de lado. Na concepção *eco-lógica*, Deus pode voltar – muitos assim pensam, com boas doses de razão –, mas não para preencher as lacunas da ciência. Gostaríamos de voltar a esse assunto numa próxima oportunidade, quando analisaremos a íntima ligação entre pastoral e espiritualidade.

As etapas da evolução são, ao mesmo tempo, simples e maravilhosamente complexas. O mais complexo sempre surge do mais simples. Frequentemente, a etapa mais conhecida, mas menos instrutiva, é a última, a do reino animal a que pertencemos. Somos – dizemos com orgulho, mas não sem uma pitada de arrogância – da “espécie” *sapiens*, que surgiu

recentissimamente, há pouco mais de 100 mil anos, ramo descendente do “gênero” *Homo*, que surgiu há 500 mil anos e, por sua vez, se originou da “família” dos hominídeos, os macacos-homens ou homens-macacos que habitavam a Terra há mais de 4 milhões de anos. Estes, porém, seguramente, foram descendentes da “ordem” dos primatas, que surgiu 60 milhões de anos atrás, após a extinção dos dinossauros, e, por sua vez, evoluiu da “classe” dos mamíferos, que surgiram 200 milhões de anos atrás. Em cada etapa, os seres vivos apresentam suas características próprias, mas mantendo a estrutura básica herdada dos antepassados. A classe dos mamíferos nasceu do “filó” dos cordados, que surgiu há 450 milhões de anos, já apresentando um tubo nervoso central com cérebro inicial. Esse filó, finalmente, evoluiu do “reino” animal, que se iniciou, no fundo dos oceanos, há 750 milhões de anos a partir de uma pequena blástula, o primeiro conjunto multicelular engenhosamente interconectado. Para conhecê-lo melhor, basta olhar o nosso próprio corpo.

A belíssima aventura da vida, no entanto, tem etapas muito mais brilhantes. Em primeiro lugar, o próprio nascimento dela. Colocando qualquer célula viva debaixo da lupa de Copérnico, hoje aperfeiçoada ao extremo, veremos que ela é, em 99% do nosso corpo seco, uma composição imensamente variada de apenas seis humildes átomos: carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio, fósforo e enxofre. Já foi dito por alguns que existe um “caso de amor” na própria matéria e na origem da vida. As quatro grandes forças cósmicas conhecidas, a nuclear forte e a fraca, a eletromagnética e a gravitacional, são forças que se equilibram mediante a dinâmica fundamental de atração e rejeição. Os átomos, especialmente pela força eletromagnética, atraem-se mutuamente, mas não de forma aleatória. Há preferências, pois as cargas elétricas são diferentes. Uma molécula é um “casamento” entre átomos que se dão bem. Lendo, ou melhor, meditando o livro *Beginnings of cellular life*, de Harold Morowitz, talvez o maior especialista mundial na bioquímica da vida, podemos perceber como as abundantes e variadas moléculas da assim

chamada “sopa química” dos primeiros oceanos, 4 bilhões de anos atrás, deram início à aventura da vida.

Na década de 70 do século passado, o Prêmio Nobel de Química Ilya Prigogine (†2003) já havia demonstrado com seus famosos experimentos dos “relógios químicos” que, na química da vida, existe uma lei contrária à lei da entropia característica do mundo material inorgânico. Em seu inesquecível livro *Order out of chaos*, demonstrou que os sistemas vivos são sistemas abertos, de “estrutura dissipativa” – quer dizer, à medida que o meio ambiente lhes garante um fluxo permanente de energia, o sistema não tende para a desordem, mas para o seu contrário, uma ordem crescente. Em determinado momento de acúmulo de energia, pode surgir – como nos relógios químicos – um “ponto de bifurcação” em que a vida “pula” para um nível de maior complexidade.

Na mesma década, outro Prêmio Nobel de Química (1967), o biofísico Manfred Eigen, do Instituto Max Planck, de Göttingen, demonstrou que, na fase pré-biológica da vida, devem ter surgido inúmeros “ciclos catalíticos”, os quais por sua vez deram origem a “hiperciclos”, visto ser essa uma reação natural das substâncias químicas presentes na natureza – e facilmente observáveis em laboratório. Algumas dessas substâncias “catalisam” ou aceleram determinadas reações químicas e, na presença de um fluxo constante de energia, as sustentam. Sabemos hoje que são exatamente as enzimas produzidas pelos ribossomos que aceleram a formação das proteínas e assim sustentam todo o metabolismo da célula. Harold Morowitz ainda insiste na importância das onipresentes membranas das células, formadas, desde o início da vida pré-biótica, com base nas moléculas de lipídio, de modo parecido com o que ocorre quando jogamos uma gota de óleo na água. A membrana, sempre permeável, possibilita a dinâmica entre o campo interno e externo da célula, com um fluxo de energia entrando e saindo, como visualizado nas estruturas dissipativas de Prigogine.

As forças amorosas da natureza, formando ciclos químicos crescentemente complexos, em algum momento – ou, mais provavelmente, em muitos momentos diversos –, deram origem ao primeiro esboço de uma célula autorreplicativa, que carregava dentro de si o filete inicial de um código genético muito simples. Aí a sinfonia da vida começou. Não há nenhuma dúvida sobre isso na ciência. Até hoje, todas as células vivas do planeta Terra têm como característica principal a capacidade de “auto-organização”. Pode-se dizer que a vida “é” auto-organização. A célula, desde que receba energia do ambiente, simplesmente se produz e se organiza a si mesma, com capacidade até de fazer cópia de si mesma com extrema fidelidade. Sendo um processo natural – e não sobrenatural –, supõe-se que a vida surgirá onde houver condições ambientais adequadas. Se no planeta Terra, há 4 bilhões de anos, as condições ambientais ainda não permitiam o surgimento da vida, existe um consenso científico crescente de que, há 3,8 bilhões de anos, a vida já estava presente, dando então início ao “reino das bactérias”.

Fomos educados para desenvolver grande desprezo pelas bactérias, mas, novamente, é preciso meditar, por exemplo, os livros da mundialmente reconhecida microbióloga Lynn Margulis para nos convencer do equívoco. Elas formaram – e ainda formam – a base da atual atmosfera e biota terrestres, e nenhum ser vivo sobrevive sem elas. Em seu livro *Microcosmos* (2002), Margulis nos apresenta impressionante panorama dos 4 bilhões de anos de evolução microbiana e, em *Symbiotic planet* (1988), expõe os surpreendentes avanços na concepção de evolução. Desde muito cedo, as bactérias aprenderam a conviver com um meio ambiente em constante transformação. Algumas espécies se autocopiam – por simples processo de divisão chamado “mitose” – a cada 20 minutos, podendo, em princípio, conforme o cálculo geométrico, cobrir a face da terra em 48 horas. No processo de adaptação e diversificação, desenvolveram quase todas as “tecnologias” que, até hoje, sustentam a nossa sobrevivência biológica: a fermentação, que

converte açúcares ou carboidratos em energia; a fotossíntese, que transforma luz e ar em alimento; a respiração de oxigênio, principal fonte de energia do mundo biológico; a fixação do nitrogênio, indispensável a qualquer organismo; e ainda a motilidade, que ajuda a vida a fugir do “mal” e buscar o “bem”.

Com grande facilidade, as bactérias podem simplesmente “transferir” parte do seu material genético, partilhando um “pool genético” de grande capacidade evolutiva. A seleção natural não é, portanto, o único processo evolutivo. Além da “transferência genética” mencionada, outro importante mecanismo de evolução mais bem elucidado por Lynn Margulis é a chamada “simbiogênese”. Foi um processo de simbiose – uma fusão não nuclear, mas biológica – que uniu, talvez forçadas pela fome, bactérias fermentadoras com bactérias fotossintetizantes, aeróbias e “flageladas”. Ainda hoje, os espermatozoides mostram a fantástica utilidade desses antigos flagelos ou chicotes. Há 1 bilhão e meio de anos, como que de repente, após longo processo de evolução das bactérias, aparecem – como num “salto evolutivo” – os “eucariontes”, as células com núcleo, já, simbioticamente, dotadas também de mitocôndrias e cloroplastos, as antigas bactérias, dando início ao novo e até hoje existente “reino dos protistas”, os eucariontes unicelulares. Aprendendo desde cedo que a cooperação rende mais que a competição, os eucariontes unicelulares evoluem para eucariontes multicelulares, dando origem, há 1 bilhão de anos apenas, às algas e ao plâncton do mar. Foram essas algas, as verdes, que, há 460 milhões de anos, conquistaram a terra e deram origem ao “reino das plantas”, muito provavelmente em união simbiótica com os fungos, uma vez que 95% das plantas terrestres abrigam em suas raízes fungos simbióticos. Trinta e cinco milhões de anos após a conquista da terra pelas plantas, os primeiros animais anfíbios surgirão do mar e seguirão o caminho delas. O prato estava feito. Já vimos como, na ecológica, tudo depende de tudo e tudo coopera com tudo.

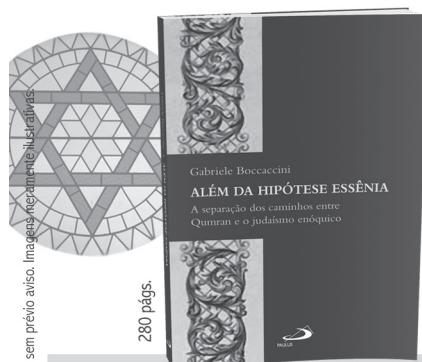
Conheça algumas obras da coleção Academia Bíblica



480 págs.

A imaginação apocalíptica: **Uma introdução à literatura apocalíptica judaica** *John J. Collins*

A imaginação apocalíptica, de John Collins, é um dos mais amplamente elogiados estudos de literatura apocalíptica judaica jamais escrito. E esta segunda edição do estudo de Collins representa uma atualização e uma reescrita completas da obra original. Especialmente digno de nota é o capítulo sobre os Manuscritos do Mar Morto, que agora considera todos os textos recentemente publicados.



280 págs.

Além da hipótese essênica: **A separação dos caminhos entre Qumran e o judaísmo enóquico** *Gabriele Boccaccini*

A obra oferece uma abordagem inovadora da ideologia da seita de Qumran, a antiga comunidade do deserto intimamente relacionada aos Manuscritos do Mar Morto. O autor constrói uma tese em cima do que os relatórios históricos dizem sobre os essênios a partir de uma análise desses documentos.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagem meramente ilustrativa.

C) A eco-lógica do cérebro

Não queremos olhar para o cérebro com a preocupação clássica dos anatomistas, estudando parte por parte. Sem dúvida, a ciência não pode deixar de observar os detalhes, mas observar apenas os detalhes é como olhar para uma árvore sem perceber a beleza da floresta. Já vimos que a vida só persiste quando inserida numa teia ou rede. Anatomicamente, o que mais chamou a atenção foi a divisão do cérebro em dois hemisférios. Um lado, o da direita, mais intuitivo, mais imaginativo e mais sensível à música, à poesia e à mística, e o outro lado, o da esquerda, mais lógico, mais analítico e mais aberto ao cálculo, à abstração e à linguagem. Na ânsia de “localizar” cada parte, porém, descobriu-se logo que os dois hemisférios são, na verdade, como as duas asas do pássaro: faltando uma, o todo é severamente prejudicado. A abordagem neurofisiológica revelou também a presença de “camadas cerebrais”. As grandes fases evolutivas do passado, de alguma forma, continuam presentes e atuantes. Debaixo do nosso superdesenvolvido córtex cerebral encontramos o telencéfalo, que se desenvolveu na época dos primeiros mamíferos e onde vemos surgir, no reino animal, os sinais iniciais da emoção.

Não podemos imaginar o cérebro desligado do restante do sistema nervoso. De fato, evoluiu *a partir* do sistema nervoso, concentrando-se cada vez mais na extremidade. Quando, instintivamente, afastamos a mão de uma panela quente, fazemos a mesma coisa que a primitiva minhoca já sabia fazer. No momento em que o ansioso pescador a desenterra do chão, ela busca fugir imediatamente da luz e do calor do sol, enterrando-se novamente. Sem cérebro, mas dotado de um simples cordão espinhal, já “sabe” o que lhe faz bem e o que lhe faz mal.

Especialmente do ponto de vista da pastoral, o mais relevante é nos perguntar: como, afinal, conseguimos pensar e ter consciência do nosso eu? Aí somos obrigados a fazer referência à muito respeitada “teoria de Santiago”. Já na década de 70 do século passado, os

neurobiólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela (†2001) – com Gregory Bateson (†1980) do lado inglês – elaboraram uma teoria da cognição que trouxe avanços significativos (Maturana, 1995). Um dos seus livros, *A árvore do conhecimento*, é árduo para ler, mas vale a pena. Qualquer ser vivo, por mais simples que seja, está conectado ao seu meio ambiente, mas tem apenas o seu sistema nervoso como órgão de alerta para dizer-lhe quais as conexões benéficas ou maléficas. A nossa conhecida água-viva das praias – remanescente dos mais antigos animais do período cambriano – possui apenas algumas fibras nervosas, mas está aí sobrevivendo, o que confirma a tese. A lógica antropológica de Descartes, admitindo uma racionalidade superior com capacidade para conhecer “objetivamente” a realidade, caiu por terra quando se comprovou que o sistema nervoso age como um circuito circular fechado. Não há meio de conhecer o mundo que nos envolve a não ser, exclusivamente, pelos sentidos do sistema nervoso, envolvendo raciocínio, emoção, percepção ou qualquer outra sensibilidade. Por isso, todo conhecimento é subjetivo e próprio da espécie. Maturana e Varela vão dizer que cada ser “cria o seu mundo”. O mundo dos morcegos é feito de sons inaudíveis para nós. Com certeza, a águia não vê o mundo como nós o vemos, nem temos o faro que faz o mundo do cão.

No processo de evolução de cada espécie, os componentes da “estrutura biológica” vão mudando lentamente, pois existe, dizem os autores, um “acoplamento estrutural” permanente e recorrente com o meio ambiente. O “padrão de organização” de cada ser vivo, no entanto – no sentido da auto-organização acima mencionada –, permanece sempre o mesmo. Nosso corpo substitui todas as suas células com uma velocidade impressionante – nossa pele substitui cem mil células por minuto! –, mas nossa individualidade biológica continua a mesma. O ser vivo, afirmam, é um ser “estruturalmente aberto, mas organizacionalmente fechado”. A mesma cognição que nos permite “captar” o mundo externo

Visite a NOVA LIVRARIA DE SÃO LUÍS



Criação PAULUS / Imagem meramente ilustrativa.

Com cerca de **TRÊS MIL TÍTULOS EM LIVROS** e abrindo-se sempre mais à multimedialidade, a PAULUS oferece uma variedade de CDs, DVDs, cartões, pôsteres e outros materiais que primam pelo excelente conteúdo.

Além de proporcionar títulos nas áreas de teologia, sociologia, psicologia, comunicação social, literatura infantojuvenil, saúde, bem como devocionários e outros temas, a PAULUS ministra cursos gratuitos sobre assuntos atuais que atraem pessoas de todas as idades.

E não esqueça: **TODO DIA 20, VOCÊ GANHA 20%*** de desconto em todos os produtos PAULUS.

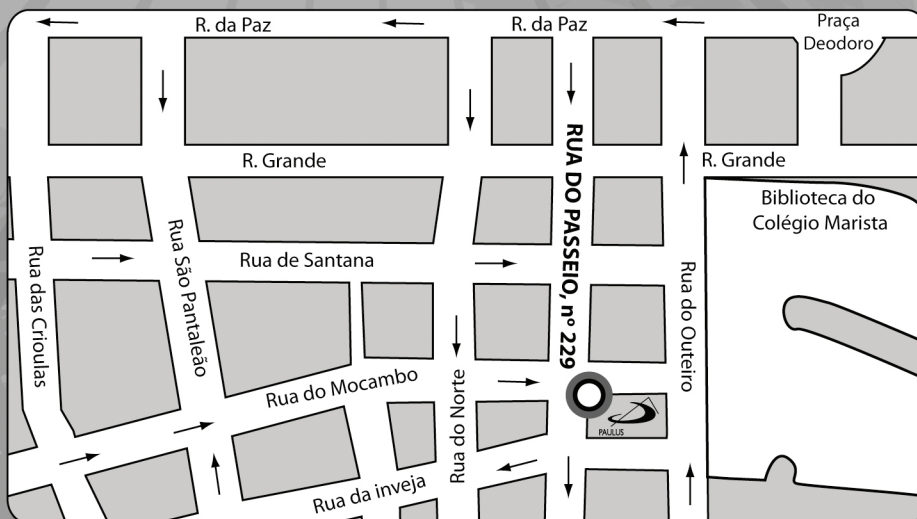
**Exceto periódicos e somente para pagamentos à vista.*

PAULUS Livraria de São Luís:

loja moderna que reúne cultura e lazer.

Conheça os nossos catálogos!

- Infantojuvenil
- Educação
- Espiritualidade
- Bíblico
- Comunicação
- Pastoral, Catequese e Liturgia
- Filosofia e Ciências Humanas
- Teologia
- Psicologia
- Música e Vídeo
- Autoajuda
- Saúde



SÃO LUÍS / MA

Rua do Passeio, 229 - Centro

Tel.: (98) 3231.2665 | saoluis@paulus.com.br

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



também nos permite viver e conhecer. Por isso, “conhecer é viver”. Até a bactéria tem conhecimento, é um ser pensante e vivente como nós.

Numa oportunidade futura, ao falar da espiritualidade como importante fonte para a ação pastoral, veremos que o ser humano, denominado *sapiens sapiens* – alguns preferem *sapiens demens*! –, com ajuda de sua nova capacidade autorreflexiva e sua linguagem correspondente, corre sério perigo de “iludir-se”, imaginando um mundo fictício. É preciso ler, por exemplo, o livro *New world, new mind* (1989), dos cientistas americanos Robert Ornstein e Paul Ehrlich, para perceber o grande abismo entre o que o nosso sistema nervoso nos permite conhecer e o mundo que a nossa mente francamente libertária – “*the mismatched mind*” – é capaz de fantasiar. Nosso sistema nervoso levou milhões de anos para evoluir e está adaptado basicamente às necessidades do momento: onde comer, como fugir de ameaças, como lidar com desafios grupais etc. Não capta facilmente os desafios de longo prazo da nossa cultura moderna: como evitar a superpopulação, a corrida armamentista, a ameaça de uma economia globalizada ou da poluição ambiental etc. Por ora, porém, basta abordar um último ponto que, mais uma vez, mostrará por que hoje vem se impondo a cosmovisão ecológica.

Em seu livro *O ser quântico* (2000), a psicóloga e filósofa Danah Zohar faz uma descrição – na direção do que talvez seja o mais consensual nessa área ainda muito polêmica – de como o cérebro atua para formar o que chamamos de “consciência humana”. De onde vem nossa clara consciência do “eu” se são trilhões de neurônios que formam nosso pensamento? A autora compara a “unidade” que a consciência traz com as chamadas “fases de Bose-Einstein”, as fases condensadas que podem ser observadas em algumas matérias, principalmente quando em temperaturas muito baixas. A água existe em três “fases”, a gasosa (vapor), a líquida (água) e a sólida (gelo), apresentando uma “ordem” molecular muito maior no cristal de gelo, assim como

ocorre nos cristais de sal ou de açúcar. Quando em fase condensada, os átomos e moléculas, em geral imprecisamente estruturados, súbita ou gradualmente se alinham e assumem um estado mais coerente, comportando-se como um. Os sistemas físicos apresentam muitos tipos de fases condensadas mais estruturadas – por exemplo, nos raios *laser*, nas correntes elétricas dos metais ou nas ondas sonoras dos cristais. O físico Herbert Fröhlich (†1991), 30 anos atrás, já havia demonstrado que existe algo parecido nas células vivas dos sistemas biológicos. Nas membranas das nossas células existem “dipolos”, moléculas eletricamente carregadas, tendo carga positiva num polo e carga negativa em outro. Os dipolos emitem vibrações eletromagnéticas que, na verdade, são emissões de fótons. Já na metade do século passado, os biofísicos demonstraram serem os neurônios suficientemente sensíveis para registrar a emissão de um único fóton. O chamado “sistema bombado” de Fröhlich demonstrou que, além de certo limite, qualquer energia a mais introduzida num sistema vivo faz que as moléculas comecem a vibrar em uníssono. No cérebro humano, elas o fazem cada vez mais até os neurônios chegarem à forma mais ordenada possível de fase condensada, surgindo então a assim denominada “fase condensada de Bose-Einstein”. Nessa situação, as inúmeras partes do sistema se “sobrepõem” de tal forma, que perdem completamente a própria individualidade e se tornam, de fato, uma unidade só, como o som de um instrumento de muitas cordas. O lado quântico que vimos na matéria inorgânica aqui se repete claramente na matéria orgânica, a base física da vida.

5. CONSEQUÊNCIAS PASTORAIS

5.1. Repensar à luz de uma nova lógica

Com a irrupção de uma nova cosmovisão, muda, em profundidade, o modo de pensar sobre Deus, sobre o mundo e sobre o sentido da existência humana. Tudo é pensado à luz de uma nova lógica. Atritos serão inevitáveis. Aqueles ou aquelas que buscam encontrar uma nova linguagem, adaptada à época, en-

tram em choque com a Igreja-instituição. Na atualidade, a barreira conservadora levantada pela Cúria Romana transformou-se no grande “muro de lamentações” dos nossos teólogos e teólogas. A lógica da cosmovisão ecológica, no entanto, não se dá bem com teologias “fortes”, de oposição e exclusão, como veremos. A preferência é por teologias “fracas”, em que muitas verdades parciais convivem pacificamente, aguardando o tempo do nascimento de uma verdade maior. É essa a lógica da vida.

5.2. Em busca de novas práticas

Nos artigos que serão publicados nas próximas edições da revista, poderemos falar das novas perspectivas pastorais práticas fomentadas pela fundamentação teórica aqui apresentada. Perspectivas que surgem das três fontes que alimentam a ação concreta da Igreja: a cosmovisão da época, a espiritualidade que lhe é própria e a perspectiva de futuro que nasce da cosmovisão e de sua espiritualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPRA, Fritjof. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. *O tao da física*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- CELAM. *Documento da Conferência de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.
- DAWKINS, Richard. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *O relojoeiro cego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MARGULIS, Lynn. *Symbiotic planet: a new view of evolution*. New York: Basic Books, 1988.
- _____; SAGAN, Dorion. *Microcosmos*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Psy II, 1995.
- MOROWITZ, Harold J. *Beginnings of cellular life*. New Haven: London: Yale University Press, 1992.
- ORNSTEIN, Robert; EHRLICH, Paul. *New world, new mind*. Cambridge: ISHK, 1989.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle. *Order out of chaos*. New York: Bantam Books, 1984.
- ZOHAR, Danah. *O ser quântico: uma visão revolucionária da natureza humana*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

Notas:

1. O presente artigo introduz uma reflexão sobre a nova cosmovisão ecológica, baseada nas ciências naturais. A partir dela, novas perspectivas se abrem para a ação pastoral da Igreja.
2. Os quais serão publicados nas edições seguintes da revista *Vida Pastoral*.

REFLEXÕES SOBRE O SACERDOTE E O DIÁCONO PERMANENTE.



1 **Padres: viagem entre os homens do sagrado** Vittorino Andreoli

A obra propõe uma análise, atenta e cuidadosa, sobre a opção feita por muitos homens: seguir a vida de sacerdote. Dividido em sete partes, o livro explora todos os aspectos que constroem o caminho dos presbíteros, como sua vida no seminário, sua personalidade, a influência da sua idade, entre outros.

2 **Diaconia da Palavra: O ministério e a missão do diácono permanente** Julio Cesar Bendinelli

O autor propõe uma instigante reflexão sobre o serviço do diácono permanente e o sentido específico de seu ministério da Palavra no campo da evangelização para a formação dos discípulos e missionários de Jesus Cristo, à luz do Concílio do Vaticano II e dos documentos do magistério pós-conciliar. Muito bem elaborado, este livro é um subsídio para todos aqueles que desejam conhecer e se aprofundar na essência desse ministério.

3 **Presbíteros: palavra e liturgia** Enzo Bianchi

Neste livro, o autor propõe reflexões acerca da liturgia, que, quando celebrada com fé autêntica e renovada, transforma e celebra a vida e lhe dá forma, plasmando e enchendo de novo ânimo o presbítero, que exatamente na presidência eucarística encontra o fundamento do ministério sacerdotal na sua caminhada e na da comunidade.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



COLEÇÃO CATEQUESE PERMANENTE: ENTENDENDO A PROPOSTA

Pe. Orione Silva*
Solange do Carmo*

Por meio deste pequeno artigo, queremos oferecer uma visão geral sobre a Coleção CATEQUESE PERMANENTE, que está sendo publicada pela Paulus Editora, mostrando por onde começa e aonde pretende chegar, para que os que adotarem esse material possam compreender seus objetivos e propósitos.

A Coleção CATEQUESE PERMANENTE é uma proposta de formação e evangelização de crianças e adolescentes dos 5 aos 15 anos. Tem a finalidade de contribuir para o processo de iniciação cristã, ajudando as pessoas dessa faixa etária a fazer a sua experiência de Deus.

A princípio, nosso intento é fornecer material didático para consolidar nas paróquias uma catequese que não se limite a preparar para a primeira comunhão e a crisma, mas envolva todas as crianças e adolescentes pelo menos até a crisma, que se recebe geralmente por volta dos 15 anos.

Pensamos também em preparar material para que a catequese continue, mesmo depois da crisma. Aí, já estaremos falando da catequese com jovens e adultos. Do mesmo modo que dizemos que a catequese não pode terminar com a primeira comunhão, também entendemos que a formação do católico maduro na fé não pode terminar com a crisma. Se é permanente, a catequese deve continuar sempre, embora possamos pensar em modos e métodos diferentes para cada situação.

Avaliamos também a possibilidade de elaborar material para ajudar na evangelização

de jovens e adultos que não passaram pela catequese inicial, aqueles que ainda não fizeram sua iniciação cristã e desejam caminhar com a Igreja, redescobrimo o valor da fé e da experiência de Deus. Nesse caso, pretendemos apresentar os fundamentos da fé católica a um público que, embora já crescido em tamanho e idade, precisa crescer em sabedoria e graça – ou seja, a pessoas que, não obstante tenham recebido os sacramentos da iniciação cristã, ou mesmo que não os tenham recebido, desejam fazer verdadeira experiência de Deus e descobrir a alegria de seguir Jesus e com ele se comprometer.

É fundamental deixar claro que o objetivo principal dessa coleção não é preparar pessoas para os sacramentos. A coleção está em sintonia com a Igreja no Brasil no intuito de desvincular a catequese dos fiéis dos meros cursinhos preparatórios para os sacramentos, os quais se configuram mais no formato escolar que na mistagogia e na experiência da fé. Nosso desejo é justamente superar a catequese voltada tão somente para os sacramentos. Propomos uma catequese que ajude a fazer da

* Presbítero da Arquidiocese de Mariana-MG. Atua em parceria com Solange do Carmo desde 1991, especialmente na área da catequese, com o intuito de oferecer às paróquias material e metodologia para organizar a catequese.

** Licenciada em Filosofia pela PUC-Minas, graduada em Teologia pela Faje (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), Belo Horizonte-MG, onde também fez mestrado e cursa o doutorado em Bíblia e Catequese. Atualmente é professora de Teologia no Instituto São José, da Arquidiocese de Mariana, no Instituto Dom João Resende Costa, da PUC-Minas, e no Ista – Instituto Santo Tomás de Aquino. E-mail: solangedocarmo@ig.com.br

iniciação cristã uma descoberta da beleza da fé e da presença de Deus conosco, por meio de Jesus, nosso salvador, na força do Espírito Santo e em comunhão com a Igreja.

Falemos, então, das fases iniciais do que chamamos CATEQUESE PERMANENTE. Queremos propor uma experiência de Deus em três fases.

1. Pré-evangelização

Chamamos de pré-evangelização, já reconhecendo as limitações dessa expressão, a primeira fase da catequese, que tem como objetivo dar a crianças de 5 a 7 anos, aproximadamente, uma primeira visão do universo de nossa fé, com bom embasamento bíblico. Queremos que as crianças, antes de mergulharem no mistério cristão – o que vai acontecer na próxima fase, a evangelização fundamental –, façam a redescoberta do universo bíblico.

Nossas crianças recebem muita informação, pois estão sempre em contato com os meios de comunicação, lidam com a internet, vão mais cedo para a escola. Queremos que recebam também, quanto antes, não somente informação, mas formação a respeito de tantas coisas bonitas que a Bíblia Sagrada tem para nos ensinar. Queremos que experimentem a alegria de também fazer parte desse povo de fé, cuja experiência a Bíblia relata.

Como, porém, estudar Bíblia Sagrada com crianças de 5 a 7 anos? Como ajudá-las a fazer a experiência de pertença a esse povo de fé? Pode parecer pretensão! A Bíblia é um livro tão complexo! – muitos dirão. Mas nosso intento nessa fase não é fazer um estudo teológico e sistemático das Sagradas Escrituras, como se faz em uma faculdade de teologia. É simples: vamos contar às crianças histórias da Bíblia. As crianças dessa idade apreciam histórias. A Bíblia é um belíssimo livro de histórias: histórias de fé, de gente de fé, de gente que abriu o coração para Deus e fez a experiência de seu amor. Faremos, assim, uma teologia para crianças com base em histórias bíblicas.

O resultado disso é que, ao final de três anos de catequese, as crianças serão mergulha-

das no universo bíblico, no mundo da fé que essas pessoas viveram e nos deixaram como legado. Ao final do percurso, terão saboreado, degustado os eventos, as narrativas da Bíblia Sagrada, ponto de partida para o nosso encontro com Cristo e para a nossa experiência de Deus.

A Coleção CATEQUESE PERMANENTE compreende três livros para essa fase.

1.1. Conhecendo Jesus (pré-1). Nesse livro, contamos histórias da vida de Jesus de Nazaré, numa sequência que vai de seu nascimento até a sua morte e ressurreição. Começamos da anunciação do anjo a Maria e concluímos com a aparição do Cristo ressuscitado aos apóstolos. Queremos que as crianças iniciem o processo catequético criando um laço afetivo com a vida de Cristo. Por isso, mostramos a vida de Jesus como em um filme, seguindo mesmo uma ordem cronológica, para ajudar na compreensão do sentido da sua vinda ao mundo.

1.2. Seguindo Jesus (pré-2). Aqui falamos ainda de Jesus de Nazaré, figura central de nossa fé, com quem as crianças precisam se encontrar e se identificar. Destacamos aspectos especiais da vida de Jesus: suas mais belas parábolas, seus encontros mais marcantes, seus mais belos milagres e suas mais belas palavras (ou discursos). Queremos que as crianças apreciem as coisas bonitas que Cristo fez e ensinou. Isso ajuda a guardar no coração quem foi Jesus e o que ele fez, criando afeto por ele.

1.3. Somos povo de Deus (pré-3). Nesse volume, convidamos as crianças a fazer um passeio pelo Antigo Testamento. Há histórias belíssimas na vida do povo de Deus que, contadas numa linguagem apropriada, podem ser facilmente compreendidas pelas crianças, despertando nelas o desejo de fazer também sua caminhada de fé. Será que as crianças dessa idade já ouviram falar de personagens como Abraão, Jacó, Moisés, os reis Saul, Davi e Salomão e de tantas pessoas interessantes e eventos importantes do Antigo Testamento? Provavelmente, não. Então, vamos contar essas histórias às crianças. Começamos por

Abraão, com o seu desejo de uma vida de fé, passamos pela caminhada do Egito à Terra Prometida, passeamos pelo período da monarquia, visitando os reis, contemplando o exílio e a resistência do povo de fé, e, finalmente, mergulhamos com as crianças no mundo da literatura sapiencial, com destaque para o começo do Gênesis. E as crianças entendem isso tudo com a facilidade e a simplicidade do coração de criança.

Essa fase inicial quer ser como um aperitivo para abrir o apetite da fé, pequena degustação para despertar o desejo de participar do banquete que Deus nos oferece, pequena aspersão que provoca o desejo de mergulhar cada vez mais profundamente nesse mistério do Deus amor, revelado em Jesus Cristo. Quando ouvirem falar mais tarde, na escola, de Adão e Eva, por exemplo, já terão ouvido antes na catequese o que isso significa. E terão ouvido uma narrativa teologicamente elaborada, e não essas interpretações inadequadas que correm por aí, no imaginário do povo.

Ressaltamos que usamos nessa fase um método muito simples. Acolhemos as crianças, rezamos, cantamos. Depois, contamos uma história. Em seguida, propomos uma atividade que tem como objetivo ajudar a guardar no coração o que se contou na história. Usamos muito o recurso da música, com excelentes resultados para o bom aproveitamento da turma. Por isso, cada livro traz consigo um CD com músicas apropriadas para a idade, que ajudam a interiorizar o conteúdo e dão um clima de festa ao encontro. É a valorização do lúdico na catequese.

Passemos, então, à próxima fase.

2. Evangelização fundamental

Essa é a segunda fase do processo catequético, com o objetivo de ajudar as crianças, em quatro anos – dos 8 aos 11 –, a experimentar, interiorizar e entender os valores e noções fundamentais do mistério cristão. Por isso, chamamos de evangelização fundamental. Queremos que as crianças descubram e experimentem os fundamentos da fé.

Mas quais são esses fundamentos? Aqui convém lembrar o que se tem dito hoje sobre a necessidade de uma catequese querigmática que leve as crianças (no nosso caso) a fazer experiência de Deus e não somente aprender um conteúdo. O centro da catequese não é um conjunto de doutrinas que se guarda na memória, mas uma pessoa que se guarda no coração: Jesus! Em torno da pessoa de Jesus, centro de nossa fé, pensamos em seis pontos fundamentais para a nossa iniciação cristã, em seis verdades da fé que precisam se tornar uma experiência de vida para cada pessoa.

2.1. Experiência da bondade de Deus

O processo formativo será sempre um encontro com Deus. Para que a pessoa se sinta motivada para esse encontro, precisa ter uma visão positiva de Deus. Se a pessoa, no seu subconsciente, tem uma concepção estranha de Deus, não vai se sentir tão motivada a se aproximar dele a ponto de criar mais profunda intimidade.

O que acontece, infelizmente, é que Deus se tornou para o nosso povo uma realidade distante e desnecessária. As pessoas, no fundo, imaginam um Deus mau, que castiga, julga e vigia nossos atos para nos punir, que se irrita e se ofende com nossas falhas, que dá sorte a uns e reserva surpresas desagradáveis a outros, que envia chuva em excesso ou sol em abundância. Afinal, o povo pensa que Deus é como um administrador do mundo, que tudo decide e em tudo intervém, restando ao ser humano curvar-se humildemente aos seus desígnios.

Se não ajudarmos o povo a conceber outra imagem de Deus, o processo catequético ficará seriamente comprometido. Por isso, o primeiro passo da formação deveria ser este: mostrar um Deus que é amor e misericórdia, que é bondoso e compassivo, que quer nossa felicidade, que nos criou para uma vida boa, um Deus preocupado com o nosso bem, mais companheiro e amigo. Isso vai ajudar a pessoa a fazer uma experiência positiva de Deus. Porque normalmente as pessoas são marcadas por experiências negativas de Deus. Desde pequenos, ouvimos mensagens negativas so-

bre ele: “Faz isso não, que Deus não gosta”; “Cuidado, Deus está vindo”; “Deus ficou triste com você”. E por aí vai.

Tanto a criança quanto o adolescente, o jovem e o adulto deveriam começar seu processo formativo por uma forte, profunda e positiva experiência do Deus companheiro, do Deus-conosco revelado por seu Filho, Jesus Cristo.

2.2. Experiência da condição humana

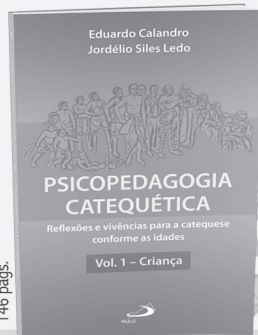
O segundo ponto fundamental do processo catequético deveria ser uma mais profunda compreensão do ser humano, em seu mistério. Compreender o ser humano significa entender suas qualidades e defeitos, força e fraqueza, liberdade e limitações, virtude e pecado. Quando a pessoa faz a experiência profunda de si mesma, entende qual é a importância de voltar-se para Deus.

O ser humano tende a ter uma imagem distorcida de si próprio: ou muito pessimista e autodestrutiva, ou muito otimista e autossuficiente. Quem se vê na ótica do pessimismo e da autodestruição não tem força nem para buscar a Deus, pois se sente indigno e incapaz dele. Quem se vê na ótica do otimismo exagerado e da autossuficiência não tem vontade de buscá-lo, pois pensa que não precisa dele.

Em ambos os casos, a pessoa crê em Deus, mas não tem interesse de se aproximar dele para um encontro mais íntimo. E toca sua vida sem ele. Descarta-o, pois ele não lhe convém.

Então, não basta ajudar a pessoa a fazer sua experiência de Deus Pai, que nos ama, como Jesus nos revelou. É preciso ajudá-la a compreender o mistério do ser humano, fazendo-a enxergar quanto é maravilhosa a vida quando vivida na comunhão com Deus. Se o ser humano tem suas limitações – e como as tem! –, Deus é a chance da plenitude. Essa descoberta é fundamental no processo formativo, tanto para crianças quanto para adolescentes, jovens ou adultos. É preciso resgatar a imagem do ser humano como ser amado e querido por Deus, como sua imagem e semelhança, como seu filho em Jesus Cristo, imagem tão distorcida no mundo de hoje.

PAULUS: CATEQUESE COM MÉTODO E EM UNIÃO À IGREJA



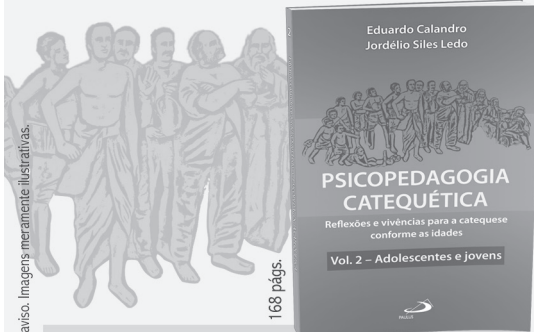
146 págs.

Psicopedagogia catequética – vol. 1

Criança

Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades
Eduardo Calandro e Jordélio Siles Ledo

Para que jovens e adolescentes compreendam os ensinamentos de Cristo, é necessário que a mensagem transmitida seja adaptada à sua capacidade de compreensão. O catequista encontrará, aqui, reflexões e propostas de vivências para se aprofundar no universo deste público e trilhar caminhos mais eficazes de evangelização.



168 págs.

Psicopedagogia catequética – vol. 2

Adolescentes e jovens

Reflexões e vivências para a catequese conforme as idades
Eduardo Calandro e Jordélio Siles Ledo

A catequese é essencialmente educação na fé; no entanto, para que a mensagem de Jesus Cristo seja anunciada e acolhida pelos catequizandos, é necessário que esta esteja adaptada à sua capacidade de assimilação. Por meio de reflexões e propostas de vivências, estas páginas aprofundam o universo da criança de 0 a 10 anos, tudo para que a evangelização aconteça de forma eficaz.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

2.3. *Experiência da salvação*

O terceiro ponto da evangelização fundamental seria realizar a profunda experiência da salvação, compreendendo o sentido mais profundo da vida de Jesus. É o momento de anunciar Jesus na sua profundidade.

Quando falamos de Deus Pai no primeiro módulo, já o fizemos à luz de Jesus Cristo, o Filho querido de Deus que nos revelou o Pai. Mas é preciso mais do que mostrar quem é o Deus de Jesus Cristo. É preciso conhecer e amar Jesus Cristo, que nos leva ao Pai. As pessoas sabem pouco sobre Jesus. Muito pouco! Sabem que foi um homem muito bom, sabem que morreu na cruz, sabem que ressuscitou, sabem que a Igreja fala muito de Jesus. Mas não conhecem o sentido profundo da vida de Jesus e o que ele representa para a humanidade, dentro do plano salvífico de Deus.

No subconsciente do nosso povo existe ainda aquela ideia do catecismo antigo de que Deus mandou seu Filho ao mundo para morrer na cruz. Então, a morte de Jesus foi mesmo capricho de Deus. Deus Pai teria se irritado com os pecados da humanidade e somente o Filho de Deus poderia reparar essa ofensa infinita. Pelo derramamento de seu sangue na cruz, com requintes de crueldade, Jesus saciou a sede de vingança de Deus, aplacando a cólera divina, suavizando o braço de Deus que pesava sobre a humanidade e, enfim, abrindo as portas do céu que Deus havia fechado depois do pecado de Adão e Eva. Tudo isso está na mente do povo, até de muitos líderes engajados e de pastores que já estudaram teologia. Infelizmente, o que está no subconsciente, advindo do catecismo antigo, influencia mais que a teologia aprendida nos institutos.

Quem conserva essa visão de Jesus não vai querer um encontro mais profundo com Deus. Essas noções, como o povo as entende, são detestáveis. Elas provocam aversão à religião.

O povo precisa entender a beleza da revelação divina. Precisa compreender como Deus enviou seu Filho ao mundo para que o mundo conhecesse o infinito amor do Pai; como Jesus veio para nos resgatar e nos mostrar um ca-

minho novo para uma vida nova; como Jesus demonstrou amor à humanidade e fidelidade ao projeto do reino até na cruz; como a ressurreição abre novas perspectivas para toda a humanidade. Se não resgatarmos o sentido profundo da vida de Jesus, não será possível a tão desejada maturidade cristã. Na melhor das hipóteses, o povo pensa que Jesus é um ídolo. Os jovens normalmente o consideram assim. Mas isso não é suficiente. Jesus é mais que ídolo. O cristão que busca a maturidade precisa experimentar a profundidade do mistério de Jesus como Salvador, fazendo a experiência da salvação.

2.4. *Experiência da conversão*

O quarto ponto da evangelização fundamental é levar a pessoa a realizar a experiência da conversão. Conversão aqui significa aquela resposta de vida que a pessoa dá diante do mistério de Deus, do ser humano e da salvação. Esses três mistérios, que se fundem num só, exigem de nós uma postura. Ninguém pode permanecer impassível e indiferente depois de experimentar a profundidade desses mistérios.

A resposta nossa será de fé e conversão. Diante do mistério de Deus, a pessoa crê. É a fé. E adere. É a conversão. Fé e conversão são duas realidades que se completam e conduzem a uma adesão à proposta de Deus.

Falando de fé e conversão, estamos também diante de conceitos mal entendidos pelo nosso povo. O povo pensa que fé é uma força mental ou uma emoção e que conversão é proceder direitinho. A ideia de converter-se está manchada por uma fatal onda de moralismo que provoca uma reação negativa na pessoa. É a noção de fé como força mental faz pensar que ela seja uma realidade que não pode ser trabalhada – ou se tem, ou não se tem –, enquanto a fé como emoção faz pensar que basta sentir algo bom para se ter fé.

É preciso conduzir o povo a uma experiência mais legítima de conversão, partindo de uma fé profunda – que significa mais aceitação do mistério de Deus do que força e mais obediência à sua palavra do que emoção momentânea – e

chegando a uma adesão de vida ao projeto de Deus. A experiência da conversão significa aceitar o mistério de Deus e aderir a ele de coração, firmando um compromisso com o seu reino, assumindo na vida o projeto de amor que ele já iniciou.

Sem isso, o processo formativo ficaria incompleto. E, mais uma vez, é preciso dizer: seja criança, adolescente, jovem ou adulto, qualquer pessoa precisará passar por essa experiência.

2.5. Experiência do Espírito Santo e da missão

Esse seria o quinto passo da evangelização fundamental. Depois de aceitar o mistério de Deus e aderir a ele, a pessoa precisa compreender o dinamismo da vida do cristão. Experimentar o Espírito Santo é compreender esse dinamismo. O Espírito significa a força de Deus agindo em nós; significa que não estamos órfãos, pois o Espírito é nosso paráclito-consolador; significa que nossa vida terá sempre uma dimensão sobrenatural, pois somos templos do Espírito Santo.

A experiência do Espírito Santo é processo bastante amplo. Poderíamos resumi-lo em dois pontos fundamentais: a compreensão de que temos uma missão neste mundo e a certeza de que não estamos sozinhos nessa missão, pois somos guiados por Deus por meio de seu Espírito. Essa experiência da missão e da força é fundamental para a maturidade cristã.

Falando do Espírito Santo, mais uma vez precisamos levar em conta a dificuldade que o povo tem de compreender seu mistério. O povo não tem boa noção sobre o Espírito Santo. Uns acham que o Espírito é uma luz que ilumina nosso intelecto. Então, rezam ao Espírito Santo antes de fazerem uma prova na escola, por exemplo, achando que o Espírito Santo ajuda a tirar nota boa. Outros pensam que o Espírito Santo seja uma força milagrosa que opera em nós, realizando coisas e fenômenos fantásticos e incomuns, caindo em certo pentecostalismo. Há quem entenda a expressão “somos templos do Espírito Santo” de forma moralista. Essa expressão foi muito

ATUALIZE SEUS CONHECIMENTOS COM OS LIVROS DA COLEÇÃO PATRÍSTICA



Comentário às cartas de São Paulo - Vol. 27/2 São João Crisóstomo

Depois dos comentários às cartas aos Romanos, aos Gálatas e aos Efésios, neste segundo tomo dos Comentários de São João Crisóstomo (347-407) ao *Corpus Paulinum*, isto é, às quatorze epístolas paulinas arroladas no cânon católico, o leitor encontrará as homilias do grande capadócio sobre as duas cartas aos Coríntios.



Regra Pastoral - Vol. 28 Gregório Magno

A obra contribui nos estudos de ministros ordenados e de todos que realizam alguma atividade pastoral, apresentando uma descrição do dinamismo do ser e do agir do pastor. Além disso, o autor propõe uma reflexão sobre a regra, que não se refere tanto a normas e preconceitos, mas sim ao modo de vida.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



usada para aconselhar a pureza sexual. A pessoa devia evitar certos comportamentos porque é templo do Espírito Santo. Sem desvalorizar a boa intenção desse argumento, é preciso aceitar que se trata de argumentação frágil para o objetivo que se quer alcançar. Tudo isso prejudica a experiência profunda do Espírito Santo.

Quem não se abre a uma nova experiência no Espírito, doado a nós por Jesus, não percebe também o sentido da Igreja, nem da missão que temos no mundo, nem da sacramentalidade da vida, nem o sentido da presença de Deus em nós, nem o sentido do fim vitorioso do mundo. Por isso, apesar da complexidade dessa experiência, ela é fundamental no processo formativo. Qualquer que seja a faixa etária da pessoa, ela precisará fazer essa experiência para atingir sua maturidade.

2.6. Experiência de ser Igreja

Esse é o sexto ponto da evangelização fundamental. Experimentar a Igreja é se sentir Igreja. É construir laços de pertença. É entender o sentido e a importância da vida comunitária, da participação, da comunhão, do engajamento, dos serviços, dos ministérios, da fraternidade, da partilha, da fé vivida na grande família de Deus. Afinal de contas, a fé não foi por nós inventada, mas herdada, transmitida a nós, que a acolhemos – é claro – numa adesão pessoal, numa decisão única.

À primeira vista, essas noções parecem simples. No entanto, talvez seja bom nos perguntarmos: será que o povo se sente Igreja? Será que o povo compreende mesmo a Igreja como grupo de pertença? Será que o povo já entendeu o sentido de viver em comunidade? Será que entendeu o porquê do engajamento?

Às vezes, fica a impressão de que o povo considera a Igreja uma agência de prestação de serviços. O povo não se sente Igreja. As pessoas vão à Igreja em busca de serviços. O povo frequenta a comunidade, mas nem sempre vive comunitariamente. O povo muitas vezes se engaja em trabalhos paroquiais porque o padre convidou e não se pode dizer não a um convite assim. Mas parece, muitas

vezes, que isso é mais um sacrifício que se faz em nome de Deus, para ganhar o céu, do que propriamente uma descoberta de que a Igreja somos todos nós, o povo que professa e vive sua fé no Deus de Jesus Cristo por força de seu Espírito.

Então, é preciso ajudar o povo a fazer a profunda experiência de ser Igreja. Sem isso, o processo formativo ficaria seriamente comprometido. Todas as experiências anteriores encontram seu lugar concreto na vivência eclesial. Não estamos falando de vivência eclesial apenas para fortalecer a Igreja, num interesse triunfalista. Acreditamos que, de fato, a vivência eclesial é elemento importante no processo de amadurecimento da pessoa. Daí a importância desse sexto passo.

Esses seis pontos se integram e se fundem, constituindo as bases do processo formativo. Na Coleção CATEQUESE PERMANENTE, eles estão agrupados em quatro livros, chamados de módulos:

Módulo 1: Deus é amor. Aqui falamos da experiência da bondade de Deus e da condição humana. Mostramos aos catequizandos uma visão bonita de Deus e uma visão bonita da vida, como dom de Deus. Depois, falamos da condição humana, marcada pela fraqueza e pela necessidade de vencê-las.

Módulo 2: Jesus, nosso salvador. Aqui, nosso objetivo é conduzir os catequizandos a fazer a experiência da salvação, entendendo o que ela significa e concluindo com a experiência da fé e da conversão, como resposta a Cristo.

Módulo 3: O Espírito Santo nos sustenta. Nesse livro, ajudamos os catequizandos a compreender e amar a missão que Jesus nos dá, lembrando que não estamos sós, pois o Espírito Santo nos acompanha e nos capacita para essa missão. Não se trata só de pôr em prática o que Jesus ensinou, cobrando dos catequizandos a ligação entre fé e vida. Trata-se de descobrir o evangelho como força transformadora de vida, de ter a experiência da fé como legítima e autêntica força que move a vida toda, e não somente parte dela.

Módulo 4: Somos Igreja. Encerrando a fase da evangelização fundamental, levamos os catequizandos a ver a Igreja de modo mais profundo, como a família da qual fazemos parte pela fé. Não apenas participamos de uma Igreja. Nós somos Igreja. Cremos como Igreja e em Igreja.

Esses quatro módulos – quatro livros – ajudam a fazer as experiências fundamentais de nossa fé. Terminada essa fase, o catequizando está entrando na adolescência. Propomos, então, mais quatro módulos voltados para o mundo do adolescente.

3. Catequese com adolescentes

Essa é a terceira fase do processo de catequese permanente. Nosso objetivo aqui é ajudar o adolescente a lidar com as questões próprias dessa idade, sempre à luz da fé. Vamos tratar das questões concretas da vida e mostrar como podem ser vividas e enfrentadas de modo tranquilo e sereno, na presença de Deus, na companhia de Cristo, na força do Espírito Santo e na comunhão com a Igreja.

Queremos ajudar o adolescente a perceber como os valores fundamentais da fé, experimentados na fase anterior, podem ajudá-lo a viver melhor e ser feliz. Queremos levar os adolescentes a ver como o evangelho é força propulsora da vida. Se não mostramos isso, eles podem cair no lugar-comum de pensar que a religião é um conjunto de regras que limitam nossa vida. E aí, já jovens, afastam-se da Igreja. Mas talvez isso não aconteça se tiverem uma visão positiva da religião, se tiverem experimentado de fato o Deus de Jesus Cristo e não um conjunto de doutrinas. Eis o ponto central dessa fase.

O adolescente enfrenta, em geral, muitos conflitos. Vê o mundo com novo olhar. E quer ser feliz. Vamos mostrar que a fé ajuda a ser feliz. Não há nada errado em querer ser feliz. Mas a religião muitas vezes é apresentada como um freio que impede que o adolescente se lance na vida e conquiste o seu lugar ao sol. O evangelho é boa-nova. Jesus quer que tenhamos alegria completa (cf. Jo 15,11). Quer

também, é claro, que saibamos renunciar a nós mesmos e tomar a cruz com ele (cf. Mt 16,24). Mas convida: venham a mim e eu os aliviarei (cf. Mt 11,28-30). A mensagem cristã não é somente carregar a cruz. É muito mais que isso. Vamos perceber o sentido bonito da alegria cristã, mais profunda e duradoura do que a felicidade superficial que muitos têm em mente.

Os livros dessa fase estão ainda em fase de elaboração. Mas pensamos em quatro módulos, que deem sequência aos da fase anterior.

3.1. Módulo 5: Ser livre e ser feliz. Vamos tratar aqui da questão da realização pessoal, tema muito apreciado pelos adolescentes e muito necessário, porque, se não nos sentirmos bem, não seremos bons seguidores de Jesus. Vamos falar da liberdade e da autoafirmação. Vamos mostrar como a fé nos ajuda a dirigir bem a nossa vida, com segurança e otimismo, e a superar as barreiras que encontramos. Vamos conduzir o adolescente aos labirintos de sua mente e de sua alma e ajudá-lo a se conhecer e se aceitar, aceitando também os outros como são. Vamos ajudá-lo a criar uma imagem positiva de si mesmo e da vida, aprendendo a lidar com as suas emoções, especialmente fortes nessa faixa etária.

3.2. Módulo 6: Viver e conviver. Queremos ajudar os adolescentes a descobrir a arte de conviver: com a família, com os amigos, com o mundo, sem se deixar levar, sem criar conflitos, mas em sintonia e harmonia com o que está em nossa volta e junto de nós. Vamos ajudá-los a conviver com a própria sexualidade, com a realidade do namoro, tudo com serenidade e equilíbrio, iluminados por Jesus, sem deixarem de ser felizes e terem a alegria completa. O adolescente vai lidar com o grupo. Precisa estar seguro. Vai fazer a experiência da realidade da vida e precisa de apoio. Vamos falar de violência, de drogas, de vícios, dos perigos da vida. Mas vamos mostrar que com fé tudo se vence.

3.3. Módulo 7: Compreender o mundo. Queremos ajudar o adolescente a olhar para além de si mesmo e do pequeno grupo de cole-

gas que o rodeiam e a fazer uma leitura cristã do mundo que o cerca. Vamos introduzir aqui questões da ética social, temas da doutrina social da Igreja. Vamos falar do compromisso de entender o mundo, com sua lógica nem sempre cristã, para nele sermos luz. Vamos mostrar que o adolescente não é uma ilha, não está isolado nem é vítima do mundo, mas um agente qualificado para a transformação dele. Queremos ajudar os adolescentes a vencer aquela visão passiva de que o mundo está aí e nós temos de aceitar as coisas como são. É preciso ajudá-los a ter uma visão de quem vê além, de quem acredita que pode lutar por um mundo melhor. Não é somente utopia, é a força transformadora da fé.

3.4. Módulo 8: Comprometer-se. Nesse último módulo, pensamos em ajudar o adolescente a entender o sentido bonito do compromisso que a fé desperta em nós. Em geral, a palavra compromisso soa pesada. Mas, se vista de outro modo, à luz da fé, compromisso pode ser palavra transformadora. Como se trata de encerrar uma etapa importante, podemos fazer uma revisão do que é fundamental em nossa fé católica, provocando no adolescente, quase jovem, a atitude de se comprometer a viver a vida de modo cristão, como autêntico discípulo e missionário de Jesus.

4. Algumas questões finais

4.1. Onde ficam os sacramentos nesse processo? Os sacramentos da iniciação cristã são muito importantes. Mas não devem ser, no nosso modo de pensar, o objetivo em si da catequese. O objetivo é a iniciação cristã. Os sacramentos são momentos fortes de celebrar a fé que vamos vivenciando no processo de iniciação cristã. Se uma criança começa esse processo desde os 5 anos, sugerimos que faça a primeira comunhão e a primeira confissão no final do módulo 4 ou durante esse módulo. Nessa fase, estará concluindo o processo de experimentar os pontos essenciais da fé. É hora de celebrar a comunhão da fé: com Cristo e com a Igreja. Sugerimos que a crisma seja celebrada no final do módulo 8 ou

durante esse módulo. O adolescente estará com 15 anos e terá, pelo conteúdo já visto, boa bagagem para assumir o compromisso de ser um jovem católico, com todo o sentido que isso tem.

4.2. E a continuidade do processo? Depois do módulo 8, depois da crisma, pensamos que o adolescente já possa fazer parte da pastoral da juventude e, assim, engajar-se na comunidade, continuando aí a sua formação. Pensamos – para o futuro, querendo Deus – em preparar subsídios para jovens, dando continuidade à coleção. Isso depende de muitos fatores.

4.3. E a catequese com adultos? Hoje se fala muito em catequese com adultos. Concordamos plenamente que não adianta formar na fé as crianças e adolescentes sem ajudar os adultos a fazer a experiência de fé. Concordamos também que muitos adultos que já receberam os sacramentos não estão ainda suficientemente catequizados. Nosso sonho é ter um material voltado para os adultos. Mas vamos lembrar que, ao falar de jovens e adultos, estamos falando da catequese em sentido um pouco mais amplo, não imaginando necessariamente encontros semanais como fazemos com as crianças e com os adolescentes, embora não excluindo isso também. Assim, podemos imaginar que a pastoral da juventude seja para os jovens uma experiência catequética e que a pastoral familiar e as demais pastorais ajudem os adultos a fazer suas experiências de fé. Mas nada impede, por exemplo, que elaboremos um material catequético com os mesmos princípios orientadores da catequese de crianças e adolescentes. Jovens e adultos, como são muito sacramentados e pouco evangelizados, precisam também fazer as seis experiências acima citadas. Hoje, mais do que nunca, neste mundo secularizado, torna-se imperativo não pensar a catequese dos adultos como uma escola teológica, mas como um processo de mergulho no mistério de Deus. Nossos adultos já não conhecem Jesus Cristo, seu evangelho, sua proposta. É preciso ajudá-los a fazer essa experiência de fé.

4.4. *E a catequese para pessoas com deficiência?* Imaginamos que pessoas com deficiência devam ser integradas, tanto quanto possível, nas turmas regulares de catequese da paróquia. Não podemos perder de vista a necessidade de integração dessas pessoas na comunidade. Evangelizá-las em turmas separadas não nos parece boa ideia. Casos em que isso não seja realmente possível sejam tratados então de forma especial, de acordo com cada situação.

4.5. *E o livro do catequizando, a coleção não traz?* Realmente, a Coleção CATEQUESE PERMANENTE não prevê um livro para o catequizando. Nossa ideia é que o catequista tenha um livro que o ajude nos encontros e, assim, encontre a melhor maneira de passar sua experiência de fé para a turma, mas sem deixar a catequese ficar parecendo escola. Mesmo porque entendemos a catequese como um processo mais afetivo, para tocar mais o coração e não para ser escrito em livros ou simplesmente decorado. Nossa preocupação é oferecer um bom subsídio ao catequista, que, bem formado e orientado, saberá conduzir os catequizandos à experiência da fé. Quanto à didática da catequese, ao modo de realizar cada encontro, sugerimos que seja consultado o livro *Elementos de didática na catequese*, também de nossa autoria e da mesma editora. Nesse livro, o catequista aprende como conduzir um encontro sem necessidade de livros para o catequizando. Na maior parte das vezes, o desejo de ter um livro para o cate-

quizando brota da insegurança do catequista, que se sente mais confortável quando o catequizando tem algo em mãos. É um resquício da catequese como aula de doutrina religiosa. Queremos superar esse conceito, mostrando que um encontro de catequese deve ser muito diferente de uma aula de doutrina. Isso exige capacitar os catequistas quanto à metodologia e didática do encontro.

4.6. *Mas o livro básico da catequese não é a Bíblia?* Para que tantos livros para o catequista? Concordamos plenamente que o livro central para o processo catequético é realmente a Bíblia Sagrada. Mas sabemos que os catequistas precisam de formação para entender a Bíblia, fazer a correta exegese e descobrir em cada relato a força para a vida. Nossa coleção é para formar o catequista, dando-lhe instrumentos pedagógicos para exercer seu ministério, ajudando-o a compreender a Bíblia Sagrada, mas não só. O processo catequético não deve se limitar a simples leitura da Bíblia. A catequese não é simples estudo bíblico, apesar de a Bíblia ser a sua fonte principal. A catequese, apesar de afetiva, envolvente, mistagógica, existencial, é processo orgânico e sistemático. É nesse sentido que a Coleção CATEQUESE PERMANENTE quer contribuir. Sobre o uso da Bíblia na catequese, há documentos importantes da Igreja. Na coleção, damos dicas de como se dará a leitura da vida à luz da Bíblia Sagrada.



Criação PAULUS / imagens meramente ilustrativas.

Liturgia Diária das Horas

A forma de oração cultivada e aprovada pela longa tradição da Igreja em formato que permite mais fácil acesso e manuseio para todo o povo cristão, de maneira a difundir e recuperar essa prática milenar. Os fascículos mensais trazem a oração da manhã (Laudes), da tarde (Vésperas) e, a partir de 2011, incluindo também a oração da noite (Completas).

Assinaturas: (11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br



ROTEIROS HOMILÉTICOS

(Também na internet: www.paulus.com.br)

Pe. Johan Konings, sj*

2º DOMINGO DA PÁSCOA (1º de maio)

A FÉ APOSTÓLICA, QUE É NOSSA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Nos domingos depois da Páscoa, a liturgia nos põe em contato com a primeira comunidade cristã. As primeiras leituras são uma sequência de leituras tomadas dos Atos dos Apóstolos. Nas leituras do evangelho, é-nos apresentada a “suma teológica” do século I, o Evangelho de João. As segundas leituras são tomadas de outros escritos muito significativos quanto aos temas batismais e da fé; no ano A, a primeira carta de Pedro.

O segundo domingo pascal, especificamente, é marcado pelo tema da *fé batismal*. É o antigo domingo *in albis* (“em vestes brancas”). Nesse domingo, os neófitos (os novos fiéis, literalmente “brotos novos”), batizados na noite pascal, apresentavam-se vestidos com a veste branca que receberam na noite de seu batismo: são “como crianças recém-nascidas” (como se dizia no canto da entrada). A oração do dia pede que progredamos na compreensão dos mistérios básicos da nossa fé, os “sacramentos da iniciação cristã” – batismo, eucaristia e confirmação –, e a oração final reza por mais profundo

entendimento do mistério da ressurreição e do batismo. Quanto às leituras, embora não exista estrita coerência temática entre as três, todas elas nos fazem participar do espírito do mistério pascal.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,42-47)

A primeira leitura nos apresenta o ideal da comunidade cristã: a comunidade primitiva dos cristãos de Jerusalém. A descrição de At 2,42-47 acentua especialmente a comunhão dos bens, que corresponde ao sentido do partir o pão – comemoração do Senhor Jesus. Outros textos semelhantes sobre a vida da comunidade encontram-se em At 3,32-37 e 5,12-16. Tanto essa comunhão perfeita como os prodígios operados pelos apóstolos serviam de testemunho para os demais habitantes de Jerusalém, testemunho que não deixava de ter sua eficácia. Essa leitura é, portanto, mais do que um documento histórico sobre os primeiros tempos depois da Páscoa: é convite para restabelecermos a pureza cristã das origens.

2. II leitura (1Pd 1,3-9)

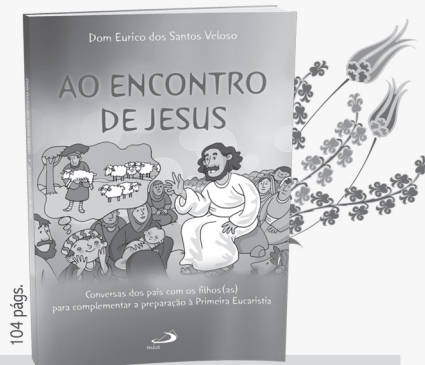
A segunda leitura é tomada da primeira carta de Pedro, que é uma espécie de homilia batismal. Na perspectiva de seu autor, a volta gloriosa do Senhor estava próxima;

os cristãos deviam passar por um tempo de prova, como ouro na fornalha, para depois brilhar com Cristo na sua glória. Nessa perspectiva, a fé batismal se concebe como antecipação da plena revelação escatológica: é amar aquele que ainda não vimos e nele crer, o coração já repleto de alegria diante da salvação que se aproxima (e já alcançada à medida que a fé nos põe em verdadeira união com Cristo).

3. Evangelho (Jo 20,19-31)

O evangelho constitui o fim do Evangelho de João: Jo 20,19-31 (o capítulo 21 de João é um epílogo que excede a estrutura literária do evangelho propriamente). O Evangelho de João é composto de dois painéis, introduzidos pelo prólogo (1,1-18). O primeiro painel, 1,19-12,50, narra os “sinais” de Jesus. Esses sinais manifestam que Jesus é o enviado de Deus e que Deus está com ele e, ao mesmo tempo, revelam simbolicamente o dom que Jesus mesmo é. No segundo painel, os capítulos 13-20, Jesus, na hora de sua despedida, abre o seu mistério de união com o Pai e inclui nele os seus discípulos, antes de assumir, livremente, a morte por amor e ser ressuscitado por Deus. Sua ressurreição é o sinal de que ele vive e sobe à glória do Pai (20,17)! No trecho que ouvimos hoje, manifesta-se o dom do Espírito de Deus a partir da glorificação/exaltação de Jesus (cf. 7,37-39). Na sua despedida, Jesus prometeu aos seus o Espírito e a paz (14,15-17.26-27). Agora, o Ressuscitado, enaltecido e revestido com a glória do Pai, traz esses dons aos seus (20,21-22), que serão seus enviados como ele o foi do Pai (20,21). Para essa missão, recebem o poder de perdoar, poder que, segundo a Bíblia, é exclusivo de Deus e, portanto, só pode ser comunicado por quem comunga de sua autoridade. De fato, já no início do Evangelho de Marcos, Jesus

Família que tem Jesus como centro de sua vida é família feliz



Ao encontro de Jesus: conversas dos pais com os filhos(as) para complementar a preparação à Primeira Eucaristia Dom Eurico dos Santos Veloso

O livro é uma proposta de encontros de pais com seus filhos em complementação à preparação catequética. São ao todo 40 encontros, que podem ser feitos no período que antecede a Primeira Eucaristia. Os encontros se dão em torno de temas do evangelho.



Via-sacra da família Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima

Ao escrever esta via-sacra, o autor propõe às famílias que irão rezá-la uma breve reflexão sobre alguns momentos vividos por seus membros. O texto tem linguagem simples e compreensível e abarca diversos temas relacionados ao assunto, ajudando, por meio da oração, as pessoas conhecerem melhor a si mesmas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



se caracteriza como o “Filho do homem” (cf. Dn 7,13-14), que recebe de Deus esse poder (Mc 2,10). Segundo Jo 20,19-23, o Ressuscitado dá à comunidade dos fiéis o Espírito de Deus e a missão de tirar o pecado do mundo – também a missão que João Batista reconheceu em Jesus no início do evangelho (Jo 1,29). À maneira semítica e bíblica, a missão de perdoar é expressa na forma afirmativa (“a quem perdoardes os pecados, serão perdoados”) e negativa (“a quem os retiverdes [= não perdoardes], serão retidos”, Jo 20,23). Mas isso não significa que os seguidores e sucessores de Jesus poderão administrar o perdão arbitrariamente. Muito antes, trata-se do poder de *administrar o perdão concedido por Deus*: munida do Espírito de Deus, a comunidade reconhecerá quem recebe dele o perdão e quem não. E não deixa de ser significativo que Jesus exprima essa presença do Espírito exatamente pelo perdão e não pelo dom das línguas ou algo assim. Pois o que o ser humano procura, em profundidade, é exatamente esse “estar bem com Deus e com os irmãos” que o pecado impede, mas o perdão possibilita. Todo o culto judaico girava em torno da reconciliação com Deus e com a comunidade. A carta aos Hebreus explica que Jesus, enquanto sumo sacerdote definitivo, realiza essa reconciliação de uma vez para sempre. O que Jesus confia aos seus em Jo 20,22-23 é mais que mera “jurisdição”. É o dom da vida nova, na “paz”, no *shalom*, o dom do Messias por excelência. Unidos na comunhão da verdadeira videira que é Jesus (Jo 15,1-8), temos a vida em abundância (Jo 10,10).

A segunda parte do evangelho de hoje conta a história de Tomé. O texto põe em evidência Tomé entre os que viram o Ressuscitado (cf. At 10,41; 1Jo 1,1-3), mas visa às gerações seguintes, que, sem terem visto, deverão crer – com base no testemunho das

testemunhas privilegiadas. “Felizes dos que não viram e, contudo, creram” (Jo 20,28) é bem-aventurança que se dirige a nós (cf. 1Pd 1,8, primeira leitura de hoje). E é para esse fim que os que viram nos transmitiram, por escrito, o testemunho evangélico, como diz o autor nas palavras finais (Jo 20,30-31).

Daí podermos dizer: “Cremos na fé dos que testemunharam”, a fé dos apóstolos, a fé apostólica. A Tomé é dado experimentar a realidade do Crucificado que ressuscitou, e o apóstolo proclama a sua fé, tornando-se verdadeiro fiel. Mas há outros a quem não será dado esse tipo de provas que Tomé requereu e recebeu; eles terão de acreditar também e são chamados felizes por crerem sem ter visto. Esses “outros” somos todos nós, cristãos das gerações pós-apostólicas. Mas, em vez de provas palpáveis, a nós é transmitido o testemunho escrito das testemunhas oculares, para que nós creiamos e, crendo, tenhamos a vida em seu nome (20,30-31). *A fé dos apóstolos é nossa.*

III. DICAS PARA REFLEXÃO: NOSSA FÉ “APOSTÓLICA”

Todo o mundo gosta de ter provas palpáveis para acreditar. Mas para que ainda acreditar quando se têm provas palpáveis? E as pretensas provas, que certeza dão? Nossa fé não vem de provas imediatas, mas da fé das “testemunhas designadas por Deus” (At 10,41), principalmente dos apóstolos.

Os apóstolos foram as testemunhas da ressurreição de Jesus. Eles puderam ver o Ressuscitado e por isso acreditaram. Tomé foi convidado por Jesus a tocar nas chagas das mãos e do lado (evangelho). Tomé pôde verificar e creu: “Meu Senhor e meu Deus”. Nós não temos esse privilégio. Seremos felizes se crermos sem ter visto (Jo 20,29)! Mas, para que isso fosse possível, os apóstolos nos deixaram os evangelhos,

testemunho escrito do que eles viram e da fé no Cristo e Filho de Deus que abraçaram (Jo 20,30-31).

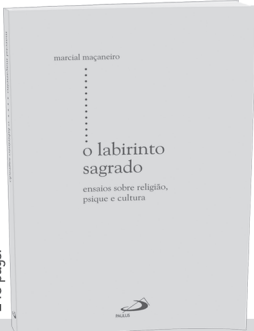
O Cristo descrito nos evangelhos é visto *com os olhos da fé dos apóstolos*. Um incrédulo o veria bem diferente. Nós cremos em Jesus como os apóstolos o viram. A participação na fé dos apóstolos nos dá a possibilidade de “amar Cristo sem tê-lo visto” e de “acreditar nele (como Senhor e fonte de nossa glória futura), embora ainda não o vejamos” (2ª leitura).

Nós acreditamos na fé dos apóstolos e da Igreja que eles nos deixaram. Então, nossa fé não é coisa privada. É apostólica e eclesial. Damos crédito à Igreja dos apóstolos. Os primeiros cristãos faziam isso materialmente: entregavam os seus bens para que ela os transformasse em instrumentos do amor do Cristo. Crer não é somente aceitar verdades. É agir segundo a verdade do ser discípulo e seguidor do Cristo.

É inútil querer verificar e provar nossa fé sem passar pelos apóstolos e pela corrente de transmissão que eles instituíram, a Igreja. É impossível verificar, por evidências fora do âmbito dos evangelhos, a ressurreição de Cristo. Ora, o importante não é “verificar”, ao modo de Tomé, mas viver o sentido da fé que os apóstolos (incluindo Tomé) transmitiram. A fé dos apóstolos exige que creiamos em seu testemunho sobre Jesus morto e ressuscitado e também que pratiquemos a vida de comunhão fraterna na comunidade eclesial que brotou de sua pregação.

Num tempo de hiperindividualismo, como é o nosso, essa consciência de acreditarmos naquilo que os apóstolos acreditaram é muito importante. Deles recebemos a fé, nossa “veste branca”, e, na comunidade que eles fundaram, nós a vivemos. Ora, por isso mesmo é tão importante que essa comunidade, por todo seu modo de viver o legado do Ressuscitado, seja digna de fé.

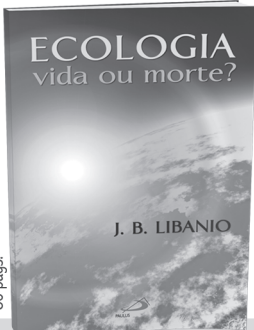
Reflexões atuais sobre temas que fazem parte do nosso cotidiano



248 págs.

Labirinto sagrado:
Ensaio sobre religião, psique e cultura
Marcial Maçaneiro

A obra possibilita ao leitor sondar o fascinante mundo da experiência religiosa. Nos oito ensaios temáticos, o autor tece um diálogo entre subjetividade e história, psique e cultura, utilizando abordagem antropológica e respeitando as questões relacionadas à religião.



80 págs.

Ecologia:
vida ou morte?
J. B. Libanio

Nesse livro, J. B. Libanio reúne pequenos artigos sobre ecologia que desejam ser uma “gota d’água” para mitigar a seca gigantesca de que nos ameaça o tipo de desenvolvimento capitalista, insaciável, privatizante e doentio.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



A EXPERIÊNCIA DE EMAÚS

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do segundo domingo pascal apresentou a comunidade apostólica e sua fé em Jesus Cristo ressuscitado. Agora, o terceiro domingo apresenta a mensagem que essa comunidade anunciou ao mundo, a pregação dos apóstolos nos primórdios da Igreja: o “querigma”. A perspectiva do anúncio universal é criada pela antífona da entrada, com o Salmo 66[65],1-2: “Aclamai a Deus, toda a terra”, enquanto a oração do dia evoca a renovação espiritual dos que creem e recebem a condição de filhos de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,14.22-33)

A primeira leitura apresenta o “querigma” apostólico, o anúncio – no discurso de Pedro em Pentecostes – da ressurreição de Jesus e de sua vitória sobre a morte. É o protótipo da pregação apostólica. Suprimida a introdução do discurso, por ser a leitura de Pentecostes (At 2,15-21), a leitura de hoje se inicia com o v. 22, anunciando que o profeta rejeitado ressuscitou, cumprindo as Escrituras (Sl 16[15],8-10). Não se trata de ver aí uma realização “ao pé da letra”, mas de reconhecer nas Escrituras antigas a maneira de agir de Deus desde sempre, a qual se realiza num sentido “pleno” em Jesus Cristo. Ou melhor: naquilo que se vê em Jesus, aparece o sentido profundo e escondido das antigas Escrituras. O importante nesse querigma é o anúncio da ressurreição como sinal de que Deus “homologou” a obra de Jesus e lhe deu razão contra tudo e todos. Isso é atestado não só por testemunhas

humanas, mas também pelo testemunho de Deus mesmo, na Escritura. O Salmo 16[15], por exemplo, originalmente a prece de quem sabe que Deus não o entregará à morte, encontra em Cristo sua realização plena e inesperada. Esse salmo é também o salmo responsorial de hoje e terá de ser devidamente valorizado.

2. II leitura (1Pd 1,17-21)

Na segunda leitura, continua a leitura da 1Pd iniciada no domingo passado. Jesus Cristo é visto como aquele que nos conduz a Deus. Sua morte nos remiu de um obsoleto modo de viver. Por meio de Cristo, ou seja, quando reconhecemos e assumimos a validade do seu modo de viver e de morrer, chegamos a crer verdadeiramente em Deus e conhecemos Deus como aquele que ressuscita Jesus, aquele que dá razão a Jesus e “endossa” a sua obra. Isso modifica nossa vida. Desde o nosso batismo, chamamos a Deus de Pai; mas ele é também o Santo que nos chama à santidade (1Pd 1,16; cf. Lv 19,2). O sacrifício de Cristo, Cordeiro pascal, obriga-nos à santidade. Os últimos versículos desta leitura (v. 19-21) constituem uma profissão de fé no Cristo, que desde sempre está com Deus: ele nos fez ver como Deus verdadeiramente é, e por isso podemos acreditar que Deus nos ama.

3. Evangelho (Lc 24,13-35)

O evangelho é preparado pela aclamação, que evoca o ardor dos discípulos ao escutar a palavra de Deus (cf. Lc 24,32). Trata-se da narrativa dos discípulos de Emaús (lida também na missa da tarde no domingo da Páscoa). A homilia pode sublinhar diversos aspectos.

1) “Não era necessário que o Cristo padecesse tudo isso para entrar na glória?” (Lc 24,26). Cabe parar um momento junto ao termo “o Cristo”. Não é apenas de Jesus

DESVENDE OS ENIGMAS DA BÍBLIA COM ESTA COLEÇÃO DE DVDS MODERNA E ENVOLVENTE



Compreender toda a riqueza e profundidade da Palavra de Deus é o desejo de todos aqueles que a reconhecem como fonte de vida e de sabedoria. É por isso que a **PAULUS** oferece ao público a série **Desvelando os enigmas da Bíblia**. Preparada com base nos mais modernos estudos sobre a Sagrada Escritura e abordando os principais aspectos dos textos sagrados sob a ótica cultural, teológica, histórica e multidisciplinar, a apresentação é feita de forma clara e objetiva, o que torna os DVDs atuais e agradáveis de serem vistos.

CONFIRA ALGUNS TÍTULOS DA SÉRIE INÉDITA.



PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

como pessoa que se trata, mas de Jesus enquanto Cristo, Messias, libertador e salvador enviado e autorizado por Deus. Não se trata apenas de reconhecer a vontade divina a respeito de um homem piedoso, mas do modo de proceder de Deus no envio de seu *representante*, o “Filho do homem” revestido de sua autoridade (cf. Dn 7,13-14), que deve levar a termo o caminho do sofrimento e da doação da vida (cf. Lc 9,22.31).

2) Jesus “lhes explicou, em todas as Escrituras, o que estava escrito a seu respeito” (Lc 24,27). Em continuidade com a primeira leitura, podemos explicitar o tema do cumprimento das Escrituras. As Escrituras fazem compreender o teor divino do agir de Jesus. Enquanto os discípulos de Emaús estavam decepcionados a respeito de Jesus, fica claro agora que, apesar da aparência contrária, Jesus agiu certo e realizou o projeto de Deus. As Escrituras testemunham isso. Jesus assumiu e levou a termo a maneira de ver e de sentir de Deus que, embora de modo escondido, está representada nas antigas Escrituras. Ele assumiu a linha fundamental da experiência religiosa de Israel e a levou à perfeição, por assim dizer. Mas só foi possível entender isso depois de ele ter concluído a sua missão. Só à luz da Páscoa foi possível que as Escrituras se abrissem para os discípulos (cf. também Jo 20,9; 12,16).

3) Reconheceram-no ao partir o pão (cf. Lc 24,31 e 35). A experiência de Emaús nos faz reconhecer Cristo na celebração do pão repartido. Na “última ceia”, o repartir o pão fora reinterpretado, “ressignificado”, pelo próprio Jesus como dom de sua vida pelos seus e pela multidão (Lc 22,19); e à comunhão do cálice que acompanhava esse gesto, Jesus lhe dera o sentido de celebração da nova e eterna aliança (Lc 22,20). Assim puderam reconhecê-lo ao partir do pão. Mas o gesto de Jesus na casa dos discípulos significava também a rememoração do gesto

fundador que fora a Última Ceia, a primeira ceia da nova aliança. Desde então, esse gesto se renova constantemente e recebe de cada momento histórico significações novas e atuais. Que significa “partir o pão” hoje? Não é apenas o gesto eucarístico; é também o repartir o pão no dia a dia, o pão do fruto do trabalho, da cultura, da educação, da saúde... Os discípulos de Emaús, decerto, não pensavam num mero rito “religioso”, mas em solidariedade humana. Ao convidarem Jesus, não pensaram numa celebração ritual, mas num gesto de solidariedade humana: que o “peregrino” pudesse restaurar as forças e descansar, sem ter de enfrentar o perigo de uma caminhada noturna. O repartir o pão de Jesus é situado na comunhão fraterna da vida cotidiana. Esse é o “aporte” humano que Jesus ressignifica, chamando à memória o dom de sua vida.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: ENTENDER AS ESCRITURAS E PARTIR O PÃO

A liturgia de hoje nos conscientiza de que Jesus, apesar – e por meio – de seu sofrimento e morte, é aquele que realiza plenamente o que a experiência de Deus no Antigo Testamento já deixou entrever, aquilo que se reconhece nas antigas Escrituras quando se olha para trás à luz do que aconteceu a Jesus. Ao tomarmos consciência disso, brota-nos, como nos discípulos de Emaús, um sentimento de íntima gratidão e alegria (“Não ardia o nosso coração...?”, Lc 24,32) que invade a celebração toda, especialmente quando, ao partir o pão, a comunidade experimenta o Senhor ressuscitado presente no seu meio.

A saudade é a benfazeja presença do ausente. Quando alguém da família ou uma pessoa querida está longe, a gente procura se lembrar dessa pessoa. É o que aconteceu com os discípulos de Emaús. Jesus fora embora... mas, sem que o reconhecessem,

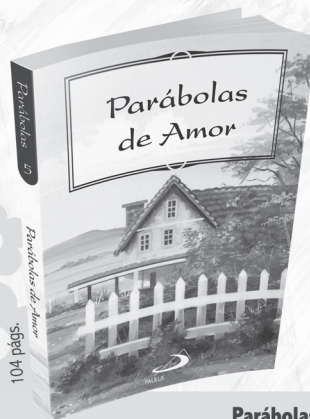
estava caminhando com eles. Explicava-lhes as Escrituras. Mostrava-lhes o veio escondido do Antigo Testamento que, à luz daquilo que Jesus fez, nos faz compreender ser ele o Messias: os textos que falam do Servo Sofredor, que salva o povo por seu sofrimento (Is 52-53); ou do Messias humilde e rejeitado (Zc 9-12); ou do povo dos pobres de Javé (Sf 2-3) etc. Jesus ressuscitado mostrou aos discípulos de Emaús esse veio, textos que eles já tinham ouvido, mas nunca relacionado com aquilo que Jesus andou fazendo... e sofrendo.

Isso é uma lição para nós. Devemos ler a Sagrada Escritura por intermédio da visão de Jesus morto e ressuscitado, dentro da comunidade daqueles que nele creem. É o que fazem os apóstolos na sua primeira pregação, quando anunciam ao povo reunido em Jerusalém a ressurreição de Cristo, explicando os textos que, no Antigo Testamento, falam dele, como mostra a primeira leitura de hoje. *Para a compreensão cristã da Bíblia, é preciso ler a Bíblia na Igreja, reunidos em torno de Cristo ressuscitado.*

O que aconteceu em Emaús, quando Jesus abriu as Escrituras aos discípulos, é parecido com a primeira parte de nossa celebração dominical, a liturgia da palavra. E muito mais parecido ainda com a segunda parte, o rito eucarístico: Jesus abençoa e parte o pão, e nisso os discípulos o reconhecem presente. Desde então, a Igreja repete esse gesto da fração do pão e acredita que, neste, Cristo mesmo se torna presente.

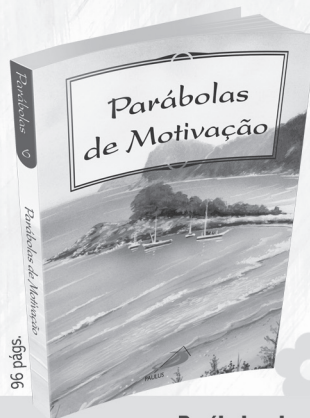
Emaús nos ensina as duas maneiras fundamentais de ter Cristo presente em sua ausência: *ler as Escrituras* à luz de sua memória e *celebrar a fração do pão*, o gesto pelo qual ele realiza sua presença real, na comunhão de sua vida, morte e ressurreição. É a presença do Cristo pascal, glorioso – já não ligado ao tempo e ao espaço, mas acessível a todos os que o buscam na fé e se reúnem em seu nome.

Aníme sua vida e ganhe mais força para amar!



Parábolas de amor Darlei Zanon

Este livro é um convite ao crescimento pessoal. O autor reúne 23 parábolas populares, seguidas de tópicos para reflexões e debates, que pretendem conduzir os leitores a viver melhor e mais intensamente os "diversos amores" que fazem parte da vida do ser humano.



Parábolas de motivação Darlei Zanon

Com o objetivo de ser um instrumento pedagógico que auxilie na formação ética e humana de jovens e adultos, este livro reúne 23 parábolas populares, seguidas de tópicos para reflexões e debates, que procuram tornar o dia a dia dos leitores mais alegre e vivaz.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



I. INTRODUÇÃO GERAL

O quarto domingo pascal é conhecido, na pastoral, como o domingo do Bom Pastor. A oração do dia é inspirada por esse tema (a fraqueza/fragilidade do rebanho e a fortaleza do Pastor). Porém, desde a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o conjunto literário do “Bom Pastor”, no Evangelho de João, foi repartido pelos três anos do ciclo, A, B e C. Neste ano A, a leitura do evangelho não apresenta, propriamente, a parábola do Bom Pastor (Jo 10,11-18, evangelho do ano B), e sim o trecho anterior, *a parábola da porta e dos pastores* (Jo 10,1-10). Essa parábola dá ensejo à exploração de outros temas que não os tradicionais, para que, segundo o desejo do Concílio, seja “ricamente servida” a Mesa da Palavra.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,14a.36-41)

A primeira leitura é a continuação da pregação missionária de Pedro que já ouvimos no domingo anterior. Apresenta-se o que-rigma cristão e a conversão, o que combina bem com o espírito da Páscoa como celebração do batismo. Pedro conscientiza os judeus de Jerusalém de que Jesus, rejeitado e morto por eles, foi por Deus constituído Senhor e Cristo (v. 36). Essa pregação provoca o arrependimento (*metanoia*) no coração dos ouvintes: convertem-se e aderem ao círculo dos discípulos (v. 37-41). O povo de Israel é agora obrigado a optar, e não só Israel, mas também os que o Senhor chamou “de longe”, os não israelitas (v. 39; cf. Is 57,19). Parte da população de Jerusalém se conver-

te, então, àquilo que Pedro anunciou. Essa conversão pode reter, hoje, a nossa atenção. É o protótipo da adesão à Igreja em todos os tempos. Nós estamos acostumados a nascer já batizados, por assim dizer. Mas isso não quer dizer que nos tenhamos convertido para aderir a Cristo na sua Igreja. Pensemos naquela multidão que, pouco antes, desconhecia ou até desprezava o caminho e a atitude de Jesus de Nazaré e, ativa ou passivamente, havia concordado com sua crucifixão. Agora que Pedro, pela força do Espírito, lhes mostra que essa vida (de Jesus) foi certa e por Deus coroada, eles deixam acontecer no seu coração a verdadeira *metanoia*, a “revirada” do coração. Em virtude daquilo que lhes foi pregado a respeito do Cristo, mudam sua maneira de ver, sua escala de valores. Essa *metanoia* é o passar pela porta que é Cristo, como diz o evangelho, o recusar-se a ladrões e assaltantes, que se apresentam sem passar por ele. É aderir a nada que não seja conforme Cristo, marcado por sua vida e situado no seu caminho. Será que nós fizemos essa conversão?

2. II leitura (1Pd 2,20b-25)

Pedro ensina a trilhar os passos de Jesus Cristo pastor os que vivem na condição de escravo ou servo (cf. 1Pd 2,18). Assemelhado ao Servo Padecente de Deus (cf. Is 52-53), Cristo deu, no seu sofrer, o exemplo da paciência. A imagem das ovelhas perdidas, no v. 25, corresponde à imagem do pastor, ao qual o rebanho se confia pelo batismo. Ele nos abre o caminho certo: não o da violência opressora, mas o da justiça que, para se provar verdadeira, não se recusa a sofrer.

3. Evangelho (Jo 10,1-10)

O evangelho de hoje é a parábola da porta do rebanho e dos pastores. No contexto anterior, a história do cego (Jo 9), os fariseus mostraram ser os verdadeiros

cegos. Eles deveriam ser os pastores de Israel, mas não o são. Em continuidade direta com esse episódio – pois não há nenhuma nova indicação de cenário –, Jo 10 mostra quem não é e quem é o verdadeiro pastor. Os vv. 1-5 narram uma parábola: a cena campestre do redil comunitário, onde entram e saem os pastores e as ovelhas, mas onde também entram, por vias escusas, os assaltantes, para roubar e matar. As autoridades judaicas não entendem a parábola (v. 6), pois só entende quem crê em Cristo. Em seguida, nos vv. 7-18, a parábola é explicada em dois sentidos: Jesus é a porta (vv. 7-10), Jesus é o pastor (vv. 11-18). No trecho lido hoje, é apresentada a parábola introdutória e a primeira explicação: Jesus Cristo é a *porta*. Por ele, entram os pastores verdadeiros, por ele são conduzidas as ovelhas até os prados onde encontrarão vida. Antes dele vieram pessoas que entravam e saíam, não pela porta, mas por outro lugar: eram assaltantes, conduziam as ovelhas para a perdição, para tirar-lhes a vida. Pouco importa quem sejam esses assaltantes – Jesus parece pensar nos mestres judeus de seu tempo –, não os devemos seguir. O que importa é a mensagem positiva: que passemos pela porta que é Jesus Cristo. Só o caminho que passa por ele é válido. Essa porta se situa, portanto, na comunidade dos fiéis a Cristo. Na comunidade que representa o Cristo, depois da ressurreição, encontramos o que nos serve para sempre; teremos o mesmo acesso ao Pai que os apóstolos encontraram na pessoa de Jesus (cf. Jo 14,6-9). Jesus com a sua comunidade é a porta que dá acesso ao Pai. Jesus dá acesso ao caminho da salvação tanto aos pastores, para entrarem, quanto aos rebanhos, para saírem rumo às pastagens. Onde há vida, é por Cristo que chegamos a ela (cf. Jo 14,6). O prefácio da Páscoa II (Cristo, nosso guia para

Aprofunde sua fé e devoção a NOSSA SENHORA

Mariologia social

O significado da Virgem para a sociedade

Clodovis Boff

Fr. Clodis M. Boff nos oferece no presente livro uma visão bem articulada da problemática que ele mesmo chamou de "Mariologia Social". A obra representa o resultado de uma longa e paciente pesquisa sobre o significado especificamente social ou público de Maria nos vários planos: histórico, bíblico, magisterial, dogmático e da devoção popular.

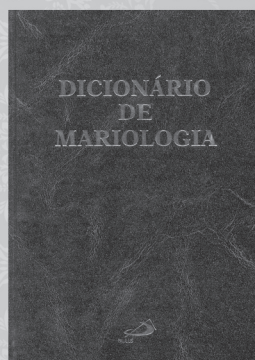


728 págs.

Dicionário de Mariologia

Salvatore Meo; Stefano de Flores

O Dicionário consta de cento e nove verbetes monográficos e, ademais, é secundado por preciosa proposta de leitura sistemática, que sugere utilização mais racional e menos episódica do que a simples consulta alfabética, bem como acurado índice analítico que facilita o encontro dos numerosos temas.



1408 págs.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.



Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

a vida nova) e a oração final (proteção e “prados eternos” para o rebanho) dão continuidade a esse tema.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: A SALVAÇÃO POR MEIO DE JESUS

O tempo pascal é um tempo de reflexão sobre a realidade de nosso batismo e de nossa fé. Ora, nosso batismo não é real sem *metanoia*, sem mudança de caminho, para conscientemente passar por Cristo. O batismo por conveniência não tem nada que ver com a conversão implicada no batismo verdadeiro.

Conversão como reconhecimento do que está errado e adesão a Cristo como escolha do caminho certo, eis o que nos propõe a liturgia de hoje. Mas, apesar de certa austeridade nessas considerações, temos também o testemunho da gratificação vital que essa conversão a Cristo nos traz. No contexto em que vivemos, podemos, porém, fazer uma pergunta: a salvação vem só por Cristo?

A parábola e sua primeira explicação (Jesus, a Porta) nos ensinam que pastor, mesmo, é só quem passa através de Jesus e faz o rebanho passar por ele. O sentido fundamental da pastoral é ir às pessoas por Cristo e conduzi-las através dele ao verdadeiro bem. As maneiras podem ser muitas: antigamente, talvez, usavam-se modos mais paternalistas; hoje, modos mais participativos. Mas pode-se chamar de pastoral uma mera ação social ou política? Por mais importante que seja, ainda não é, de per si, ação pastoral cristã. Para ser pastoral cristã, a atuação precisa ser orientada pelo projeto de Cristo, que ele nos revelou, dando sua vida por nós.

Nessa ótica, os pastores devem *ir* aos fiéis (não aguardá-los de braços cruzados), através de Cristo (não através de mera cultura ou ideologia), para conduzi-los a Deus (não

apenas à instituição que é a Igreja), fazendo-os passar por Cristo, ou seja, exigindo adesão à prática de Cristo. Os fiéis devem discernir se seus pastores não são “ladrões e assaltantes”, e o critério para discernir é este: se chegam através de Cristo e fazem passar os fiéis por ele.

A julgar pelas palavras do Novo Testamento, parece que *toda a salvação passa por Cristo*. Mas isso deve ser entendido num sentido inclusivo, não exclusivo. Todo caminho que verdadeiramente conduz a Deus, em qualquer religião e na vida de “todos aqueles que procuram de coração sincero” (Oração Eucarística IV), passa, de fato, pela porta que é Jesus. Escrevendo, provavelmente, a pessoas que já aderiram à fé em Jesus, o Evangelho de João ensina: *não precisam procurar a salvação fora desse caminho*. Isso vale ser repetido para os cristãos de hoje. Por outro lado, não é preciso que todos confessem o Cristo *explicitamente* para encontrar a salvação. Basta que, nas opções da vida, optem pela prática que foi, de fato, a de Cristo. Agir como Cristo é a salvação. E é a isso que a pastoral deve conduzir.

5º DOMINGO DA PÁSCOA (22 de maio)

JESUS, CAMINHO, VERDADE E VIDA

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia de hoje deve ser contemplada à luz da leitura evangélica, tomada de João. Essa leitura, junto com o prólogo de João, fornece, como veremos, a chave da mensagem do Quarto Evangelho: a manifestação de Deus em Jesus Cristo. Por outro lado, a primeira e a segunda leituras dirigem nosso olhar para a comunidade nascida da fé em Jesus, a Igreja. Por isso, a dinâmica

da homilia poderá desdobrar-se na ordem inversa das leituras, pois o que o evangelho faz entrever é a base daquilo que as leituras evocam.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 6,1-7)

A primeira leitura continua a narração dos primórdios da jovem comunidade nos tempos depois da Páscoa e Pentecostes. A caridade cria novas tarefas, porque o crescimento da comunidade tinha trazido um novo problema. Além dos convertidos do judaísmo tradicional de Jerusalém, entraram convertidos do “judeu-helenismo”, judeus helenizados, que viveram nas cidades comerciais do Mediterrâneo, ou pagãos convertidos, prosélitos, que tinham aderido ao judaísmo e agora passavam à comunidade cristã. A entrada dessas pessoas, que não pertenciam aos clãs tradicionais, tornou necessário um novo serviço na comunidade: a organização da assistência às viúvas desse grupo e do “ministério dos pobres” em geral, ao lado dos apóstolos, que serão em primeiro lugar servidores da palavra e fundadores de comunidades.

2. II leitura (1Pd 2,4-9)

A segunda leitura casa bem com a primeira. Fala do mistério da Igreja, templo de pedras vivas, sustentadas pela pedra de arrimo que é Jesus Cristo, “pedra angular rejeitada pelos construtores” (1Pd 2,7; cf. o salmo pascal, Sl 118[117],22). Em 1Pd 2,9, a Igreja é chamada pelo título por excelência do povo de Israel segundo Ex 19,6, “sacerdócio régio”, sacerdócio do Reino. Assim como o povo de Israel foi escolhido por Deus para celebrar a sua presença no meio das nações, assim a Igreja é o povo sacerdotal, escolhido por Deus para santificar o mundo. Ela é chamada a ser o “sacramento do Reino”, sinal e primeira realização do Reino no

mundo. Com essas imagens, Pedro destaca a dignidade e responsabilidade dos que receberam o batismo na noite pascal. Graças ao Concílio Vaticano II, valorizamos agora melhor esse *sacerdócio dos fiéis*, que designa *a santificação do mundo como vocação do povo de Deus* como tal, isto é, de todos os que podem ser chamados de “leigos” (em grego, *laós* = povo; nesse sentido, também os membros da hierarquia são “leigos”!). Como o sacerdote santifica a oferenda, assim todos os que levam o nome cristão devem *santificar o mundo* pelo exercício responsável de sua vocação específica, na vida profissional, no empenho pela transformação da sociedade, na humanização, na cultura etc. Tal “sacerdócio dos fiéis” não entra em concorrência com o sacerdócio ministerial, pois este é o serviço (“ministério”) de santificação dentro da comunidade eclesial, aquele é a missão santificadora da Igreja no mundo, como tal. O sacerdócio dos fiéis significa que a Igreja, como comunidade, e todos os fiéis pessoalmente, em virtude de seu batismo, recebem a missão de santificar o mundo, continuando a obra de Cristo.

3. Evangelho (Jo 14,1-12)

No domingo passado, Cristo foi chamado a “porta das ovelhas”. No evangelho de hoje, vemos com maior clareza por que Cristo é o acesso ao Pai: Caminho, Verdade e Vida. O sentido desses três termos, que constituem uma unidade (o Caminho da Verdade e da Vida), é apresentado mediante pequena encenação. Jesus inicia sua despedida (Jo 13,31-17,26) dizendo que sua partida é necessária: ele vai preparar um lugar para seus discípulos. Quando Jesus sugere que eles conhecem o caminho, Tomé, o cético, responde que não o conhecem. Então, Jesus explica que ele mesmo é o caminho da Verdade e da Vida, o caminho pelo qual se chega ao Pai. Na Bíblia, caminho e caminhar sig-

nificam muitas vezes o modo de proceder. O caminho ou caminhar reto chamaríamos de moral ou virtude. Portanto, se Jesus chama a si mesmo de caminho, não se trata de algo teórico, uma doutrina, mas de um modo de viver. É vivendo como Jesus viveu que conhecemos o seu caminho e encontramos a vida e a verdade às quais ele nos conduz (v. 6a). Se, pois, ele diz que ninguém vai ao Pai senão por ele (v. 6b), não está proclamando uma ortodoxia que exclui os que não confessam o mesmo credo, mas dá a entender que os que chegam ao conhecimento/experiência de Deus são os que praticam o que ele, em plenitude, praticou: o amor e a fidelidade até o fim. E isso pode acontecer até fora do credo cristão.

Depois da pergunta de Tomé, temos a pergunta de Filipe: “Mostra-nos o Pai, isso nos basta” (Jo 14,8). Ora, qualquer judeu piedoso, qualquer pessoa piedosa, quer conhecer Deus – que Jesus costuma chamar de Pai. Porém, diz João no prólogo de seu evangelho, ninguém jamais viu Deus (Jo 1,18). Agora, Jesus explica a Filipe: “Quem me viu, viu o Pai”. Nesse momento, quando (segundo a contagem judaica) já se iniciou o dia de entregar a vida por amor até o fim, Jesus revela que, nele, contemplamos Deus. Nosso perguntar encontra nele resposta; nosso espírito, verdade; nossa angústia, a fonte da vida. Nesse sentido, ele mesmo é o caminho que nos conduz ao Pai e, ao mesmo tempo, a Verdade e a Vida que se tornam acessíveis para nós. “O Unigênito, que é Deus e que está no seio do Pai, no-lo fez conhecer” (Jo 1,18). Jesus não falou assim quando realizava seus “sinais”: o vinho de Caná, o pão para a multidão, nem mesmo a cura do cego ou a revivificação de Lázaro. Pois o sentido último ao qual a atuação de Jesus apontava não era fornecer vinho ou pão, ou substituir um médico ou curandeiro, mas manifestar o amor do Pai, o Deus-Amor.

Trata-se de ver a Deus em Jesus Cristo na hora de sua entrega por amor. Para saber como é Deus, o Absoluto da nossa vida, não precisamos contemplar outra coisa senão a existência de Jesus de Nazaré, “existência para os outros”, na qual Deus imprimiu seu selo de garantia, no coroamento que é a ressurreição. Muitas vezes, tentamos primeiro imaginar Deus para depois projetar em Jesus algo de divino (geralmente, algo de bem pouco humano...). Devemos fazer o contrário: olhar para Jesus de Nazaré, para sua vida, para sua palavra e sua morte, e depois dizer: assim é Deus – isso nos basta (cf. Jo 14,8-9). E isso é possível porque Jesus, trilhando até o fim o caminho que ele mesmo é, assumindo ser a “graça e a verdade” (Jo 1,14), o amor e a fidelidade de Deus até o fim, mostra Deus assim como ele é, pois “Deus é amor”, diz João em sua primeira carta (1Jo 4,8.16). Podemos dizer, com Paulo, que Jesus é o rosto do Pai, a perfeita imagem dele (cf. Cl 1,15). Assim como Jesus procede, Deus é. Ele está no Pai e o Pai está nele (Jo 14,11), e quem a ele se une fará o que ele fez, e mais ainda, agora que ele se vai para junto do Pai (14,12) e deixa, por assim dizer, o campo aberto para a ação dos que creem nele, animados pelo Espírito-Paráclito (14,13-17, continuação do texto de hoje).

III. DICAS PARA REFLEXÃO:

A manifestação de Deus-Amor
em Cristo e em sua comunidade

Para o cristão, o gesto de amor e fidelidade de Jesus até o fim é a suprema revelação de Deus. Não podemos, nesta existência terrena, conhecer a Deus em si. Ele é “o além de nossos horizontes”. Mas ele se manifesta a nós no justo e santo, aquele que faz sua vontade e lhe pertence por excelência, Jesus de Nazaré. Mais exatamente: quando este, “na carne” (cf. 1Jo 4,2), leva a termo o amor e a fidelidade (“a graça e a verdade”,

Jo 1,14), os traços fundamentais de Deus já manifestados no seu agir em relação a Israel (veja, por exemplo, Ex 34,6). Jesus, Palavra de Deus “acontecendo em carne” (cf. Jo 1,14), não se limita a um só povo. Toda a carne humana é assumida nesse homem, que vive o amor e a fidelidade de Deus até o fim, de modo que o que se pode dizer de Deus é isto: “Deus é amor”. Amor que ama primeiro e é conhecido em Jesus, mas também quando amamos nossos irmãos (1Jo 4,10-12).

Aí entra o pensamento acerca da comunidade eclesial, que constitui o segundo grande tema deste domingo. Como Cristo encarnou o que Deus fundamentalmente significa para a humanidade – amor radical –, sua comunidade é chamada a manifestar essa mesma realidade de Deus ao mundo. Aí está sua santa vocação, seu sacerdócio, de que participam todos os que foram batizados em Cristo (e, assim, no Pai e no Espírito). Ser cristão não é simplesmente proclamar um credo ou pertencer a uma instituição, mas encarnar o Deus-Amor trilhando o “caminho” que é Jesus.

6º DOMINGO DA PÁSCOA (29 de maio)

O ESPÍRITO PLENIFICA NOSSO BATISMO

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do sexto domingo pascal nos introduz na esfera de Pentecostes, aprofundando o significado da ressurreição de Cristo para nós. Pois, se a ressurreição é a vida de Cristo na glória, ele não a vive para si. Ele “ressuscitou por nós” (Oração Eucarística IV). A realização da ressurreição em nós, a presença vital do Cristo em nós, de tal modo que sejamos Cristo no mundo de hoje,

Crianças que cantam os males espantam!!!



As crianças cantam... Primeira Eucaristia e Celebrando com Maria

Neste CD, são interpretadas canções para animar as celebrações e também a caminhada dos fiéis, em especial a das crianças. Composto por músicas próprias para duas celebrações litúrgicas, a saber Primeira Eucaristia - *Jesus, meu amigo* e *Celebrando com Maria*, o disco é alegre e possui melodias de fácil aprendizagem.



As crianças cantam o Tempo Comum

O coral Pequenos Cantores de Curitiba surpreende os ouvidos de quem busca qualidade e beleza nas canções litúrgicas. O Tempo Comum é contemplado com *Coração de criança* e *Jesus, presente de amor*, as duas partes que compõem o disco. Com este material, a Eucaristia pode ser celebrada com mais ânimo e entusiasmo.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



o Espírito de Deus é que opera tudo isso, pela força de seu sopro de vida, pela luz de sua sabedoria, pelo misterioso impulso de sua palavra, pelo ardor de seu amor. Para completar a celebração da ressurreição, devemos abrir-nos agora para que esse Espírito penetre em nós.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 8,5-8.14-17)

Na linha dos domingos anteriores, a primeira leitura descreve a expansão da Igreja, agora na Samaria. Também nessa nova fase, como na anterior, aparece o papel do Espírito Santo na comunidade cristã. Quando os apóstolos em Jerusalém ouviram que a Samaria tinha aceitado a palavra de Deus, mandaram Pedro e João para impor as mãos a esses batizados, para que recebessem o Espírito Santo (At 8,14-15). Tal prática não era necessária: há casos em que Deus derrama o Espírito mesmo antes do batismo (At 10,44-48). Mas, de toda maneira, a presente narração nos mostra que a vida cristã não é completa sem a efusão do Espírito Santo, que os apóstolos impetravam pela imposição das mãos. O Espírito une a todos, ele é o Espírito da unidade; por isso, os apóstolos de Jerusalém vão impor as mãos aos batizados da Samaria. Um resquício disso é, ainda hoje, a visita do bispo diocesano às paróquias para conferir o sacramento da crisma, prefigurado nesta leitura de At 8. Daí dizermos que, se a Páscoa foi o tempo liturgicamente propício para o batismo, a festa de Pentecostes, que se aproxima, é o momento propício para a crisma.

2. II leitura (1Pd 3,15-18)

A segunda leitura nos conscientiza de que estamos em litígio com o mundo (cf. o evangelho). O mundo pede contas de nós, mas é a Deus que devemos prestar contas. Isso, porém, não nos exime de responder

ao mundo a respeito de nossa esperança (v. 15). E essa esperança está fundada na ressurreição de Cristo. O mundo pode matar, como matou Jesus. Mas, no Espírito que fez viver o Cristo (v. 18), viveremos. Essa leitura traz a marca da teologia do martírio (melhor padecer fazendo o bem do que fazendo o mal). Porém, não devemos interpretá-la num sentido fatalista (“Deus o quer assim”...), e sim num sentido de firmeza, porque o cristão sabe que Cristo é mais decisivo para ele que os tribunais do mundo.

3. Evangelho (Jo 14,15-21)

O presente domingo continua, no evangelho, a meditação das palavras de despedida de Jesus. E essa meditação introduz – duas semanas antes de Pentecostes – o tema do Espírito Santo, que João chama “o Paráclito”, ou seja, o “assistente judicial” no processo movido contra o cristão pelo “mundo” (termo com o qual João indica os que recusaram o Cristo). O “mundo” indiciou o Cristo e seus discípulos diante do tribunal (perseguições etc.). Nessa situação, precisamos do Advogado que vem de Deus mesmo e toma o lugar do Cristo (por isso, Jesus diz: um *outro* Paráclito; Jo 14,16), já que seu testemunho vem da mesma fonte, o Pai. Graças a esse Paráclito, a despedida de Jesus não nos deixa numa situação de órfãos (v. 18). Jesus anuncia para breve seu desaparecimento deste mundo; o mundo não mais o verá. Mas os fiéis o verão, pois estão nele, como ele está neles. Tudo isso com a condição de guardar sua palavra e observar seu mandamento de amor: na prática da caridade, ele fica presente no meio de nós, e seu Espírito nos assiste. E o próprio Pai nos ama.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: a iniciação cristã e a crisma

Os domingos depois da Páscoa sugerem o aprofundamento do sentido do batismo.

Na mesma linha podemos considerar hoje o sacramento da crisma, que, com o batismo e a eucaristia, integra a iniciação cristã. Nas origens, o sacramento da crisma era administrado junto com o batismo, e ainda hoje sobra um resquício disso na unção pós-batismal. Quando, porém, se introduziu o costume de batizar as crianças, a confirmação e a eucaristia ficaram protelados para um momento ulterior, geralmente no início da adolescência, pelo que a crisma adquiriu o significado de “sacramento do cristão adulto”.

No tempo de nossos avós, o dia da crisma era ocasião muito especial para as comunidades, quando o bispo vinha “confirmar” as crianças (hoje, muitas vezes, é o vigário episcopal que faz isso). De onde vem esse costume? Na primeira leitura, lemos que o diácono Filipe batizou novos cristãos na Samaria. Depois, vieram os apóstolos Pedro e João de Jerusalém para *confirmar* os batizados, impondo-lhes as mãos para que recebessem o Espírito Santo. Assim, os apóstolos, predecessores dos bispos, completaram e “confirmaram” o batismo. A confirmação do batismo pela imposição das mãos do bispo – sucessor dos apóstolos – completa o batismo e realiza o dom do Espírito Santo.

Esse sacramento chama-se “crisma”, isto é, “unção”, porque o bispo unge a fronte do crismando em sinal da dignidade e da vocação do cristão, pois *crisma* e *Cristo* vêm da mesma palavra. O adolescente ou jovem é confirmado na sua fé, pelo dom do Espírito. Agora, ele terá de assumir pessoalmente o que, quando do batismo, os pais e padrinhos prometeram em seu nome. Para a comunidade, a celebração da crisma significa também a unidade das diversas comunidades locais na “Igreja particular” ou diocese, graças à presença do bispo ou do vigário episcopal.

Revigore sua devoção a Nossa Senhora por meio do Ofício da Mãe do Senhor



Ofício da Mãe do Senhor Ofício das alegrias Reginaldo Veloso

Este CD traz 30 cânticos, distribuídos entre aclamações, preces e salmos. Além das letras, as melodias e arranjos representam um bom exemplo de enraizamento na alma do povo brasileiro, em sua variedade de ritmos e linhas melódicas.

Ofício da Mãe do Senhor Ofício das dores Reginaldo Veloso

Neste trabalho, apresentamos as dores de Maria suportadas com a coragem e o vigor de quem sabe porque sofre, de quem crê e espera confiantemente pela justiça de Deus. Maria enfrenta a dor com coragem e vigor, consciente de que sua experiência é a fonte de consolação e esperança para a história da salvação.



Ofício da Mãe do Senhor Ofício das glórias Reginaldo Veloso

O CD Ofício das glórias é um disco acústico que foi gravado com sensibilidade artística e espiritual, o que permite, inclusive, bons momentos de curtição musical e meditação profunda. A direção musical é do maestro Duda e a direção artística, do próprio Reginaldo Veloso, membro da Equipe do Hinário Litúrgico da CNBB desde 1984.

Criação PAULUS / A PAULUS se reserva o direito de alterar ou retirar o produto do catálogo sem prévio aviso. Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



PAULUS

O evangelho de hoje nos ensina algo mais sobre o Espírito que Jesus envia aos seus: é o Espírito da inabitação (morada) de Deus e Jesus Cristo nos fiéis. Assim, o batismo não é mera associação de pessoas em redor do rótulo “Jesus Cristo”, mas realmente participação em sua vida e continuação de sua missão neste mundo. Por isso, o Espírito não é algo sensacionalista, como às vezes se imagina. Jesus envia o Espírito para que os fiéis continuem sua obra no mundo. Pois o lugar de Jesus “na carne” era limitado, no tempo e no espaço, e os fiéis são chamados a ampliar, com a força do Espírito-Paráclito, a sua obra pelo mundo afora. É esse o sentido profundo da crisma, que assim completa nosso batismo.

Então, a vida do cristão adulto assinalada pelo sacramento da crisma consiste sobretudo na *mística* de união com o Pai e com o Filho pelo Espírito que vive em nós e na *ética* ou modo de proceder que provenha dessa presença de Deus em nós e testemunhe, diante do mundo, a vida de Cristo, presente em nós. Ele, pela ressurreição na força do espírito-sopro de Deus, foi estabelecido Senhor na glória. O mundo não mais o vê, mas em nossa vida de cristãos, prestes a responder por nossa esperança, realiza-se a presença de seu amor.

ASCENSÃO DO SENHOR (5 de junho)

A EXALTAÇÃO E SENHORIO DE CRISTO E A EVANGELIZAÇÃO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Quarenta dias depois da Páscoa, a Igreja celebra a Ascensão do Senhor. Na realidade, o que se celebra hoje é bem mais do que uma aparição na qual Jesus é elevado ao céu. É toda a realidade de sua glorificação que celebramos, aquilo que os primeiros cristãos

chamaram de “estar sentado à direita do Pai”. Assim, a última aparição de Jesus aos apóstolos aponta para uma realidade que ultrapassa o quadro da narração. Por isso, não precisamos preocupar-nos em “harmonizar” a ascensão segundo At 1,1-11, em Jerusalém (I leitura), com a de Mt 28,16-20, na Galileia (evangelho). Pode tratar-se de duas aparições, dois acontecimentos diferentes, que têm o mesmo sentido: Jesus, depois de sua ressurreição, não veio retomar sua atividade de antes na terra (cf. sua advertência a Maria Madalena em Jo 20,17) nem implantar um reino político de Deus no mundo, como muitos achavam que ele deveria ter feito (cf. At 1,6). Não. Jesus realiza-se agora em outra dimensão, a dimensão de sua glória, de seu senhorio transcendente. A atividade aqui na terra, ele a deixa para nós (“Sede as minhas testemunhas... até os confins da terra”; At 1,8), e nós é que devemos reinventá-la a cada momento. Na ressurreição, Jesus volta a nós, não mais “carnal”, mas em condição gloriosa, para nos animar com seu Espírito (At 1,8; Mt 16,20; cf. Jo 14,15-20, evangelho de domingo passado).

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 1,1-11)

A primeira leitura narra a ascensão de Jesus e a missão dos apóstolos segundo o livro dos Atos dos Apóstolos. Os dias entre a Páscoa e a ascensão formam “o retiro de preparação para o desabrochar da Igreja”: 40 dias, como os 40 dias de Moisés e de Elias no Horeb, como os 40 anos de Israel no deserto. Nesses dias, Jesus deu as últimas instruções aos seus: a promessa do Espírito e a missão de evangelizar. Os discípulos não devem ficar olhando o céu, mas deverão levar a mensagem de Jesus ao mundo inteiro, “até os confins da terra” (At 1,8), e para isso receberão a força do Espírito. Até o Senhor voltar, sua Igreja será missionária.

2. II leitura (Ef 1,17-23)

Na exaltação do Cristo, revela-se a força de Deus. A carta aos Efésios se inicia com um hino de louvor (vv. 2-10), seguido por um enunciado sobre o plano da salvação (vv. 11-14) e uma súplica pelos fiéis (vv. 15-19), que se expande numa proclamação dos grandes feitos de Deus em Cristo (vv. 20-23). Essa súplica e contemplação constituem a leitura de hoje. Deus ressuscitou Jesus e o fez cabeça da Igreja e do universo. A Igreja é seu “corpo”, ela o torna presente no mundo, ela é a presença atuante de Cristo no mundo. Celebrando a glorificação do Cristo, tomamos consciência de nossa própria vocação à glória. Também a oração do dia e os prefácios próprios falam nesse sentido.

Nestes tempos de “diminuição” da Igreja, podemos encontrar nessa leitura uma perspectiva maior e um ânimo mais firme. Cristo se completa em sua Igreja, e esta encontra no Senhor ressuscitado e glorioso a sua firmeza. Não há por que ficarmos medrosos e desanimados.

3. Evangelho (Mt 28,16-20)

O evangelho é o final do Evangelho segundo Mateus. Traz as últimas palavras do Senhor ressuscitado: a despedida de Jesus e a missão dos apóstolos. Tudo isso à luz da compreensão que Mateus tem do evangelho. No início do evangelho, Jesus é entendido como aquele que realiza o sentido pleno da profecia do “Emanuel”, Deus-conosco (Mt 1,23). Depois, Mt 4,15-16 ressaltou que a atuação desse “Emanuel” se iniciou na “Galileia dos gentios”, primeiro destinatário da mensagem da salvação, realizando-se assim o sentido pleno de Is 8,23-9,1. Mas, durante sua missão terrestre, Jesus se restringiu às ovelhas perdidas de Israel (Mt 10,5-6). Agora, na cena final (28,16-20), o Senhor glorioso transcende os limites de Israel. Suas palavras finais significam o universalismo

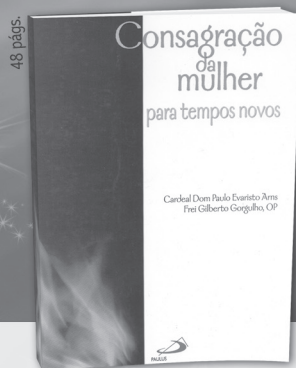
Desvende a riqueza da Vida Consagrada



Vida religiosa - Da convivência à fraternidade

Giuseppe Colombo

O que se chama de clima ou ambiente comunitário tem uma grande influência sobre o ânimo dos membros de uma família religiosa. O livro tem suas bases sobre esse registro simplesmente humano, mostrando o que nos é possível fazer para vivermos melhor, juntos.



Consagração da mulher para tempos novos

Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns; Frei Gilberto Gorgulho, OP

Com a consagração, as leigas compartilham diretamente as dificuldades do povo, levando para o meio dele a esperança e a alegria que Cristo mesmo lhes trouxe.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



da missão dos apóstolos e da expansão da Igreja. Todos os povos serão discípulos de Cristo (assinalados pelo batismo). O fim do Evangelho de Mateus revela o sentido universal de todo o ensinamento nele consignado (cf. sobretudo o Sermão da Montanha, Mt 5-7).

Assim, ao celebrarmos a entrada de Jesus na glória, *não celebramos uma despedida, mas um novo modo de presença*; celebramos que ele é, realmente, o Emanuel, o Deus-conosco, para sempre e para todos (Mt 28,20). Esse novo modo de presença é um aperitivo da realidade final: assim como ele entra na sua glória, isto é, como Senhor glorioso, assim ele voltará, para concluir o curso da história (cf. At 1,11). Pouco importa como a gente imagina isso, o sentido é que, desde já, Jesus é o Senhor do universo e da história (cf. o salmo responsorial, Sl 47[46]) e nós, obedientes a sua palavra, colaboramos com o sentido definitivo que ele estabelece e há de julgar.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: O senhorio de Jesus e a evangelização

Temos o costume de considerar a ascensão de Jesus (como também a ressurreição) principalmente como um milagre. Mas o sentido principal desse fato é o que exprimem os termos “exaltação” ou “enaltecimento”, a entronização de Jesus na glória de Deus. Esses termos, evidentemente figurativos, significam o seguinte. Os donos deste mundo haviam jogado Jesus lá embaixo (se não fosse José de Arimateia a sepultá-lo, seu corpo teria terminado na vala comum...). Mas Deus o colocou lá em cima, “à sua direita”. Deu-lhe o “poder” sobre o universo não só como “Filho do homem”, no fim dos tempos (cf. Mc 14,62), mas, desde já, por meio da missão universal daqueles que na fé aderem a ele. E nós participamos desse poder, pois Cristo não é completo sem o seu

“corpo”, que é a Igreja, como nos ensina a II leitura.

Com a ascensão de Jesus, começa o tempo para anunciá-lo como Senhor de todos os povos. Mas não um senhor ditador! Seu “poder” não é o dos que se apresentam como donos do mundo. Jesus é o Senhor que se tornou servo e deseja que todos, como discípulos, o imitem nisso. Mandou que os apóstolos fizessem de todos os povos discípulos seus (evangelho). Nessa missão, ele está sempre conosco, até o fim dos tempos.

O testemunho cristão, que Jesus nos encomenda, não é triunfalista. É fruto da serena convicção de que, apesar de sua rejeição e morte infame, “Jesus estava certo”. Essa convicção se reflete em nossas atitudes e ações, especialmente na caridade. Assim, na serenidade de nossa fé e na vivência radical da caridade, damos um testemunho *implícito*. Mas é indispensável o testemunho *explícito*, para orientar o mundo àquele que é a fonte de nossa prática, o “Senhor” Jesus.

A ideia do testemunho levou a Igreja a fazer da festa da Ascensão o *dia dos meios de comunicação social* – a “mídia”: imprensa, rádio, televisão, internet. Para uma espiritualidade “ativa”, a comunidade eclesial deve se tornar presente na mídia. Como é possível que num país tão “católico” como o nosso haja tão pouco espírito cristão na mídia e tanto sensacionalismo, consumismo e até militância maliciosa em favor da opressão e da injustiça?

Ao mesmo tempo, para a espiritualidade mais “contemplativa”, o dia de hoje ensina um aprofundamento da consciência do “senhorio” de Cristo. Deus elevou Jesus acima de todas as criaturas, mostrando que ele venceu o mal mediante sua morte por amor e dando-lhe o poder universal sobre a humanidade e a história. Por isso, a Igreja recebe a missão de *fazer de todas as pessoas discípulos de Jesus*.

Uma ideia que permeia a liturgia deste dia (como de todo o tempo pascal) e se exprime na oração sobre as oferendas e na oração depois da comunhão é que o cristão deve viver com a mente no céu, comungando na realidade da glorificação do Cristo. Essa participação é novo modo de presença junto ao mundo; não uma alienação, mas, antes, o exercício do senhorio escatológico sobre este mundo. Viver com a mente junto ao Senhor glorioso não nos dispensa de estar com os dois pés no chão; significa encarnar, neste chão, aquele sentido da história e da existência que em Cristo foi coroado de glória.

PENTECOSTES (12 de junho)

A IGREJA, O ESPÍRITO E A UNIDADE

I. INTRODUÇÃO GERAL

Pentecostes é a plenificação do mistério pascal: a comunhão com o Ressuscitado é completada, levada à plenitude, pelo dom do Espírito, que continua em nós a obra do Cristo e sua presença gloriosa. A liturgia de hoje acentua a manifestação histórica do Espírito no milagre de Pentecostes (I leitura) e nos carismas da Igreja (II leitura), sinais da unidade e da paz que o Cristo veio trazer. Isso porque a pregação dos apóstolos, anunciando o Ressuscitado, supera a divisão de raças e línguas e porque a diversidade de dons na Igreja serve para a edificação do povo unido, o Corpo do qual Cristo é a cabeça. Ambos os temas, a diversidade das línguas e a unidade no Espírito, alimentam a reflexão de hoje.

No antigo Israel, Pentecostes era uma festa agrícola (primícias da safra, no hemisfério setentrional). Mais tarde, foi relacionada com o êxodo, evento salvífico central da memória de Israel, no sentido de comemorar a proclamação da Lei no monte Sinai.

A PAULUS apresenta títulos para você conhecer melhor a Palavra de Deus



Introdução ao Novo Testamento

Vol. 1 - História, cultura e religião do período helenístico

Helmut Koester

A obra se destaca por abordar os primeiros escritos cristãos, canônicos e não canônicos, a partir do contexto judaico e greco-romano em que foram gerados. Reconstitui o desenvolvimento histórico do cristianismo primitivo, discutindo, além das questões políticas e religiosas, a economia, a sociedade, a filosofia, a educação e a literatura do período helenístico.



Introdução ao Novo Testamento

Vol. 2 - História e literatura do cristianismo primitivo

Helmut Koester

Neste segundo volume, o autor aborda a história das primeiras comunidades cristãs e a literatura de João Batista até os Santos Padres. Analisa 27 textos canônicos e não canônicos, trazendo informações sobre seus autores, datas, contextos etc.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



Tornou-se uma das três grandes festas em que os judeus subiam em romaria a Jerusalém (as outras são Páscoa e Tabernáculos). Foi nessa festa que se deu a “explosão” do Espírito Santo, a força que levou os apóstolos a tomar a palavra e a proclamar, diante da multidão reunida de todos os cantos do judaísmo, o anúncio (“querigma”) de Jesus Cristo. Seria errado pensar que o Espírito tivesse sido dado naquele momento pela primeira vez. Deus envia sempre seu Espírito, e o evangelho (de João) nos ensina que Jesus comunicou de modo especial o Espírito no próprio dia da Páscoa (cf. também o evangelho do segundo domingo pascal). O Espírito está sempre aí. Mas foi no dia de Pentecostes que essa realidade se manifestou ao mundo na forma do querigma cristão, aparecendo em forma de línguas e reparando a “confusão babilônica”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 2,1-11)

A primeira leitura narra o milagre das línguas no dia de Pentecostes, interpretado como acontecimento escatológico, a partir da profecia de Jl 3 (cf. At 2,16-21). Mas é, sobretudo, o cumprimento da palavra do Cristo (Lc 24,49; At 1,4; cf. Jo 14,16-17.26). O sopro do Espírito se faz perceber como um vendaval ao ouvido, como fogo aos olhos. Realiza a transformação do “pequeno rebanho” – os apóstolos reunidos no cenáculo em torno de Maria – em Igreja missionária. Todos ouvem o anúncio do Crucificado-Ressuscitado na língua que eles entendem. Assim acontece também hoje. A Igreja do Cristo se reconhece pelo espaço que ela dá ao Espírito e pela capacidade de proclamar sua mensagem.

2. II leitura (1Cor 12,3b-7.12-13)

A segunda leitura ensina a unidade do Espírito na diversidade dos dons. “Jesus é

o Senhor”, assim soa a profissão de fé que une a Igreja (cf. Fl 2,9-11). E essa profissão só consegue manter-se na força do Espírito (1Cor 12,3; cf. Rm 10,9). O mesmo Espírito que produz a unidade da profissão de fé dá também a multiformidade dos serviços na Igreja. Todos os que pertencem a Cristo são membros diversos do mesmo Corpo (cf. Rm 12,3-8; Ef 4,4-6). Se a primeira leitura mostra mais o que o Espírito causa para fora (a missão proclamadora), a segunda evoca mais a obra “intraeclesial” do Espírito (para dentro): do mesmo Espírito provém a multiformidade dos dons, comparada às múltiplas funções que movimentam um mesmo corpo. Paulo chama isso de “carismas”, dons da graça (de Deus); pois sabemos muito bem que tal unidade na diversidade não é algo que vem de nossa ambição pessoal (a qual, normalmente, só produz divisão). É o Espírito do amor de Deus que tudo une.

3. Sequência: *Veni Sancte Spiritus*

Esse hino expressa maravilhosamente o sentido profundo do dom do Espírito à comunidade dos fiéis como chama do amor de Deus em Cristo. Não se deixe de pôr os fiéis, mediante canto ou recitação, em contato com esse rico texto.

4. Evangelho (Jo 20,19-23)

Esse evangelho, que retoma em parte o do segundo domingo pascal, descreve o dom do Espírito feito pelo Cristo ressuscitado. Celebramos a Sexta-Feira Santa, Páscoa e Pentecostes em três dias diferentes, mas a realidade é uma só: a “exaltação” de Cristo na cruz e na glória, fonte do Espírito que ele nos dá. Se Lucas descreve a *manifestação* do Espírito no anúncio no quinquagésimo dia da ressurreição (I leitura), João descreve o *dom* do Espírito no próprio dia da ressurreição de Jesus. Essa, de fato, é a visão joanina da “exaltação” ou “enaltecimento” de Jesus:

sua morte, ressurreição e dom do Espírito constituem uma realidade única, pois sua morte é a obra em que Deus é glorificado, e seu lado aberto é a fonte do Espírito para os fiéis (Jo 7,37-39; 19,31-37). Jesus aparece aos seus, identifica-se pelas marcas de sua paixão e morte e comunica-lhes a sua paz, que ele prometera (cf. 14,27). Então, concede-lhes o dom do Espírito, que os capacita para tirar o pecado do mundo, ou seja, para continuar a missão salvadora do próprio Jesus (cf. 1,29.35). O mundo ressuscita com Cristo, pelo Espírito dado à Igreja.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: Laço de amor da nova criação

O Espírito do Senhor exaltado é o laço do amor divino que nos une, que transforma o mundo em nova criação sem mancha nem pecado, na qual todos entendem a voz de Deus. É essa a mensagem da liturgia de hoje. O mundo é renovado conforme a obra de Cristo, que nós, no seu Espírito, levamos adiante. Nesse sentido, é a festa da Igreja que nasceu do lado aberto do Salvador e manifestou sua missão no dia de Pentecostes. Igreja que nasce não de organizações e instituições, mas da força graciosa (“carisma”) que Deus infunde no coração e nos lábios. A festa de hoje nos ajuda, assim, a entender o que é “renovação carismática”: não uma avalanche de fenômenos de um movimento religioso, mas o espírito da unidade, do perdão e da mútua solidariedade que ganha força decisiva na Igreja. O Espírito Santo é a “alma” da Igreja, o calor de nossa fé e de nossa comunhão eclesial.

Pentecostes, festa do “Divino” Espírito Santo, é oportunidade para entender melhor uma realidade central de nossa fé: o Espírito de Deus que nos é dado em virtude de nossa fé em Jesus Cristo. O ponto de partida pode ser o Evangelho de João, que narra como, no próprio dia da Páscoa, o Jesus glorioso

Confira algumas dicas para sua paróquia ganhar mais ânimo e ser bem administrada

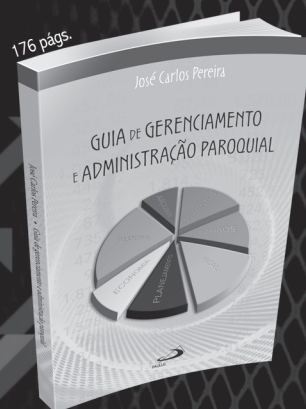


As sete chaves do dízimo

Segredo a ser descoberto

Pe. Jerônimo Gasques

O dízimo é um caminho que se aprende fazendo a experiência em conjunto, nem sempre fácil, pelos obstáculos que surgem e pela dificuldade de reflexão e entendimento. As chaves significam segredos escondidos que podem ser revelados, remetendo a portas que podem ser abertas quando se confia na verdadeira Palavra de Deus, que jamais falha.



Guia de gerenciamento e administração paroquial

José Carlos Pereira

O livro reúne um conjunto de operações em torno das quais se estruturam e se desenvolvem as atividades paroquiais. Ao mesmo tempo, é um texto voltado para os cuidados com arquivos e documentos que as paróquias, enquanto empresas, recebem cobranças de diferentes tipos por parte do governo.

Vendas: (11) 3789-4000

SAC: (11) 3789-4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br



comunica aos apóstolos, da parte do Pai, o Espírito Santo, para que exerçam o poder de perdoar os pecados. Pois Jesus é “o cordeiro que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), e os discípulos devem continuar essa missão.

São Lucas, na I leitura, dos Atos dos Apóstolos, distingue diversos momentos. No seu evangelho e no início do livro dos Atos, descreveu a Páscoa da ressurreição e a ascensão do Senhor Jesus como entrada na glória, com a manifestação do Espírito Santo ocorrendo poucos dias após, mais exatamente 50 dias depois da Páscoa, no Pentecostes (que significa “quingentésimo dia”). Nesse dia, em que a religião de Israel comemora o dom da Lei no monte Sinai, descem sobre os apóstolos como que línguas de fogo, para que eles proclamem o evangelho a todos os povos, representados em Jerusalém pelos romeiros da festa, que ouvem a proclamação cada qual em sua própria língua.

Entre os primeiros cristãos, os de Corinto gostavam demais do “dom das línguas”, pelo qual eles podiam exclamar frases em línguas estranhas. Mas Paulo os adverte de que os dons não se devem tornar fonte de desunião. Os fiéis, com sua diversidade de dons, devem completar-se, como os membros de um mesmo corpo (II leitura). No milagre de Pentecostes, um falava e todos entendiam (em sua própria língua). No “dom das línguas”, ou glossolalia, corre-se o perigo de que todos falem e ninguém entenda. Por isso, Paulo prefere um falar que todos entendam (ler 1Cor 14).

Nós hoje somos chamados a renovar o milagre de Pentecostes: *falar uma língua que todos entendam, a linguagem da justiça e do amor*. É a linguagem de Cristo, e é uma “língua de fogo”! Aliás, o evangelho nos lembra que a primeira finalidade do dom do Espírito é tirar o pecado do mundo (Jo 20,22-23). A linguagem do Espírito é a linguagem da justiça e do amor. Por outro lado,

devemos reconhecer a enorme diversidade de dons no único “corpo” da Igreja. Somos capazes de considerar as nossas diferenças (pastorais, ideológicas etc.) como mútuo enriquecimento? Pomo-las em comum? O diálogo na diversidade pode ser um dom do Espírito muito atual.

SANTÍSSIMA TRINDADE (19 de junho)

O DEUS DE AMOR

I. INTRODUÇÃO GERAL

O tempo pascal pôs-nos diante dos olhos a unidade da obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Cristo veio cumprir a obra do Pai e nos deu seu Espírito, para que ficássemos nele e mantivéssemos o que ele fundou, renovando-o constantemente, nesse mesmo Espírito. Assim, a festa de hoje vem completar o tempo pascal, como uma espécie de síntese. Síntese não intelectual (isso seria como a história, atribuída a santo Agostinho, da criança que queria colocar o mar num pequeno poço na areia), mas “misterial”, isto é, celebrando a nossa participação na obra das pessoas divinas. Se a oração do dia, hoje, implora pela perseverança na verdadeira fé, não visa à fé meramente dogmática, mas à adesão ao mistério que se apresenta no Pai, no Filho e no Espírito Santo. O cristão se caracteriza por não conhecer outro Deus exceto aquele que é o Pai de Jesus Cristo e doador do Espírito que animou Jesus e os seus, presente e atuante nas três “pessoas” que constituem sua realidade divina, o “acontecer de Deus” em nossa vida, na história e no universo.

Para compreender bem o espírito desta liturgia, convém aproximar a primeira leitura do evangelho, como faremos a seguir.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 34,4b-6.8-9)

A primeira leitura é uma das páginas mais impressionantes e, literalmente, “reveladoras” da Bíblia. Depois do episódio do bezerro de ouro e da idolatria de Israel, Moisés pediu a Deus que se mostrasse, para que ele, Moisés, pudesse continuar seu caminho contando com sua presença (Gn 33,12-23). Então, ao passar diante de Moisés, Deus revela seu íntimo, apresentando-se como Deus misericordioso e fiel (34,1-7). Deus é compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e fidelidade (Ex 34,6). Diante desse Deus, sentimos o peso do pecado, mas também o desejo de ser seus (Ex 34,9). Assim, o “Deus do Antigo Testamento” não é um Deus castigador, como muitas vezes se diz. Sua bondade ultrapassa de longe sua “vingança” (cf. 34,7, infelizmente suprimido no texto litúrgico). O “castigo” de Deus – o próprio mal que se vinga por suas consequências – tem fim, sua misericórdia não. Não há oposição entre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo. É verdade que o Antigo Testamento não oferecia uma visão completa sobre Deus; Moisés só pôde ver Deus de costas (Ex 33,23), de modo que João tem razão quando diz que ninguém jamais viu Deus, mas o Filho unigênito o deu a conhecer (1,18), pois quem vê Jesus, vê Deus mesmo (14,9). Mas o Deus do Antigo Testamento é o mesmo Deus do Novo. Deus é um só: o Deus de amor (1Jo 4,8.16). Nós é que temos, às vezes, uma visão muito parcial dele. Em Cristo, ele se deu a conhecer como aquele que ama o mundo até entregar por ele seu próprio Filho (cf. o evangelho).

2. Evangelho (Jo 3,16-18)

O evangelho alude ao sacrifício de Isaac. Abraão está disposto a sacrificar seu “filho

unigênito” – sua única chance de ter um herdeiro. Assim, Deus deu ao mundo seu Filho unigênito. A obra de Cristo é o plano do amor do Pai para com o mundo. Quem o aceita na fé está salvo. O Deus que em Jesus Cristo se manifesta (cf. Jo 1,18) é o Deus da “graça e verdade” (cf. Jo 1,14.16-17), o que se pode traduzir também, conforme a índole da língua hebraica, por “amor e fidelidade”, as qualidades de Deus conforme a primeira leitura. Se na primeira leitura se falou da autorrevelação do Deus misericordioso e fiel diante de Moisés, o evangelho evoca que o amor de Deus se revela no dom de seu Filho único. O amor une Pai e Filho na mesma obra salvadora (Jo 3,16). Jesus conhece o interior de Deus (Jo 3,11) e o mostra (14,9). Deus se dá ao Filho e, diante disso, o mundo pode encontrar a salvação, a superação de suas contradições e a soltura das cadeias em que se encontra – em última análise, as cadeias do egoísmo. Assim, o ser humano é chamado a aproximar-se da luz, mas há quem se agarre às suas próprias obras, que não aguentam a luz do dia (Jo 3,19-21).

O mistério que nos envolve, hoje, é o da unidade do Pai e do Filho, no seu amor para o mundo (compare Jo 3,16 com 1Jo 3,16). Essa unidade no amor para dentro e para fora, Agostinho a identificou com o Espírito Santo, o Espírito de amor e de unidade que, faz oito dias, celebramos em Pentecostes.

3. II leitura (2Cor 13,11-13)

A segunda leitura concentra a atenção sobre aquilo que a Trindade opera nos fiéis: a graça do Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo – tal como se repete numa das fórmulas de saudação no início da celebração eucarística. O mistério de Cristo na Igreja só se entende considerando a atuação das três pessoas divinas: o amor de Deus, que se manifesta na graça (no dom) de Jesus Cristo e opera na comunhão

do Espírito, o qual anima a Igreja desde a ressurreição. O resultado é: alegria. Nesse final da segunda carta aos Coríntios, Paulo condensa toda a sua teologia. O mistério da Santíssima Trindade não está longe. Estamos envolvidos nele.

Daí ser bem adequada a saudação final, pela qual Paulo deseja aos fiéis o Deus da paz e pede que se saúdem com o “beijo santo” (o nosso “abraço da paz”) no nome das três pessoas divinas, caracterizadas por ele como segue: o Filho, graça; o Pai, amor; o Espírito, comunhão.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: Amor e fidelidade

Uma pista para a atualização desta mensagem: nosso povo simples é muito comunicativo; partilha a tal ponto seus bens, pensamentos e sentimentos, que, às vezes, não faz diferença falar com fulano ou com sicrano – falando com um, fala-se com o outro. Falar com o filho da casa é a mesma coisa que falar com o pai: duas pessoas distintas, mas a “causa” (“o negócio”) é a mesma. Assim acontece também com as três pessoas divinas; que seja o Pai, o Filho ou o Espírito, a “causa” comum delas é sempre o que elas são, seu próprio ser: amor e fidelidade.

Para muitas pessoas, também as cristãs, a Santíssima Trindade não passa de um problema de matemática: como pode haver três pessoas divinas em um só Deus? Parece que esse mistério nada tem que ver com a vida delas. Se a Trindade fosse um problema matemático, deveríamos procurar uma “solução”. Na realidade, não se trata de uma fórmula matemática, mas de um resumo de duas certezas de nossa fé: 1) Deus é um só; 2) o Pai, o Filho e o Espírito Santo são Deus. Isso nos convida à “contemplação” do mistério de Deus. Pois um mistério não é para o colocarmos dentro da cabeça, mas para colocar a cabeça (e a pessoa toda) nele...

Moisés (primeira leitura) invoca o nome de Deus: “SENHOR, Deus misericordioso e clemente, lento para a ira, rico em amor e fidelidade...”. São essas as primeiras qualidades de Deus. Deus é um Deus que ama. Jesus (evangelho) revela em que consiste a manifestação maior do amor de Deus para com o mundo: ele deu o seu Filho único, que quis morrer por amor a nós. O Pai e o Filho estão unidos num mesmo amor por nós. Em sua carta, João retoma o mesmo ensinamento: “Foi assim que o amor de Deus se manifestou entre nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo, para que tenhamos a vida por ele” (1Jo 4,9).

Assim, tanto no Antigo Testamento como no Novo, Deus é conhecido como “amor e fidelidade”. Essas são as qualidades que se manifestam com toda a clareza em Cristo (a “graça e verdade” de que fala Jo 1,14). Em Jesus, Deus se manifesta como comunhão de amor: o Pai, Jesus e o Espírito que age no mundo, esses três estão unidos no mesmo amor por nós. Um solitário não ama. Deus não é um ancião solitário. *Deus é amor* (1Jo 4,8), *pois ele é comunidade em si mesmo*, amor que transborda até nós.

Se Deus é comunidade de amor, também nós devemos sê-lo, nele. Se tanto ele nos amou, a ponto de enviar seu Filho, que deu sua vida por nós, também nós devemos dar a vida pelos irmãos, amando-os com ações e de verdade (cf. 1Jo 3,16-18). No amor que nos une, realizamos a “imagem e semelhança de Deus”, a vocação de nossa criação (Gn 1,26).

O conceito clássico do ser humano é ser individualista. Mas isso não é cristão... Se Deus é comunidade, e nós também devemos sê-lo, não realizamos nossa vocação vivendo só para nosso sucesso individual, propriedade privada e liberdade particular. A Trindade serve de modelo para o homem novo, que é comunhão. Devemos cultivar os traços pelos

quais o povo se assemelha ao Deus Trindade: bondade, fidelidade, comunicação, espírito comunitário etc.

Como pode haver três pessoas em um só Deus? Pelo mistério do amor, que faz de diversas pessoas um só ser. Deus é comunhão, e nós também devemos sê-lo.

CORPUS CHRISTI (23 de junho)

COMUNHÃO COM O DOM DE CRISTO

I. INTRODUÇÃO GERAL

Como que prolongando a atmosfera paschal, atmosfera do mistério de nossa redenção pelo Senhor morto e glorificado, a Igreja quer celebrar de modo mais expresso o sacramento pelo qual participamos da doação até o fim de seu corpo e sangue, conforme a palavra de Jesus na Última Ceia.

A festa de Corpus Christi não é veneração supersticiosa de um pedacinho de pão nem simplesmente ocasião para procissões triunfalistas pelas ruas. É comprometimento pessoal e comunitário com a vida de Cristo, dada por amor até a morte. É o memorial da morte e ressurreição do Cristo, como diz a oração do dia, mas não é um mausoléu. É memorial vivo, no qual assimilamos em nós o Senhor mediante a refeição da comunhão cristã, saboreando um antegosto da glória futura (cf. a oração depois da comunhão e a bela oração *O sacrum convivium*, de santo Tomás de Aquino). Merece atenção ainda a oração sobre as oferendas, inspirada na *Didaqué* e em 1Cor 10,17, utilizando o simbolismo do trigo e da uva reunidos até formarem pão e vinho para exprimir a unidade da Igreja em Cristo. Pois a festa de Corpus Christi é também a festa do seu Corpo Místico, a Igreja, que ele nutre e leva à unidade da mútua doação.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 8,2-3.14b-16a)

A primeira leitura serve para preparar o reto entendimento do sinal do pão, ao qual o evangelho faz alusão. Já em Dt 8,3, o dom do maná, do “pão caído do céu”, é interpretado num sentido não material, mas teologal: o ser humano vive de tudo o que sai (da boca) do Senhor – sua palavra, sua Lei. Ora, a Palavra por excelência é Jesus Cristo. “Foi Deus quem te alimentou no deserto...”: o maná era símbolo da completa dependência de Israel de Javé, no deserto; e também do amor e da fidelidade de Javé. A recordação disso – um jarro com o maná era conservado no santuário (Ex 16,33-34) – serve de guia para a história (Dt 8,2.14). O caminho do deserto era um ensaio de toda a história salvífica, um teste em que Deus quis mostrar seus dons a seu povo, como os continua mostrando (Dt 8,16b). Não provindo da tecnologia humana, o maná significa que o ser humano vive da palavra e da iniciativa de Deus.

2. II leitura (1Cor 10,16-17)

Na II leitura, Paulo lembra – talvez utilizando algum hino dos primeiros cristãos – que o “cálice da bênção” (*beraká*, “brinde sagrado”) e o pão repartido na assembleia cristã são participação e comunhão do sangue e do corpo do Senhor. Essa participação, ou “mistério”, faz-nos reviver a doação do Cristo e realizá-la em nossa vida. E essa comunhão do único pão nos torna o único Corpo do Cristo. Na ceia eucarística, comungamos da existência (corpo) e morte (sangue) de Cristo. Sendo uma só essa vida que comungamos, formamos um só corpo também. Dizer isso não é um jogo de palavras: quem despreza o “corpo de Cristo” (a Igreja), ao participar da ceia de seu Corpo sacramentado, exclui-se a si mesmo da

comunhão da vida (1Cor 11,29). Quem comunga em Cristo não pode comungar com os ídolos de qualquer tipo (1Cor 10,14), e sabemos que não faltam ídolos de todo tipo em nossa sociedade. Não o consumo de tudo o que se nos oferece, mas a comunhão do corpo de Cristo é nossa vocação.

3. Evangelho (Jo 6,51-58)

O evangelho de Corpus Christi é o final do “sermão do Pão da Vida” segundo o Evangelho de João. Depois da multiplicação dos pães, Jesus explicou o sentido do “sinal” que acabou de fazer: ele mesmo é “o pão que desce do céu” como presente de Deus à humanidade (Jo 6,26-50). E, no fim de seu discurso, explicou um sentido mais profundo ainda desse mesmo “sinal”: o sentido que celebramos na eucaristia (6,51-58). Depois de ter explicado ser o verdadeiro maná (cf. I leitura), Jesus pede que também seja tomado como alimento, em todos os sentidos: não só como alimento espiritual (alimentar-se de sua palavra, de seu mandamento e do exemplo de sua vida), mas também como alimento físico, no gesto sacramental. (No texto grego de Jo 6,54 está que devemos “mastigar” sua carne e beber seu sangue. Maior realismo dificilmente se imagina!)

Esse ensinamento, só podem entendê-lo os que têm o Espírito (6,63), os que receberam o “prometido” da Última Ceia e continuam celebrando essa ceia como realização da ordem que Cristo nos legou. Alimentamo-nos de Cristo não somente escutando sua palavra, mas recebendo o dom de sua “carne” (= vida humana) e “sangue” (= morte violenta) dados “para a vida do mundo” (v. 51). Tomando o pão e o vinho da eucaristia, recebemos Jesus como verdadeiro alimento e bebida. *A sua vida, dada para a vida do mundo, até a efusão de seu sangue, torna-se nossa vida, para a eternidade.*

Esse texto é, portanto, o ensinamento eucarístico de João. Não se encontra no contexto da Última Ceia, como nos evangelhos sinóticos, mas no contexto da multiplicação do pão. Esse contexto permite mostrar melhor, pelo contraste, o sentido profundo, “espiritual”, que Jesus quer revelar pelo “sinal do pão”. Se, para os judeus, que pensam no maná mediado por Moisés, o “pão do céu” significa um alimento material (Jo 6,30-34), para Jesus, significa o dom de Deus que desce do céu e é ele mesmo, em pessoa (6,35-50), especialmente no dom do céu que é “sua carne (= existência humana) para a vida do mundo” (6,51; cf. a fórmula paulina da instituição da eucaristia: “meu corpo por vós”, 1Cor 11,23). Graças a esse dom, podemos ter em nós a vida que ele nos traz, a vida que não é deste mundo, mas de Deus mesmo, a vida eterna (literalmente: “a vida do século [vindouro]”). Devemos assimilar em nós a existência de Cristo por nós, sua “pró-existência” (existência para os outros). Essa assimilação se dá pela fé, pela adesão existencial, pela qual reconhecemos a verdade de Jesus e conformamos nossa vida com a sua. O sinal sagrado, o sacramento disso, é: comer realmente o pão que é sua “carne” e beber o vinho que é seu sangue. A “carne” é a existência humana, carnal, mortal; o sangue é a vida derramada na morte violenta. É isso que devemos assimilar em nós pelos sinais sagrados. A essas realidades devemos aderir na fé assinalada pelo sacramento. Devemos “engolir” Jesus bem assim como ele foi: dado radicalmente, até a morte sangrenta. Realizando autenticamente esse sinal, teremos a vida divina que ele nos comunica.

III. DICAS PARA REFLEXÃO: Eucaristia e comunhão

Depois da multiplicação dos pães, Jesus deu a entender que ele mesmo é “o pão que

desce do céu” como um presente de Deus à humanidade. No fim dessa explicação, eclode o sentido mais profundo do “sinal”, o sentido que celebramos na eucaristia: alimentamo-nos de Cristo não somente escutando sua palavra, mas recebendo o dom de sua “carne” (= vida humana) e “sangue” (= morte violenta) dados “para a vida do mundo” (Jo 6,51). Tomando o pão e o vinho da eucaristia, recebemos Jesus como verdadeiro alimento e bebida. *A sua vida, dada para a vida do mundo, até a efusão de seu sangue, torna-se nossa vida, para a eternidade.*

Celebrar é tornar presente. Receber o pão e o vinho da eucaristia significa assumir em nós mesmos a vida dada por Jesus até morrer para todos nós, em corpo e sangue. Significa “comunhão” com essa vida, viver do mesmo jeito. E significa também comunhão com os irmãos, pelos quais Cristo morreu (“um só pão”, como diz a II leitura).

Na oração eucarística celebrada no contexto da fé, quando o sacerdote invoca o Espírito Santo e pronuncia sobre o pão e o vinho as palavras de Jesus na Última Ceia, Jesus se torna presente, dando-nos seu corpo e sangue, sua vida dada em amor até o fim. Quando então recebemos o pão e o vinho, entramos em comunhão com a vida, a morte e a glória eterna de Jesus e também com os nossos irmãos, que participam da mesma comunhão.

Na eucaristia, torna-se presente o dom da vida de Cristo para nós. Mas a eucaristia se torna fecunda apenas pelo dom de nossa própria vida, na caridade e solidariedade radical. Para que o pão eucarístico realize a plenitude de seu sentido, é preciso resgatar o pão cotidiano da “hipoteca social” que o torna sinal de conflito, de exploração, de desigualdade, de “anticomunhão”. Quando, ao contrário, o pão cotidiano significar espontaneamente comunhão humana, e não suor e exploração, o sentido de comunhão

do pão eucarístico será mais real. Por isso, antes de falar da eucaristia, Jesus providenciou o pão comum...

13º DOMINGO DO TEMPO COMUM (26 de junho)

ACOLHER UM PROFETA

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste domingo, recomeça a sequência dos domingos do tempo comum, após a Quaresma e o tempo pascal. Pela própria lógica da leitura sequencial do Evangelho de Mateus, neste ano A, a liturgia dominical nos faz participar do espírito desse evangelho. Uma dimensão marcante do Evangelho de Mateus é a da missão e do discipulado: os discípulos de Jesus são, por este, “iniciados” em sua missão, no meio de Israel (evangelho de hoje), para, na missão definitiva, fazerem discípulos entre todas as nações (Mt 28,19-20). O aspecto realçado hoje, no evangelho e na I leitura, é a recepção do discípulo-missionário. A II leitura, por seguir a leitura sequencial das cartas de Paulo, não apresenta o mesmo tema, mas, enquanto meditação sobre o batismo, enriquece a consciência do ser discípulo que cada cristão deve ter.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Rs 4,8-11.14-16a)

A primeira leitura nos lembra um exemplo da “recompensa por causa do profeta” de que fala também o evangelho (Mt 10,40-41). Trata-se da história da mulher sunamita e o profeta Eliseu, uma história muito humana. Uma mulher que não tem filhos transfere algum sentimento materno para Eliseu, amparando-o. Como recompensa, Deus lhe dá um filho, segundo a palavra do profeta (2Rs 4,16: “Por este tempo, daqui

a um ano, terás um filho”; cf. a recompensa dada a Abraão e a Sara, sua mulher, Gn 18,10-14). São duas coisas altamente estimadas no Oriente: a hospitalidade e ter um filho.

2. Evangelho (Mt 10,37-42)

O evangelho põe em cena a instrução missionária que Jesus deu a seus discípulos ao percorrerem as estradas da Galileia (Mt 9,35-10,42). Mais exatamente, o fim dessa instrução. O *primeiro tema* é o despojamento do missionário cristão. A missão evangelizadora significa despojamento, desprender-se de sua vida normal (10,37-39). O *segundo tema* é a assimilação da missão dos discípulos à missão de Cristo. Essa missão leva à plenitude aquela dos “profetas e justos”, como eram os homens de Deus no Antigo Testamento (cf. Mt 13,17; 23,29-35). Se alguém recebe os discípulos de Jesus, é como se recebesse esses grandes do Antigo Testamento. Mas os grandes do Novo Testamento são “pequenos” (10,42), e quem os recebe é como se recebesse a Cristo mesmo. Tal hospitalidade será recompensada por Deus com o prêmio pela hospitalidade oferecida a um profeta (cf. o profeta Eliseu na I leitura, 2Rs 4,8-16) ou a um justo (cf. Abraão e os “homens de Deus”, Gn 18,1-15).

Há, porém, uma diferença entre a prefiguração no Antigo Testamento (a sunamita acolhendo Eliseu) e sua plena realização no Novo (a recepção dos discípulos de Jesus). Eliseu era visivelmente um profeta, um “homem de Deus”, acompanhado de discípulos e muito venerado. Os profetas do Novo Testamento, os missionários cristãos, são gente simples, os “pequenos” que deixaram tudo e já não têm lugar na sociedade (Mt 10,37-39). Impulsionados pela urgência de levar o evangelho a todas as nações (Mt 28,16-20) antes que venha o Filho do homem (Mt

10,23), percorrem campos e cidades, vivendo na extrema pobreza, como os primeiros franciscanos. Ora, se já não era fácil, para a sunamita, acolher um profeta “institucional” de Israel, tanto mais difícil foi para o povo do tempo de Jesus acolher esses estropiados missionários errantes que eram os profetas cristãos. Entre eles e seu Mestre existe tal semelhança – também no sofrimento –, que Jesus se identifica com eles: “Quem vos recebe a mim recebe... e àquele que me enviou”. Ora, por isso mesmo, grande é a recompensa de ter recebido um profeta (cf. a sunamita), de ter recebido um justo: nem mesmo um copo d’água oferecido com esse espírito ficará sem recompensa.

Qual será a recompensa não se diz. Mas, olhando para o capítulo 25 de Mateus, notamos que é grande a recompensa por uma boa obra feita ao mais insignificante, mesmo sem saber que se está servindo a Cristo nele: a recompensa é a alegria eterna (Mt 25,31-46). E aí está uma experiência bem específica, que a comunidade de Mateus nos legou no seu evangelho: no séquito de Cristo, os profetas e missionários são pequenos, despojados como ele; mas ele se identifica com o ser humano despojado, pobre, pois essa é a medida de nossa bondade gratuita. O pobre nada pode retribuir. Na atitude adotada para com o pobre (missionário ou não), mostramos a verdadeira generosidade de nosso coração.

O profeta cristão deve ser um “pequeno”, alguém que, por seu despojamento, aciona as comportas mais remotas da gratuidade no coração das pessoas. Aí está o segredo de sua missão: ele não vem proclamar belas teorias, mas transformar o coração das pessoas. Para isso, segue o caminho que Jesus mesmo trilhou: tornar-se pobre e escravo, para suscitar no ser humano verdadeira resposta “de graça”, que corresponda à graça do Pai. O evangelho não se prega com

ostensão e brilho, diz Paulo, mas com loucura e fraqueza aos olhos dos homens (1Cor 2,1-5). O verdadeiro brilho da verdade (cf. a oração do dia) está em nossa fraqueza, quando não mais escurecemos a luz de Deus em nós e, por nossa fraqueza, nos tornamos um convite à generosidade mais profunda do nosso semelhante. Quanta insensatez é pensar que abriremos os corações com eventos sensacionais e organizações poderosas, que quase inevitavelmente estragam as pessoas que nelas “funcionam”. Melhor é o método dos antigos missionários mendicantes: abriam os corações, não oferecendo, mas pedindo...

3. II leitura (Rm 6,3-4.8-11)

A segunda leitura comenta o mistério da participação no grande “ato de graça” realizado por Cristo, participação expressa pelo sinal do batismo: morrer com Cristo e ressuscitar com ele para uma vida nova. Morrer ao pecado e viver, com Cristo, a vida nova de Cristo. Viver com Cristo é doar-se na caridade. Morrer ao pecado é extirpar da nossa vida tudo o que for inspirado por vil egoísmo, vontade de poder, opressão dos semelhantes etc. A tarefa não é fácil. A ressurreição de Cristo é consumada e irreversível, na glória do Pai; a nossa ainda precisa ser, constantemente, confirmada e “verificada” na fé e no empenho de nossa vida cristã. Temos de aprender a usar nossa liberdade para viver para Deus. Nossa vida nova não cai prontinha do céu. O batismo dá a graça, sim, mas a graça só frutifica por nosso esforço. Devemos até reagir contra os conceitos de nossa sociedade e contra nossos costumes e inclinações, que nos possuem mais do que nós os possuímos. Contudo, não conseguimos isso na base do mero esforço voluntarista, mas somente movidos por um profundo amor a Cristo e àqueles por quem ele empenhou sua vida.

CONVITE FRATERNO AOS PRESBÍTEROS DIOCESANOS

É de desejar que todos os Mestres de almas cheguem à perfeição dos conselhos evangélicos, “caminho real da santificação cristã”. Além disso, para grande consolo nosso, muitos sacerdotes o compreenderam e, permanecendo nas fileiras do clero secular, solicitam a piedosas associações aprovadas pela Igreja que os guiem e apoiem nos caminhos da perfeição (João XXIII).

Parece chegar a nossos ouvidos a voz angustiada de uma perturbada multidão que implora a graça de sacerdotes santos, de guias seguros, de pessoas que identifiquem aspirações, interesses e coração com os de Jesus. Espera-se do sacerdote que interprete “de acordo com a fé”, todo acontecimento, interpretação que nasce do encontro pessoal com Cristo, cresce na escuta diária de sua voz, alcança a perfeição na oferta incruenta e total de si por amor a ele (Paulo VI)

A participação do seminarista e do presbítero diocesano em espiritualidades particulares ou agregações eclesiais é certamente, em si mesma, um fator benéfico de crescimento e de fraternidade sacerdotal (João Paulo II, *Pastores dabo vobis*, 68).

Na festa da Apresentação do Senhor, a Igreja celebra o Dia da Vida Consagrada. É ocasião oportuna para louvar ao Senhor e agradecer pelo dom inestimável que é a vida consagrada em suas várias formas. Ao mesmo tempo, é um estímulo para promover em todo o povo de Deus o conhecimento e a estima por aqueles que estão totalmente consagrados a Deus.

De fato, como a vida de Jesus, com sua obediência e sua entrega ao Pai, é parábola viva do “Deus-conosco”, também a entrega concreta das pessoas consagradas a Deus e aos irmãos se torna sinal eloquente da presença do reino de Deus para o mundo de hoje.

Vosso modo de vida e de trabalho pode manifestar, sem atenuações, a plena pertença ao único Senhor. Vosso completo abandono nas mãos de Cristo e da Igreja é um anúncio forte e claro da presença de Deus com linguagem compreensível para nossos contemporâneos. Este é o primeiro serviço que a vida consagrada presta à Igreja e ao mundo. Dentro do povo de Deus são como sentinelas que descobrem e anunciam a vida nova já presente em nossa história (Bento XVI).

Todos os sacerdotes que sentem vivo o desejo de espiritualidade mais profunda e de uma família espiritual à qual pertencer, de uma vida mais empenhada espiritual e apostolicamente, podem tornar-se membros do Instituto Jesus Sacerdote, iniciado pelo Bem-aventurado Tiago Alberione, Fundador da Família Paulina.

Para informações, dirigir-se a: Institutos Paulinos - Via Raposo Tavares, km 18,5 — 05576-200 - São Paulo - SP
— institutospaulinos@paulinos.org.br

III. DICAS PARA REFLEXÃO: O acolhimento dos evangelizadores

Não podemos ouvir as leituras de hoje sem pensar no tema da última Assembleia do Episcopado Latino-Americano, em Aparecida: devemos todos ser discípulos-missionários. Ou, como disse o papa Paulo VI, cada evangelizado deve ser evangelizador. O capítulo 10 de Mateus é um pequeno catecismo do apostolado cristão. No trecho de hoje, Jesus fala sobre o tratamento dispensado aos seus enviados, os apóstolos, os missionários. Jesus nunca escondeu que as perseguições fazem parte da evangelização. Segui-lo significa sacrifício e cruz. Por outro lado, esses “pequeninos”, gente de pouca importância social, que são os apóstolos cristãos, conhecerão também o acolhimento, a singela hospitalidade de um copo de água oferecido. Tais gestos simples são valiosíssimos, pois é como estar acolhendo o próprio Cristo. Esse evangelho ensina a importância da acolhida dos pobres missionários itinerantes. Aos olhos do mundo, eles “perdem sua vida”, mas, na realidade, ganham-na e realizam-na. E quem se solidariza com eles se solidariza com o próprio Cristo.

Também hoje, pregar o evangelho significa tomar a cruz. Os que exigem justiça e fraternidade, conforme o projeto de Deus, são crucificados (até literalmente). São “pequeninos”, mas encontram a solidariedade dos próprios pobres e oprimidos: não faltam exemplos de como Deus recompensa sua abnegação pela visível transformação das comunidades.

Jesus chama seus mensageiros de “pequenos”. Não precisam ter brilho na sociedade. Tendemos a dar maior valor à palavra de um graúdo do que à de uma criança ou de uma pessoa simples. Entretanto, a verdade sai da boca dos pequeninos. A verdade não depende de quem a fala. Por isso, é bom ouvi-la da boca de alguém que não tem importância, como aconteceu certo dia a um ilustre professor quando, distraído, jogou um papel na rua e um adolescente lho devolveu para que o colocasse num cesto de lixo.

Abnegação a serviço do evangelho por parte do apóstolo, acolhimento e generosidade por parte da comunidade, eis um “diálogo da graça”. O evangelho ensina a acolher os evangelizadores como se fossem o próprio Cristo, mas então devem também ser verdadeiros seguidores de Cristo, dignos dele.

Assine a Revista ECOando



Tel.: 11 3789-4000 (São Paulo e gde. S. Paulo)
Para outras localidades, ligue 0800 164011
ou envie um e-mail para assinaturas@paulus.com.br



ECOando

Formação interativa com catequistas

ECOando

288 páginas

Cód.: 9780000003935

Subsídio especialmente voltado para a formação das lideranças e dos catequistas em geral. A cada número, o leitor tem nas mãos um tema que é desenvolvido de forma atual, dinâmica e interativa. Este periódico é apresentado com ricas ilustrações e é totalmente colorido.

PAULUS: 29 livrarias distribuídas por todo o Brasil.

Vendas: (11) 3789.4000 | SAC: (11) 3789.4119

Visite nossa loja virtual

paulus.com.br

